

FR. M. A. BELLOUARD, O. P.

*JOVENS:
VOCÊS E A
VIDA*

Jovens: Vocês e a vida



Pelo Fr. M. A. Bellouard, O. P.
Versão portuguesa de Lúcia Soares Carneiro
Edições Caravela LTDA.
1950

Nihil obstat
Frei Pedro Secondi O. P (censor ad-hoc)

Imprimatur
Mons. R. Costa Rego (Vigário Geral)

ÍNDICE TRANSCRITO

- Prefácio

1- VOCÊS E A IGREJA

- A Igreja e Vocês;
- O que ela vos dá;
- O que não é só dela;
- O que absolutamente não é dela;
- O que ela parece fazer contra vocês;
- O que ela na realidade vos dá:

* Vossa fé;

* Vossas esperanças;

- * Vosso amor a Deus;
- * Vosso profundo coração;
- * Vossa verdadeira grandeza.

- O que ela vos pede:

- * Pede-vos tudo quanto vos ordena;
- * Pede-vos que a honreis;
- * Pede-vos que lhe prepareis o futuro: religiosas; solteiras no mundo e mulheres e mães.

- Pede-vos que sirvais

- * Que é servir?
- * Como servir.

2- VOCÊS E AS VOSSAS RESPONSABILIDADES

- Sois as guardiãs
- Que é guardar?
- O que se deve guardar:

- * Deve-se guardar no mundo a fé;
- * Deve-se guardar ou restituir ao mundo o pudor;
- * Deve-se guardar para o mundo o verdadeiro amor;
- * Deve-se guardar o ideal.

- Guardar com que disposições?

- * Primeiramente, deve-se crer no valor do que se guarda;
- * Em segundo lugar, para serdes boas guardiãs, deveis acreditar na necessidade de o serdes, vocês, não as outras, vocês, mais do que as outras;
- * Em terceiro lugar, para serdes boas guardiãs, urge vos creias capazes de vigiar, e, se tudo não se salvar, já é alguma coisa que ao menos nem tudo se deixa perder;
- * Enfim, para serdes boas guardiãs, deveis ter e pedir essas qualidades de alma que convêm a semelhante mister.

- Há guardar e guardar

- * Coisas há que se guardam, abrigando-as;
- * Há coisas que se conservam, consertando-as;
- * Consertam-se certas coisas, mantendo-as limpas;
- * Muitas coisas se conservam servindo-nos delas;
- * Preservam-se certas coisas defendendo-as;
- * Há coisas que se mantêm pelo sacrificio.

- Se não vigiardes
- Mas sereis guardiãs.

3- VOCÊS E VOSSA PUREZA

- Puras!
- As lutas;

- Os pés sobre a serpente:

- * A serpente é aquilo que rasteja;
- * A serpente é aquilo que se adapta;
- * A serpente é aquilo que se renova;
- * A serpente é aquilo que estreita;
- * A serpente é aquilo que silva;
- * A serpente é aquilo que fascina;
- * A serpente é aquilo que envolve;
- * A serpente é aquilo que tem veneno;
- * A serpente é aquilo que cospe;
- * A serpente é aquilo que se ergue;
- * A serpente é aquilo que morde.

- Os sacrifícios;

- * Reserva de ternura que devem ser retidas;
- * Ternuras que se devem recusar;
- * A solidão que se deve aceitar;
- * A piedade que se deve reter;
- * As incompreensões a que nos devemos sujeitar;
- * O escândalo que se deve temer.

- O esplendor;
- A coroa de estrelas;

- * O esplendor divino;
- * O esplendor da liberdade;
- * O esplendor da força;
- * O esplendor da felicidade;
- * O esplendor da suavidade;
- * O esplendor da paz;
- * O esplendor da nobreza;
- * Conclusão.

- Louca por sua alma;

4- VOCÊS E VOSSAS LEVIANDADES

- Virgens loucas;

- Marta a louquinha que dança;

- * Razões que a dançarina apresenta para se supor “Virgem prudente”;
- * Razões pelas quais se pode chamar a dançarina “Virgem Louca”.

- Suzana a louquinha que amua;

- * É aborrecido porque não pode ser escolhido;
- * É aborrecido porque não tem brilho;
- * É aborrecido por ser monótono;
- * Há quem amue com a consciência;
- * Há quem se aborreça com os chamados de Deus;
- * O apelo de Deus é exigente: Há quem amue com essas exigências;
- * Além disso, o chamado de Deus significa sacrifício... o sacrifício aborrece.

- Raquel a louquinha que ri;

- * A queixa;
- * A jovem louca que ri diante da vida;
- * A louquinha que ri para a beleza;
- * A louquinha que ri diante do perigo;
- * A louquinha que ri diante da dor;
- * A louquinha que ri para si mesma.

- Madalena a louquinha que “flirta”;

- * O “Flirt” e suas conseqüências;
- * Que é flirtar?
- * Flirtar é divertir-se com o coração;
- * Com essa brincadeira o coração se macula;
- * Com essa brincadeira o coração se gasta;
- * Com essa brincadeira o coração torna-se falso;
- * Habitua-se a só viver pela metade;
- * Habitua-se a uma impossível e exaustiva dispersão de ternuras;
- * Flirtar é divertir-se com a própria consciência;
- * A consciência, o que é?
- * O que vale?
- * Suas grandes qualidades?
- * Flirtar é divertir com a consciência;
- * Resultados da brincadeira;
- * Flirtar é divertir-se com a alma;
- * A alma perde o gosto pelo invisível;
- * A alma perde o gosto pela piedade;
- * Muda a alma para pior;
- * Assombros assustadores;
- * Flirtar é divertir-se com um outro;
- * O Flirt e suas falsas justificativas;
- Primeira parte;
- Segunda parte;
- Terceira parte;
- * Conclusão.

5- VOCÊS E VOSSO FUTURO

- Casada;

- * Existem sinais desta devoção?
- * De antemão, que pensar do casamento?
- * É preciso acreditar na sua grandeza;
- * É preciso pesar os deveres;
- * Como preparar-se para tal ato?
- * Pelo aprendizado de virtudes que nele devem ser praticadas;
- * A mulher cristã dever ser trabalhadora, séria, amorosa; fiel; forte; condutora para Deus.

- Religiosa;

- * O que é uma Religiosa?
- * Que pensar da vida religiosa?
- * Quais são os sinais indicadores do chamado à vida Religiosa?
- * Obstáculos e mais obstáculos;
- * Decidir por si ou consultar?
- * Será preciso preparar-se, e como?

- Solteira no mundo;

- * As duas espécies de solteiras;
- * Que pensar delas?
- * Conclusão.

Prefácio

Pais:

Aí tendes o livro de vossas filhas...

Esta “Edições Caravelas LTDA”, que tem diante de si um róseo futuro se não se deixar carcomer pelo micróbio da improvisação e da aventura – característica desta época de aventureiros e improvisadores -, inaugura a série de livros em língua portuguesa com o Religioso Dominicano Padre Bellouard, que para a mocidade católica brasileira var ser o que os franceses chamam uma “coqueluche”.

É ainda, será sempre a preocupação, máxima a sociedade de amanhã, dado que a presente amolece, entorpece-se, esvazia-se, desfibra-se. Há que reagir, que manter acima do charco a flor por excelência da Criação. Já se sabe de sobejo que os pactos e convênios deram em água de barreira; que as reestruturações são antes mero jogo de palavras; que os sistemas políticos malograram miseravelmente como processos de propinarem a felicidade aos povos; e que a humanidade está a pique de atingir essa fase de “estouro de boiada” que antecederá o Juízo Final...

A juventude e a mocidade que vão saindo de nossas escolas necessitam de um sentido de vida, e só a Igreja pode e sabe dar-lho. Temos que fazer um esforço desesperado de

modo a apresentarmos a próxima geração um pouco melhor, pelo menos um pouco melhor que essa que anda por aí. E só a mulher, quando bem informada, quando bem enquadrada no programa do Sermão da Montanha, é capaz de operar o milagre. Não essa mulher sabida, petulante, masculinizada, que enche as praias de carne exposta, as calçadas de borrões de tinta, as confeitarias de maritacas, e as repartições públicas de criaturas avoadas, enfeitadas, quase inconscientes, ou no afã de matarem o tempo, ou na ânsia de conquistarem pecúnia para seus balagadans, em todo o caso fugindo desabridamente das responsabilidades do lar, das maçadas da cozinha, das mais que maçadas dos filhos.

A mulher cristã, que sabe guardar bem guardado o tesouro da fé, que sabe pautar seus atos pelo Decálogo, que sabe viver a vida recatada e composta das mulheres que se prostravam diante de Jesus, humildes e confiantes, não das que agora se prostram diante de Gary Cooper, assanhadas de sensuais. A mulher coluna temente de Deus, último fim, razão máxima, objetivo primacial, Deus suprema beleza, Deus supremo Amor, Deus mártir no Filho, glorioso em Maria, crucificado todos os dias em altares por todos os homens, mas, afinal de contas, ressuscitado todos os dias nos exemplos de fé e heroísmo, nas renúncias, nas abnegações, nos cilícios, nos martírios de filhas, de noivas, de esposas e mães que trazem a noção do papel que lhes foi distribuído para o grande drama da vida humana... que é também epopéia.

O Padre Bellouard tem o jeitinho de levar água aos dentes do moinho. Sabe falar às jovens com a carícia e a um tempo a severidade de princípios que mais convêm aos tempos que estão correndo. Conhece bem a alma feminina. Sabe onde dói a ferida. E dirige-se à donzela cristã de nossos tempos com a gravidade, mas também com a carícia de um pai que se desvela pelos pequerruchos. Seu estilo é suave, os conselhos amorosos, e por todos os seus apelos perpassa um fiozinho de graça e otimismo, que não pode deixar de levar ao conhecimento e ao amor da vida como um prêmio e não como um fardo.

Este é o livro da donzela brasileira, o livro de minhas filhas, de minhas netas, de vossas filhas e vossas netas, leitores meus, que ainda não estais com a alma embotada, o coração empedernido, a consciência anquilosada e vos mantendes dispostos a reedificar um Brasil melhor, não no estilo dos arranca-céus, mas numa maravilhosa floração de almas cristãs.

(Soares d'Azevedo)

1- VOCÊS E A IGREJA

Jovens!...

A Igreja e vocês!

A Igreja sois vós!... Nasceu para vós!... Nascestes para ela!... A ela assistem direitos... a vocês impõe deveres!... Aos seus apelos correspondem vossas respostas!... O que vos dá, o que vos pede!...

O assunto é vasto, e o problema é solene. Há um passado inteiro que entra aqui em jogo, como há um futuro inteiro empenhado.

A Igreja, mãe dolorosa e grave, a fronte curvada de tantas angústias, os ombros sob o peso de tantas responsabilidades, vede, jovens, que a Igreja está olhando para vocês. E espera que, só em olhá-la, saibas compreender.

Não baixeis os olhos, não desvieis a cabeça. Isso não passaria de uma vil ingratidão. Sede simplesmente sinceras. Aparecei com vosso rosto em frente ao seu, deixai-vos iluminar pelos seus clarões.

Lede em sua face augusta a história dos trabalhos que por vocês cometeu e o programa de vossa missão, dessa nobre missão que para ela haveis de cumprir.

O que ela vos dá

O que não é só dela

Não foi a Igreja que através dos anos ocupou vossa vida, tratou de vossos insignificantes sofrimentos de criança, enxugou as pequeninas pérolas de vossas lágrimas. Entretanto, os que vos amaram e consolaram talvez o houvessem feito com menor delicadeza se a alma maternal da Igreja não houvesse penetrado profundamente neles.

Não foram seus lábios, ó jovens queridas, que vos depositaram nas frentes infantis o beijo das manhãs e das noites. Mas é bem possível que sem ela o beijo tivesse sido menos suave, porque o coração de vossas mães teria sido menos puro e a ternura menos divinamente profunda.

Não foi ela que vos ensinou a soletrar as sílabas, a pronunciar e a ler as palavras, a escrever as letras e os números... Mas quem sabe se não foi mesmo ela?... Quem vos mandou as professoras? e que seria da instrução do povo se a Igreja jamais tivesse existido? Lembrai-vos de que nesse mesmo século em que São João Batista de la Salle empreendia em alta escala a educação dos povos, Voltaire dizia isto:

"Há que proibir o estudo aos lavradores... Parece-me essencial que haja miseráveis ignorantes... O povo será sempre louco e bárbaro: são bois precisados de canga, agulhão e capim..."

O que absolutamente não é dela

Certamente não foi ela que vos cortou os cabelos "à la garçonne"... Ah! se o tivesse sido, quantos gritos, quantas indignações em nome da liberdade individual, do bom gosto, dos resfriados... Quantos protestos!... Mas não foi ela, não... Foram outros, bem outros altares, não nos seus, que se consumou o sacrificio... Não é ela a segadoura desta messe loura... Não é ela, não... Chega mesmo a não gostar que o tivessem feito... Inquieta-se... E vai se perguntando a si mesma... aonde é que isso vai parar... quem ganhará com tais práticas... Sabe que o problema da salvação não é um problema de cabelos cortados ou não cortados; por ter tido os cabelos por demais compridos, enforcou-se Absalão; por tê-los demais curtos, Sansão perdeu a força; por ser calvo,

Eliseu faz-se insultar... E ela sabe de tudo isso... Pensa que há dois modos de tratar a harpa, um tendo-a na mão, para dela tirar sons harmoniosos, e outro que consiste em mantê-la suspensa dos salgueiros do rio, apreciando seu melancólico silêncio. Pensa também que os cabelos poderá uma jovem guardá-los em sua gavetinha, de reserva para a época em que a moda os exigir compridos, mas também entende que a jovem os poderá conservar na cabeça, lugar, afinal de contas, que lhes seria muito adequado...

Em resumo, senhorinhas, não foi a Igreja que vos cortou os cabelos, foi à moda, foram vocês mesmas... Não ela...

Não foi ela que encurtou vossos vestidos... Se a coisa só dependesse da Igreja, tê-lo-íeis mais compridos... pelo menos um pouco mais compridos... Não foi ela que suprimiu as mangas de vossos vestidos... Quem foi então?

Não ela! Ao contrário, não se cansa de protestar... Não foi ela que inventou os decotes, os escandalosos decotes... Muitas vezes se envergonha de vocês, ó moças levianas, moças voluptuosas, moças tentadoras. E não poucas vezes vossa imprudência censura o gesto de pudor maternal com que ela cobre com um manto vossos ombros. Quando as filhas de Jerusalém se vestem como as filhas de Babilônia, o templo vivo não tardará a sofrer ultraje... Quando as cristãs se gloriam daquilo que para o Crucificado constituía um silencioso tormento, por onde é que anda o progresso do mundo? E que feiticeira é essa que seduziu as virgens prudentes?

Não foi ela que vos adornou as salas de baile nem ainda é ela que marca o ritmo do tango. Vê-vos dançar tomada de ânsias, ouve a cadência de vossos passos por sobre o assoalho. Aflige-se com vossa tranqüilidade; surpreende-se com vossas audácias; escandaliza-se em ver a ronda noturna acabar em comunhão matinal...

Não é ela que alinha, nas vitrinas das livrarias, nos quiosques das cidades, nas bibliotecas das estradas de ferro, os livros tentadores, as brochuras licenciosas, todo um aparato de sedução, menos terrível que um material de tortura, mas muito daninho... Não é ela... Seu coração sofre bastante quando vossas mãos se estendem para estas coisas. Se pudesse, mais terna que brutal, haveria de arrancá-las de vocês... Treme pelo que vos arriscais a perder; indigna-se com ver vocês todas entregarem-se inconscientemente aos atrativos mortais. Não compreende que vocês não compreendam...

Não é ela que vos propõe o "flirt", que prepara para vocês os encontros suspeitos; que combina os pós e os cremes para os olhos e a boca... Não é ela que vos diz, assim com um sorriso displicente, que "vosso amor é livre", que "vosso corpo vos pertence", que o "direito à felicidade" é a própria fórmula da vida...

Não é ela...

E eis porque todas essas -- e tantas -- para quem tudo isso (danças, toilettes, frivolidades, amor) é tudo, assumem perante ela, ou uma atitude de indiferença, visto que essa Igreja não serve para nada, ou uma atitude de desprezo, visto que essa Igreja nada entende disso, ou uma atitude de rancorosa hostilidade, já que essa Igreja estraga tudo...

Louquinhas, crendo-se sábias... Em boa verdade, são lógicas consigo mesmas. Pois, se comer, beber, rir, dançar, perfumar-se, enfeitar-se, namorar, gozar, se tudo isso é a vida, a Igreja nada tem que fazer ao meio desse negócio...

Ou então ela é demais aqui na terra, já bastante infeliz, para vir oprimi-la mais ainda com suas censuras, suas proibições, suas perpétuas intervenções na felicidade humana, como se estivesse empenhada em dar cabo dela!

O que ela parece fazer contra vocês

Realmente, a Igreja está em toda a parte, ao longo das estradas, pelas encruzilhadas, nas praças, pelo limiar das casas.

Com olhar vigilante, ora de quem ameaça, ora de quem acusa; o braço erguido, como que para dispensar a cavalgada dos prazeres; o dedo sobre os lábios, como que para impor silêncio à canção alegre.

Que adianta negá-lo, minhas jovens? A Igreja parece estar trabalhando contra vocês, e há em vós, nas horas más, um mundo de pensamentos e de emoção que se revolta a missão que ela desempenha.

Ergue barreiras diante da independência de vossos vinte anos, afixa cartazes com estes dizeres: "Transito impedido". Na árvore dos prazeres, onde a serpente trama seduções, para quantos frutos aponta com a marca de frutos proibidos! Venda os olhos da mocidade para esconder dela o que os instintos desejam...

Em vosso coração, limita o direito a qualquer amor, como em vossos lábios a qualquer declaração ou beijo... Seus preceitos, seus habituais conselhos, suas constantes diretivas em matéria de "toilette", de diversões, de visitas, parecem inspirar-se numa desconfiança de vocês mesmas, numa vontade clara de vos por limites à felicidade, numa preocupação em esconder vossa beleza.

Quanto tantas vozes vos chamam, é ela a única a dizer-vos: "Não vades..."

Bem no fundo de vossas culpáveis alegrias, é ainda ela que mantém impiedosamente o remorso. Martiriza o coração, mandando que o conserveis puro e livre. Faz-vos sofrer, deixa-vos chorar, conservando perante vossas fraquezas, luminoso e exigente, o ideal cristão que as condena.

Impede que constituais vossa felicidade à custa do pecado e que pagueis com vossa virtude os excitantes êxitos com que tantas outras se embriagam.

E então é isto que ocorre: a impaciência toma conta de vocês, enerva-vos o barulho das cadeias religiosas, vossos olhos irritados despedem chamadas contra a Carcereira... Ou então, sem cólera, mas entristecidas, contentai-vos em xingá-la silenciosamente. E quando, nesse estado de alma, se vos fala da Igreja, de seus benefícios, do amor que lhes deveis, essas palavras despertam em vossos lábios um sorriso vagamente desabusado; ouvís e pensais: "Sim, sim... mas, por mim, o que dela sei são os obstáculos que opõe aos meus caprichos e a fria sombra que estende por cima de minha juventude..."

O que ela na realidade vos dá

Assim pensais nas horas menos felizes. Ou antes: assim pensa em vós o que há de menos bom, de menos claro e de menos generoso...

Ah! minhas filhas, a verdade é essa.

Vossa fê

Tendes fê. E isso é uma grandeza, quando se pensa nas que se agitam nas grandes dúvidas ou se imobilizam na incredulidade que nega! E isso é uma luz, quando se pensa nessas almas tenebrosas, num sistema de portas fechadas, sem sol íntimo, que não sabem, não vêem, não se servem das próprias mãos para tatear nas pedras indicadoras do caminho.

Essa fê, de quem a tirais vós? quem vo-la ensinou? quem vo-la conserva? Pensais que sem a Igreja em quem ireis crer então? em que garantias?

Vossas esperanças

Trazeis no coração as ardentes promessas da esperança cristã. E isso já é muito... Só elas mantêm a cabeça erguida, o olhar luminoso sob as lágrimas que às vezes o empanam. Sem essas esperanças, como viver? Como viver, sobretudo quando tantas decepções fazem curvar a cabeça para o repouso tentador da terra, e quando não sendo vocês compreendidas, amadas e felizes, sentis as mornas tristezas amontoar-se, como brumas, ao redor de vossos corações?

Esta quente esperança, princípio de energia, fermento de otimismo, quem é que vo-la mantém, bem alta no céu? Não é sempre a Igreja que canta a suave canção?

Se ela se calasse, quem é que em seu lugar, e com o acento que penetra, modularia o divino acalento para os recém-nascidos e os mortos?

Vosso amor a Deus

Amiais a Deus, jovens. Só há carne e sangue, só há lama em vossos corações. Ora, já refletistes no extraordinário que significa tal amor num ser humano? Amiais a Deus, pouco ou muito, mas afinal de contas sempre O amiais.

Talvez que o desejo de O amar cada vez mais vos atormenta; ou talvez o pesar de não O amardes bastante. Acima de todas as vossas ternuras, paira esse grande amor, como uma luz cálida que matiza a alma. Está no fundo dessas mesmas ternuras, para vivificá-las, para idealizá-las continuamente e, falhando, para vos consolar de suas insuficiências. Amiais a Deus; dizeis-Lhe: "Nosso Pai"; dizei-Lhes: "Meu amigo"; dizei-Lhes: "Vós", e estais certas de sua resposta de amor. Amiais Deus em a natureza, obra Sua; em vossa consciência, Sua voz; em Jesus Cristo, Seu Filho e o vosso Irmão... vós... Deus... E, de um o outro, o amor.

E quem vo-lo deu, esse amor o mais belo presente com que enriquece a vida? Fora da Igreja de Jesus, ama-se a Deus? Para amar, seria preciso conhecer. E Deus, esse inexprimível mistério, só nos diz Seu verdadeiro nome pelos lábios de Cristo, não nos faz Sua indiscutível Revelação senão no coração de Cristo... Mas Cristo e a Igreja, isso é uma coisa só (Cabeça e corpo). A Igreja, dando-vos Deus, dá-vos Seu amor por vós, vosso amor a Ele...

Fechai os olhos, jovens, para esta suprema confidência. No grande silêncio íntimo ouvi estas palavras: "Ele me ama... Eu O amo". Deixai que se propague seu eco pelo fundo dos vossos sonhos, das vossas tristezas, das vossas vastas aspirações...

É então que, radiantes e emocionadas, reconhecereis o que à Igreja estais devendo, a essa Igreja à qual estais devendo o amor de Deus.

Vosso profundo coração

E não é ela ainda que, ensinando-vos o amor de Deus, vos ensina as leis supremas de todo o nobre amor?

Pode-se fazer do amor um egoísmo ou dissimulado, uma violenta sensualidade, uma facécia, um jogo barato, ou um drama de sensação... Pode-se fazer dele um dom, discreto e magnífico; uma oferenda até a imolação; o sacrifício de uma pessoa para a alta felicidade de outra. Cristãmente, é o amor total. Aplicado a Deus, aplicado aos seres aos quais nEle se ama.

Vosso coração, jovens, pensa que isso é que é o amor, eu o espero, e se prepara para realizá-lo.

Mas onde é que se lê a fórmula de tal amor? Nas palavras do templo pagão? De modo algum... Por quem foi trazida sua mensagem? Pela voz da carne e de sangue? Não! Não! A carne é egoísta e fraca; só a natureza, abandonada ao seu instinto, absorve, monopoliza, devora...

Esse amor formulou sua Lei, numa noite de quinta-feira, à Ceia; numa tarde de sexta-feira, no Gólgota. Amar, o que se faz quando se ama, isso o ensinou ao mundo Aquele que segurava o pão consagrado. Agonizando, morrendo, morto, na Cruz sob um céu negro como chumbo, dizia o Amor, era o amor.

Naquelas em que caiu uma só gota desse sangue, o coração está vivo desse amor. E com as outras, como é? De onde tomariam este segredo, que só se lê no fundo do coração de Cristo? Onde o beberiam, quando é Ele a fonte única?

Então, jovens! Jovens que, aos dezoito anos, quando rufiais as asas para a partida, ides para o Amor-Caridade que vos sacrifica; ó Irmãzinhas, ó Missionárias, a todas vós, dolorosas e abandonadas da vida, é Cristo que vos impele... é a quente mão da Igreja que vos conduz... Duro? Sim, é duro, mas não deixa de ser glorioso. Se a Igreja só houvesse aberto à mocidade um tal caminho de viagem, seria o bastante para verdadeiramente a bendizermos, pois nesta hora generosa estais supremamente belas, com o rosto iluminado e calmo... As filhas dos Patrícios, na Roma antiga, não tinham tal brilho. Agora mesmo ele se extinguiria, nesta mesma tarde, se a Igreja deixasse de

perpetuar a Cristo. Uma vez apagada a Luz do mundo, aonde iriam buscar o puro esplendor? Uma vez repellido o Sal, quem preservaria da corrupção nossos fracos corações carnis?

E então, vós, jovens, que, sonhando, com o amor humano, sonhais ao mesmo tempo com a dedicação absoluta, com a união perfeita de dois no culto à Verdade única; quando preferis este futuro de amor ao abrigo de um trêmulo pudor, numa límpida pureza, num exercício cotidiano de obscura fidelidade; quando acumulais, não as desperdiçando, vossas reservas de inviolada ternura; quando colocais o infinito de Deus na espécie de infinito de vosso pobre coração - praticais o amor cristão. Fazeis florir sobre a terra a flor verdadeiramente divina da vossa juventude. Flor das alturas, que não se via desabrochar no tempo em que o "Sol da justiça" ainda não aquecia a terra...

No entanto, sem a Igreja, mestra e mãe, rica de Cristo e de Seus Sacramentos, teria nascido esse amor? Nascido, teria vivido? Ai!...

Abençoada seja aquela a quem, mais de que a ninguém, o mundo o deve. E vós, depositárias de um tal tesouro, não cometais a ingratidão de esquecer a Igreja, da qual o recebestes, e a mão que vos protege contra tantos ladrões emboscados à margem dos caminhos...

Vossa verdadeira grandeza

Foi pela Igreja e nela que subistes às alturas. Que nobreza, que grandeza a vossa, na pessoa de tal ou qual de vossas companheiras que o mundo admira sem reservas!

A jovem isolada torna-se quase fatalmente o ser ameaçado e fraco, que sonha e que treme. Sua idade e seus encantos constituem para ela um perigo. E são tantas às vezes em que celebram sua beleza para a explorarem indignamente! Frequentemente, para ela, o pedestal não passa de um meio de cair de mais alto, e, caindo, de se fazer maior mal.

Mas eis que ao calor maternal da Igreja ela se ergue, ereta, abrigada e intacta; alta a coragem viril à graça virginal; nas mãos, sustenta o lírio e a arma da batalha; e assim, onde os homens são vencidos e cedem, ela triunfa.

Citemos nomes: Águeda, Inês, Blandina a escrava, Joana d'Arc a libertadora, Bernadette a vidente, Teresa a Carmelita, e outras, inúmeras outras, vestidas de branco ou de púrpura, sorridentes e castas, glória de seu povo, honra de uma raça. Jovens, sim, mas realizando o ideal. Perante elas a zombaria expira, inclinai-vos com respeito, a admiração entusiasta vos confunde, inspirando-vos louvores ardentes.

Nessas generosas campanhas, como sois belas! E, no culto que lhes presta o mundo, que confissão de vossa augusta grandeza! Este mesmo mundo, que tão depressa procura fazer de vós criaturas miseráveis, julga-vos aqui mais fortes que ele. O respeito que aqui vos presta é uma confissão de sua própria derrota.

A tais alturas só a Igreja vos pode elevar. Olhando para estas heroínas da pureza, da humildade, da caridade, olhai para a vossa própria imagem e orgulhai-vos de vós mesmas naquelas de quem vos sentis tão orgulhosas.

Que a Igreja vos seja cara, por vos haver dado de vós próprias tão alta idéia. Entre os serviços a prestar a uma criatura, não é esse um serviço eminente que lhe ensina a dignidade e, quando se trata de uma jovem, a força a crer em seu valor desdobrando-lhe, nos cumes luminosos, o desfile magnífico de suas irmãs em Nosso Senhor Jesus Cristo?

Terei a coragem de o dizer? É preciso que o diga. Sem a Igreja, não só jamais passaria o desfile magnífico pelos cimos luminosos, mas ela própria se arrastaria, pelos barrancos ou pela planície, a caravana das pobres jovens. Assim como antes de Cristo ela caminhava, assim caminha hoje sem Cristo. E, onde Ele deixar de estar, recomeçará ela sua viagem...

Não tendes ilusão, por favor... Certamente que o grupinho das muito belas, muito inteligentes, muito ricas terá seu êxito fácil e seu prestígio passageiro... Mas é só um grupinho. As filhas dos Patrícios não passavam de uma ínfima minoria em Roma.

E as outras? as outras? O conjunto? Vocês? Se o paganismo integral recobrir a terra, com sua doutrina de aniquilamento e sua moral de imoralidade, que será da jovem? Que respondem os que aprenderam as lições da história e conhecem, no fundo da natureza humana, as terríveis potências do egoísmo? Que será da jovem? Será o que já foi, e por muito tempo...

Sobre esta miséria, deixemos cair o véu por detrás do qual ainda talvez se ouçam algumas gargalhadas, mas principalmente lamentações, apelos dolorosos, pedidos de libertação e o morno silêncio trágico das inocências perdidas...

No triunfo cristão da Igreja ninguém ganhou mais que a donzela, pois ninguém mais que ela tinha tudo a perder da devassidão antiga e da primeira brutalidade.

Não é a moda, não é a dança, não é a "liberdade" concedida às paixões que, emancipando-vos, vos engrandecem... Seríeis ingênuas se assim pensásseis. É antes de mais nada a Igreja, e seríeis ingratas se o esquecêsseis; injustas se o desconhecêsseis.

O que ela vos pede

Pede-vos tudo quanto vos ordena

Pede que restituais a outrem o que lhe é devido, que respeiteis seus bens, reputação, felicidade, e que, se é culpado ou desgraçado, não o seja injustamente, por culpa vossa.

Espera que sigais, no uso dos prazeres, nas satisfações dadas aos sentidos, no emprego do coração, as sagradas regras que fazem da vida humana uma vida moral e da juventude alguma coisa divinamente bela.

Espera que sejais virgens sábias, e não virgens loucas, com receio de que, se não fordes sábias hoje, menos ainda o sejais amanhã. Que é uma virgem sábia? A que faz da vida uma preparação séria, uma expectativa diligente, pois sabe que o Mestre voltará e que não serão todas que então hão de entrar na sala do festim. Então, cuidadosa e prudente, conserva-se em estado de alerta; sua lâmpada está provida, quer dizer: sua consciência é pura, o coração cheio de amor. Ao primeiro apelo, levantar-se-á sem angústia, porque digna ao Esposo, de caridade na mão, realiza as condições requeridas para ser

convidada às núpcias eternas. Não faz da vida uma diversão, uma bacanal, um sono pesado entre duas diversões.

Tanto pior para quem leva as coisas por esse lado. Quando a si, sábia e cautelosa que é, deixa as loucas entregues à sua loucura e, à margem do turbilhão, sentada, recolhida, grave como a própria vida, pensa em que tudo passa menos Deus que mais noite menos noite a morte chega, e que a razão estará ao lado, não das que aqui no mundo muito tiverem rido, mas das que, santamente ativas, houverem preparado o encontro com Cristo.

Espera que sejais, segundo o Evangelho, o sal da Terra, luz do mundo, levedo da massa, o santo perfume de Jesus Cristo.

Sal da Terra, e sabeis o que isso quer dizer: que com vosso fervor consigais impedir que a podridão tudo domine e que retardeis a corrupção que trabalha no coração da humanidade.

Luz do mundo, e sabeis o que isso quer dizer: que de vossa frente pura, de vosso olhar sem pecado, de vossa sorridente bondade, de vosso irradiante pudor, de vossa exemplar conduta, se desprenda essa misteriosa claridade em que sempre se envolvem as almas nobres, e em que instintivamente, como que em abandono, se refugiam as almas nobres, ou simplesmente mais inquietas e mais dolorosas.

Levedo da massa, e sabeis o que isso quer dizer: que na mediocridade comum, na indiferença do vosso meio, no ambiente pesado de tantas consciências deprimidas e chatas, sejais para outras esse princípio ativo, secreto e discreto, mas poderoso, que regenera, levanta as energias caídas, dilata os corações retraídos. Pouco levedo é bastante para muita massa. Muito bem pode praticar uma alma generosa. Uma só.

Santo perfume de Jesus Cristo, e sabeis o que isto quer dizer: que se desprenda de vós, não volúpia, nem sensualidade, nem vício, nem leviandade, nem egoísmo, nem dureza, mas alguma coisa muito pura e muito doce, que faz com que as crianças tenham confiança em vós, como a tinham em Jesus, e que os infelizes voltem de novo a esperar, como o faziam também em torno de Jesus, e que os culpados, confusos, constrangidos, mas não esmagados, se sintam há um tempo miseráveis e capazes de não mais o serem, como quando em presença de Jesus.

Espera que respeiteis em vós mesmas o futuro com todas as suas promessas e exigências, o passado com todas as suas lições, o presente com todos os apelos divinos que o solicitam.

Espera que considereis o mais belo dia de vossa vida, não aquele em que houverdes conquistado um jovem perturbando-o, mas aquele em que houverdes salvado uma alma, apaziguando-a se treme, consolando-a se está só.

Espera que prefirais ser boas a ser felizes e que, tornando-se impossível ser ao mesmo tempo uma e outra coisa, escolhais a bondade sem a felicidade, do que a preferência à felicidade sem a bondade.

Espera que, se por desgraça comerdes o fruto proibido, não cometais ao menos o crime de o colher para outros na árvore do mal e não lho ofereçais com um gesto satânico de cumplicidade.

Espera que olheis para o lado das santas, seguindo-lhes o cortejo, e não o lado das frívolas, juntando-vos ao seu bando.

Espera que vos confesseis para serdes puras, que comungueis para serdes fortes, que sejais fortes e puras para passardes pelo mundo santificando-o, sem correrdes o risco de ele vos corromper.

Espera que prepareis para vós mesmas a alegria, a alegria suprema, ao declinar da juventude, a alegria de poderdes dizer: "Não fiz voluntariamente mal a ninguém".

Ela o espera de vós, senhorinhas, e a expectativa não será de todo em vão, eu o sei...

Pede-vos que a honreis

Há filhas que envergonham sua mãe; a mãe não ousa falar delas, mas cora quando outros o fazem. Apenas se lhe abre a porta da rua. Sua presença incomoda. Há como que um abismo entre filha e mãe... Até então, a mãe andava em público toda feliz e orgulhosa de sua filha. A reputação estava intacta, a honestidade era reconhecida. E agora? Não é que a mãe seja culpada, não. Não passa de uma infeliz. Mas, enfim, da mãe à filha há um laço de carne, que prende, mais duro que a morte. Ambas têm o mesmo nome. Talvez os mesmos traços fisionômicos. Uma tornou-se indigna, a outra esconde-se e chora.

E essas lágrimas, mais amargas que as de luto as beira de um túmulo, são também menos consoladas: "Amá-la-ia mais estando morta do que manchada". É o grito das verdadeiras mães. Compreendo-o. Não há vergonha de ser mãe de uma criança que dorme à sombra da cruz, no cemitério. Mas há vergonha em ser mãe de tal jovem viva... O luto desperta simpatias; a desonra abre um vazio. E que flores devem ser plantadas no pequenino jardim, para a filha de quem só a fotografia é capaz de manchar uma parede caiada de branco?

Não é sofrendo nem morrendo que se desonra uma mãe. Apenas pode ser afligida. É tornando-se indigna, escandalosa ou, sem chegar a tais extremos, mostrando-se tão insignificante e tão leviana que a mãe, séria, não pode deixar de menear tristemente a cabeça, que se inclina...

Para uma moça, honrar sua mãe é mostrar-lhe dotada de tal valor intelectual, moral e religioso, e de tal delicadeza e bondade, de tão irrepreensível conduta que provoca nos demais, como que instintivamente, uma atitude de simpatia e respeito, simpatia e respeito que atingem a própria mãe, que entrou em muito, ninguém o duvida, nas qualidades da filha.

Por conseqüência, a mãe, ao lembrar-se da filha, sorri; junto dela mostra-se humildemente ativa; sente os ombros aliviados do peso dos dias; acompanhando-a pelas ruas. Vai feliz e transbordante de contentamento. Acha neste contato um apoio para seus

anos da velhice, uma compensação para os sofrimentos que lhe advêm, de outros caminhos da vida.

E vós bem sabeis, jovem, o que é honrar uma mãe, não? Pois vossa mãe, ao fitar-vos, sente-se feliz, e vossos olhos não fazem com que se baixem suas pálpebras.

Também a Igreja, esposa de Cristo e vossa mãe, espera que a honreis.

Aí por fora toda a gente sabe que és sua filha, que lhe pertences. E como é que não haveriam de o saber? Vêem-te, em seus templos, entoar cânticos, enfeitar altares. Vêem-te de joelhos, junto aos confessionários e na mesa eucarística. Vêem-te nas escolas e nos patronatos, trabalhando oficialmente para ela. Vêem-te nas reuniões, nos retiros, nas procissões, nas peregrinações, nos congressos.

Sois a Igreja, jovens queridas. Isso é o que dizem. Isso é o que também vós dizeis. Não o fazeis por ostentação, mas também não o ocultais.

E aí esta quem vos obriga.

Este laço estabelece entre ela e vós uma intimidade, uma relação de filho com a mãe, que se torna logo o ponto de partida de dulcíssimas e imponentes responsabilidades.

Honrar a Igreja... Agir de forma que, só com olhar-vos, vos respeitam, estimam e admiram, e em vós, inseparavelmente, a respeitam, estimam e admiram também.

O oposto é bem freqüente, como também é lamentável. É o inimigo que vigia, espreita vossas fraquezas para com ela poder acusar a Igreja, e procura alguma coisa que criticar em vós outras para se arrogar o direito de tudo criticar nela. É o inimigo que se sente feliz, maldosamente satisfeito e triunfante, quando lhe dais pretexto para desprezá-la.

Não honrais a Igreja quando vos conduzis mal ou vos comportais menos bem do que as que não a reconhecem como mãe e não pedem à sua doutrina a base de sua moralidade.

Não honrais a Igreja quando misturais o bem com o mal, a piedade com o pecado. Acendeis duas velas, uma a Deus, outra ao Diabo. Colheis alternadamente o fruto da árvore da vida e da árvore da morte. Dais uma hora a um Senhor e outra hora a outro senhor... Servis Baal e Jesus, como diz São Paulo. Ah! eu sei, vossa consciência se acomoda como pode. Estamos diante de uma verdadeira comédia. Mas, enfim, comédia angustiosa, não?

Vós vão se habituando. Mal vos dais conta. Abre-se uma porta entre o salão de baile e o templo de orações. Cada um dos compartimentos do coração tem seu amor. Mas não há dúvida que o monograma de Cristo está mal inscrito em vossas fisionomias.

Digamos logo a palavra como ela é: vergonha. E que vergonha!...

Em todas essas combinações, de toda essa miscelânea, de toda essa salada em que as danças pecaminosas se confundem com a santa comunhão, em que uma pobre gota de vinagre da austeridade cristã se mistura com o óleo abundante de todas as doçuras

mundanas, que é que resulta? Qualquer coisa de alguém cujo nome se desconhece. Cristã? Talvez. Pagã? Talvez. Mas nada que exprima a beleza pura.

E o forasteiro simpático ou malévolo, que assiste ao desfile desta piedade trajada de mundanismo, e desse mundanismo trajado de piedade, diz de si para consigo: "Nada... Nada senão tudo isso... Se essa é a obra da Igreja, se isso é a sua obra prima, pobre mestra que ela é! Que artista medíocre na escultura das almas!"

Não honrais a Igreja quando sois dura para os que entram em contato de alma convosco. Semelhante severidade contrasta com a indulgência evangélica, e a doçura, com suas condescendências e pacientes bondades, é uma clara revelação de Jesus Cristo.

Assim também, quando sois egoístas. Quem vos vê centralizar tudo em vós, receber e não dar, preocupar-vos com vossas insignificantes contrariedades e não reparar nos grandes sofrimentos de uma outra, às vezes bem perto de vós; quem vos vê espalhar vosso eu como um assoberbante lençol de água, ou erguê-lo como uma torre insolente entre casas acanhadas - não pode, de modo algum, venerar a Igreja em vós. Não pode amá-la. Ama-a no coração de uma Irmãzinha dos Pobres. No vosso, sem caridade, nada vos atrai. Quando o egoísta entra no templo, logo imobiliza ao limiar da porta aqueles que, com razão, pensavam ensinar-se no templo o amor cristão.

Assim também quando desprezais os outros. E com que direito. Deus do céu, os desprezais? Se sois bela, há alguém mais belo que vós. Se sois ricas, há alguém mais rico que vós. Se inteligentes, alguém que o é mais. E, admitindo que sejais tudo isso em grau supremo, é razão para desdenhar dos outros? O desprezo revela falta de amor, está indicando que o coração é de pedra, não de carne.

Ó senhorinhas, não fites ninguém do alto da tua suposta grandeza, pois, diante de Deus, não há mestres nem servidores, e Madalena, prostrada em lágrimas está mais perto de Cristo que o Fariseu no alto do trono da sua virtude.

Se a alguém desprezamos - e isto é logo percebido - fazendo-lhe mal, porque lançamos à sua alma o germe do desânimo, do abatimento e de uma possível revolta. Entre irmãos - e todos os cristãos o devem ser - o desprezo é uma grave falta. No que despreza, aí se instala permanentemente o orgulho. E naquele ou naquela que é desprezado é de temer a tentação de vir a tornar-se realmente desprezível.

Não desprezeis nenhuma das vossas companheiras, jovens. E vós, que voltais da Sagrada Mesa, não piseis os humildes que para ela se dirigem.

O desprezo causa muitos sofrimentos. Quando se insinua no âmago das próprias amabilidades e nos gestos de caridade, estraga-os; mata-lhes o encanto. Quantos seres deixam de amar a Igreja porque não se julgam mais amados por ela! E porque perderam a fé em seu amor? Porque passaram a vê-la no rosto desdenhoso de qualquer donzela piedosa, e porque não descobriram, em jovens que acreditaram tivessem a leal bondade de Jesus, senão a indulgência altaneira que julga rebaixar-se quando estende a mão, e quando presta um serviço parece ter prazer em humilhar.

Pede-vos que lhe prepareis o futuro

Que quer isto dizer: "Preparar-te o futuro?". Assegurar-lhe, para as gerações de amanhã, o domínio esmagador? Fornecer-lhes seres sem personalidade, que ela há de subjugar e conduzir como a crianças ingênuas? Não! Isso não. A Igreja não pensa assim. Não tem o direito de pensar assim.

O futuro que ela espera, ou o que ela espera do futuro, é poder realizar sua missão, para o maior bem daqueles nos quais a realiza...

Porque missão ela a tem. Traz consigo uma sagrada responsabilidade. Foi-lhe confiada uma missão divina. A vida religiosa do mundo, e em grande parte sua vida moral, essa é a obra a seu cargo.

Quer poder ensinar a seu cargo.

Quer poder ensinar o catecismo; quer poder dar às almas, desde a juventude, um ideal mais alto que o da Terra, o ideal cristão; quer poder ensinar os homens, os pobres homens, a crerem, a orarem, a esperarem; quer poder convencer todos esses seres, vergados ao peso do trabalho e de rosto inclinado para o chão, de que a vida espiritual é superior à vida material, e que além dos campos, como além das nuvens, há a vida eterna que paira; quer poder trabalhar para o advento do Reino de Deus, isto é, da Justiça, neste mundo como no outro; quer poder fazer amar a Jesus Cristo, que tanto merece que O amemos, e que é, para os que o sabem, a única Luz e o único consolador.

A Igreja olha para o futuro que tem na frente. E que vê? Talvez séculos e séculos que se sucederão ávidos de prazer, sedentos de progressos, batidos de descrença ou ardentes de sensualidade, em aparências diferentes, mas sempre e em toda a parte com as mesmas tendências contrárias para cima e para baixo, as mesmas fadigas extenuantes nos caminhos da virtude libertadora.

Em certo sentido, está segura do futuro. Sabe que estará presente a esse futuro. Tem uma garantia infalível de duração. Houve alguém que pronunciou estas palavras: "Até a consumação dos séculos... Sobre esta pedra edificarei... As portas do inferno não prevalecerão..." Quem as disse guarda-as. Já existia antes de Abraão. Existe depois de Combes.

Mas, apesar de tudo isso, tendo a experiência dos séculos - porque muitos já viveu ela - conhece as dificuldades da obra. Conhece de sobra as ruínas a beira da estrada; as arapucas estendidas; as ciladas ocultas na mata. Não desconhece, nem os inimigos, nem os seus múltiplos processos. Não desconhece o preço de suas vitórias, o heroísmo de tantos bravos, e a dor de tantas vítimas, com que há de ser paga a honra de sua vida eterna.

Apontando-vos o futuro, jovens, e mostrando-o a si mesma, diz-vos: "Fá-lo-eis".

E vós o farão. Não apenas vós sozinhas, mas, sobretudo vós, pois sois o futuro. Hoje, já sois o amanhã. Olhando-vos, vejo o futuro. Está em vossos olhos e em vosso coração.

Estas coisas encerram uma verdade brutal.

Ora, encarando o futuro em vossos rostos de vinte anos, deve-se sorrir de esperança? deve-se tremer? A esta pergunta, as pulsações de vosso coração trazem a resposta desanimadora ou a resposta que rejuvenesce o coração dos velhos apóstolos?

Não há dúvida que vai surgir a resposta evasiva das consciências incertas, o sim mal suspirado ou o não involuntariamente murmurado das consciências levianas.

E será apenas isso?

Vós é que são o amanhã.

O passado éreis vós, crianças!

O presente sois vós, jovens.

O futuro sereis vós, religiosas, solteironas, mulheres, mães.

Religiosas!

Se Deus chama, nenhuma se recusa. As escolas, os hospitais, os claustros, as missões longínquas, estão chamando. Oh! todas essas vozes longínquas, distantes, todas essas ondulações súplices da seara madura...

Solteironas!

Forçadamente, ou por gosto, ou por generosidade, porque não? Há múltiplos trabalhos que serão vossos. E esses humildes trabalhos constituem uma perfeita nobreza. Não se trata aqui, é evidente, de "aumentar o número de beatas", nem de vir a ser "um rato de sacristia". Trata-se - e não o dizemos de brincadeira - de saber que, onde não estão mães nem religiosas, estão as solteironas, operárias tantas vezes desconhecidas e apesar disso tão meritórias, cada vez mais indispensáveis. Se o mundo não compreende, se ri, tanto pior para ele. Deus, esse é que não ri. Essas operárias receberão dEle um magnífico salário.

Mulheres e mães!

É o futuro normal, a grande estrada, essa a que a natureza conduz, e também a graça.

Dentro de dez anos, minhas queridas jovens, quantas de vós terão fixado seu amor definitivo, preparado o laço que não se desata, fundado o lar, e se tornarão em vossas paróquias as esposas e as mães!

De certo que a esposa não é tudo no lar, tão pouco a mãe. Ainda assim, quando a esposa é profundamente cristã, e a mãe o é também (e mais ainda, digo eu, por causa das riquezas de seu instinto materno) não se apresentam então as melhores garantias?

Que coisa é pior: o marido e pai sem religião ou esposa e mãe sem religião? A resposta acode logo: esposa e mãe sem religião. Se o mundo decai moral e religiosamente, são as mulheres, mais que os homens, que devem bater no peito. Mas do que eles, tudo comprometeram.

Não haja ilusões a tal respeito. Se a Igreja, olhando para vós e envelhecendo-vos de alguns anos, não encontrasse aquilo que vai fazer de vós outras esposas e mães cristãs,

não teria outro caminho a seguir senão envolver-se em véus e chorar lágrimas de inconsolável desalento.

Amanhã... Hoje... Vós, hoje... Vós, amanhã...

Amanhã e hoje que em vós se sucedem como no ano se sucederam as estações e como a erva da primavera é a espiga que vai crescendo para o verão.

Tratai de levar a sério o papel de esposas e mães que ides ser, começado por levar a sério o papel de donzelas que hoje sois. Há criminosos desperdícios quando se diz que comprometer o coração infantil talvez seja arruinar sem remédio o coração da mãe.

Seramente, ainda não é bastante. Seriissimamente! Despedaça-se tão rapidamente a felicidade de um lar! Destrói-se tão depressa sua honra! Perde-se tão depressa uma alma!

Nem o casamento, nem a maternidade, nem a educação se improvisam. Estas santas coisa se preparam nos abismos do ser moral. E quando uma jovem vos apresenta assim com o aspecto de garota traquina, de boneca, de egoísta louca, de inconsciente, que lástima! que agonia!

Eis mais uma que não salvará o mundo...

Tremendo, chorando, a Igreja vai contando um a um estes pequenos seres sem nobreza, estas belas senhorinhas sem alma grave, quase irresponsáveis.

Corando... É tão intensamente triste... tremendo... É tão inquietante!

Este vinhedo dará apenas folhas... E que fará delas o Mestre, na hora das vindimas?

Jovens, olhai bem para o futuro... Olhai-o em vós a fórmula clara dos seus rigorosos deveres, a palavra de esperança...

O Estado reclamará mulheres que lhes dêem operários, soldados, camponeses; a Igreja reclamará mulheres que lhes dêem almas.

Só se dá o que se tem. Acaso se colhem uvas entre os espinhos? O mediocre gerará o sublime?

Nesse sentido, sois o grande problema do futuro. E também sois a solução. Enquanto umas quais se extasiam diante do espelho e tudo reduzem a uma história de lábios pintados, a Igreja, em pé diante dos séculos misteriosos, espectadora inquieta e artista responsável, reduz tudo a uma história solene de vida moral e religiosa, que é preciso conservar através dos tempos...

E volta-se para vós... Mostra-vos o que deve ser e o que podeis ser, para que assim o seja. Confia ao vosso idealismo de moças as augustas realidades de mais tarde. Pede que presteis atenção à flor por causa do fruto esperado, e que não alimenteis em vós na primavera o verme que seria mortal no estio.

Pede que ofereçais o rosto ao sopro do Espírito, que deixeis vosso coração pulsar em ritmo generoso, e que acumuleis em vós, dia por dia, com santas provisões, essas virtudes, essas delicadezas, essas fervorosas dedicações que, chegando o tempo, vos não de permitir sejais as esposas e as mães que Deus quer.

Há jovens tão miseráveis que a gente logo percebe, por antecipação, estar morto nelas o futuro cristão do mundo, morto para elas, morto em outras...

Há-as tão insignificantes que nem se sabe o que pensar a respeito, ou melhor, prevê-se a acabrunhante mediocridade que se anuncia, semelhante a estéreis charnecas.

Mas há-as generosas, profundas e puras, que esperam a hora muito a sério. Vivem a juventude com o inquieto ardor dos seres que compreenderam as responsabilidades. Alimentam grandes ambições.

A anunciação, quando o anjo falar do futuro, encontrá-las-á recolhidas e submissas. Unindo a piedade de Maria à atividade de Marta, pertencerão ao número das que sabem servir à mesa do homem e adorar aos pés do Mestre. Viverão; trabalharão; sofrerão; consolarão pesares; soerguerão almas.

Depois não de morrer. E junto delas, como junto de Dorcas, a santa mulher dos tempos apostólicos apresentar-se-á, prestando seu testemunho, o conjunto de suas boas obras.

O futuro ainda não chegou. E, no entanto já está aí. Sois vós. Vós o fazeis. Tratai de o compreender, e compreendei tudo quanto a Igreja vos pede, quando vos pede que lho prepareis.

Pede-vos que sirvais

Que é servir

A palavra tem dois sentidos. Primeiramente significa: servir para qualquer coisa. Por exemplo: na estrada encontro um objeto, apanho-o e digo: "Isto não vale nada", e jogo-o fora. Ou então: "Isto pode servir para alguma coisa", e carrego-o comigo.

A Igreja vos pede que sejais boas, que sirvais para alguma coisa, em oposição às que não são boas senão para tolices e futilidades.

É claro que, mesmo contra nossa vontade, sempre servimos para alguma coisa, ao menos para ingerir micróbios quando respiramos, ou gastarmos solas de sapatos quando andamos, ou pormos em prova a paciência do próximo com o nosso mau caráter.

Mas trata-se de ser seriamente bom, seriamente útil... de saber o que fazer com nossos dez dedos, nossa língua, nosso coração; e, bem das paróquias, das obras, das famílias, dos pobres.

Não é toda a gente que sabe tocar piano... nem isso é preciso. Se soubéssemos ao menos varrer convenientemente a Igreja ou o patronato, sorrir bondosamente para uma criança que sofre, já isso seria tanto! Muitas há e até gente upa... que nem para isso servem...

Que vida é então a sua? e que vale um de seus dias? Passar horas inteiras olhando para o maravilhoso rosto, rodando sem parar o anel nos dedos finos, trocando com amigas do mesmo quilate solenes banalidades, dançar, até perder os saltos dos sapatos, pode-se chamar a isso "servir"? Mais vale para a nossa pátria uma ativa dona de casa do que uma rainha ociosa; mais vale para a Igreja a humilde dedicação de uma serva eficiente no trabalho, seja ele qual for, do que a tagarela, preguiçosa, devoradora do tempo, dessas que desperdiçam coração e dinheiro.

Servir! Ser capaz de fazer alguma coisa de útil! Preparar-se para o ser, para que não tenha que responder sempre: "Não sei fazer isso!" Como se fosse uma desculpa, mas, afinal, sendo uma verdadeira condenação! "Arrancai essa figura - diz o Mestre do Evangelho, - está sugando a terra sem proveito". (Lucas, XIII. 7)

Servir também quer dizer pôr-se à disposição de alguém, para ajudá-lo em seu trabalho. Em tal sentido, serve uma doméstica, uma empregada. No mesmo sentido se dirá: "Servir Dona Fulana... Servir uma idéia... Servir seus pais... Servir a Deus". Em tal sentido assinava o Apóstolo São Paulo: "Paulo, servo de Jesus Cristo", e a Virgem Maria pronunciava: "Eis aqui a serva do Senhor", e uma Irmãzinha se chama "Serva dos pobres".

Como servir

Ofererecei vossos serviços à Igreja, deixando-lhe a iniciativa de fixar as minúcias, contentando-vos em lhes oferecer total devotamento.

Servi com alegria, sem mau humor, sem esse jeitinho de quem se arrasta no trabalho. Não vos apresenteis com um aspecto de mártir, pois em tal caso tiraríeis ao trabalho todo o seu sentido e faríeis mal ao Senhor, que só quer corações livres. Não murmureis por causa dos sacrifícios feitos; não resmungueis com os pequenos trabalhos e as ocupações modestas. Mostrai o contrário aos que não acreditam que o trabalho do Senhor, mesmo quando áspero, é suave, e que Seu jugo é leve mesmo quando pesado.

Servi com altivez. Lembrai-vos de que na corte de Luís XIV, os grandes senhores, na hora (de Luís XIV) se levantar, disputavam-se a honra de segurar a manta direita ou esquerda da real camisa. Pobres coitados! E para que não dizê-lo? triste comédia... Fixai-vos em que, onde há dignidade no senhor, há nobreza no servo, por mesquinho que seja o serviço.

Aquele a quem se chamou "o maior entre os filhos dos homens" achava-se indigno de atar o laço da sandália do Cordeiro de Deus ou carregar-Lhe as alpercatas. E realmente tinha razão.

Servindo à Igreja, é ao próprio Senhor que estais servindo. Nada é mesquinho no que fazeis por ela, que é a esposa de Cristo e Seu corpo. Tudo quanto fizerdes por ela, por causa dEle, tem o valor do perfume que se derrama pela divina cabeça, ou do aroma que se espalha pelos sagrados membros...

Quem quer que sejais, filhas de Jerusalém, que acompanhais a Igreja dolorosa nos caminhos do Calvário; filhas de Israel que a ajudais com vossas moedas e a cercais de dedicação; Verônica, enxugando suas lágrimas no rosto dos pobres; filhas de Sião,

cobrimo amorosamente de bálsamo suas mãos e pés - todos vós, sem exceção, ufanaí-vos de serdes admitidas à obra sublime. A menor coisa feita por ela é mais gloriosa que uma ação brilhante em atenção a outras mestras e senhoras... A última nesta santa servidão é mais do que rainha perante Deus.

Servi com desinteresse. Não exijais o reconhecimento oficial de vossa real dedicação. Não façais de vosso serviço um negócio. Não digais à Igreja: "Dou-te meu tempo, meu dinheiro... dá-me agora honrarias no meio da comunidade cristã". Não espereis, para começar a segunda semana, que acertem convosco as contas da primeira. Se vos esquecerem, se vos desconhecere, não vos vingueis afastando-vos para um canto.

Não façais pesar sobre a Igreja, o zelo que manifestais por ela. Que vosso serviço não seja para ela uma servidão. Que ela jamais tenha que pagar com sua divina liberdade o nobre direito que vos dá de irdes em seu auxílio.

Pois o mau, senhorinhas, mau, vil e odioso, que uma jovem compre por tal preço o silêncio ou as complacências da Igreja. Nesse caso, não se trata mais de um serviço cristão, mas de uma cínica exploração, e tanto mais cínica quanto mais oculta.

Que quereis como recompensa? Quanto Santo Tomás de Aquino finalizou seu grande trabalho -, o Crucifixo, para quem e diante de quem tão magnificamente trabalhara, disse-lhe: "Escreveste bem a Meu respeito... Que recompensa desejas?" "Só a Vós, Senhor".

Que a alegria e a altivez de servir vos bastem, queridas jovens, sem que haja mister o acréscimo imediato da retribuição. A consciência do dever cumprido; a certeza de que uma fiel dedicação tem em vós ou em outras resultados felizes, posto que muitas vezes ignorados; o sorriso de Cristo, o contentamento certo da Madre Igreja; a garantia de ter concorrido um pouco para a beleza do mundo e suprimido um pouco suas misérias; a esperança de ser a grande Desprezada um desagravo que encante seu coração e o console dos sofrimentos por que passa - isso não é o bastante? Aqui para o mundo, que mais é preciso? Do salário do Além nada direi. Está guardado. O Mestre paga magnificamente.

Servir! Servir! Dizer: "Senhor, que queres Vos que eu faça?" Dizer: "Senhor, eis aqui a Vossa serva!" Dizê-lo sempre que uma mensagem do Alto nos chegar. Porque, afinal, sempre chegam mensagens. Desde que em vossa paróquia o padre vos convida para um trabalho; desde que em vosso patronato, círculo ou coro, é reclamada uma dedicação; desde que o pó se acumula no assoalho de vossa Igreja... é como a visita do anjo a Maria: a generosa resposta terá que ser está: "Senhor, eis aqui Vossa serva".

A Pátria encontra heróicos servidores quando os convoca a toques de clarim. Despertam coragem quando nas fronteiras se ouve o arrastar dos passos de legiões inimigas. Toda a França arregaça então as mangas, os pulmões se lhe dilatam, toma os instrumentos de trabalho para servir. E os povos jamais dão de si espetáculo mais belo do que nessas terríveis horas.

Ó jovens, também a Igreja faz soar melancolicamente o toque de alarme nas almas capazes de compreender. Tem causas a defender, e por elas que congregam os corajosos. Os covardes fogem; os tímidos fingem não compreender; os egoístas sorriem.

E vós? Tende a lealdade de escolher vossa classificação.

Antes disso, porém, ouvi-me.

Ou, sob o pretexto de reinar, nos recusamos a servir, e é então que nos aviltamos, por vezes ignobilmente, ou simplesmente, nobremente, sem discussões, nos oferecemos para servir, e é então que reinamos.

A Rainha das rainhas, por toda a eternidade, a Virgem Mãe, foi aqui na Terra a Serva das servas.

Servir, minhas jovens, eis aí o ideal. A Igreja vos pede que sirvais.

2- VOCÊS E VOSSAS RESPONSABILIDADES

Sois as guardiãs

Eis o que sois.

Direis: "Não poderia ser dado nome de mais brilho e menos antiquado? Guardiãs? Isso, assim de repente, assim sem mais nem menos, dá-nos quarenta anos, pelo menos; cobre-nos a cabeça com uma touca branca; e põe em nossas mãos um fuso ou um tricô. Isso não é nome para moças. É um nome para mães, para vovós... Um nome para as tias! A nós, que somos jovens, chamai-nos: Valorosas... Semeadoras... Rosas... Estrelas..., mas Guardiãs..."

E, no entanto, guardiãs! É um nome glorioso. Se sugere menos perfume que uma rosa, menos brilho que uma estrela, menos graça que o gesto do semeador nos sulcos da terra, diz mais coragem e mais virilidade. Revela força de alma e heroísmo.

É um nobre programa para as vibrantes. Fez pensar em rotina? Em horizontes mesquinhos? Que importa, se formula a verdadeira missão, um lugar fixo, e nos convida a agir sem impedir que sonhemos?

Que é guardar?

Primeiramente esmiuçamos, depois restringiremos. O guarda-barreira vigia. Abre o sinal, se o caminho está livre. Fecha-o à passagem dos trens. Impede que o Expresso corte o automóvel em dois. Proíbe uma passagem se há perigo mortal.

O guarda-caça está atento... Acautela os direitos do proprietário; proíbe a caça ilegal; protege o crescimento pacífico dos coelhos e o romântico amor dos faisões.

O guarda-costas (olhem que não se trata de um homem...) inspeciona. Vigia uma zona da praia, a entrada de um porto, a chegada de um barco suspeito. Controla o oceano. É sentinela e patrulha.

A Guarda Republicana zela pela ordem. Às vezes para manter o esplendor dos desfiles oficiais e da bela música. O guarda - rural está atento. Com um leiteiro no braço, garante os direitos da comuna. E com que convicção! com que emocionante solenidade!

O guarda-farol está de mil olhos. Para ele, guardar é vigiar, conservar os refletores em ordem, manter livre a rota dos vapores, denunciar os rochedos e baixios, e fixar as direções.

O guarda do presídio está a postos. E como? Há um ruído de chaves pelos corredores... rondas noturnas. As portas estão aferrolhadas. E que olhos, que olhos, meu Deus!

O homem está em guarda... Nas grades das casernas, na encruzilhada dos caminhos, na trincheira, nas florestas. Observa. Escuta. Espera. Nada deixa passar...

Etc., etc., etc.

E toda essa gente, os guardas, são pessoas que zelam por qualquer coisa, que impedem seja arrebatada.

Guarda-se uma fronteira para que o inimigo não a atravesse; uma porta para que não a abra aquele que não deve entrar; um tesouro para que não seja roubado; um museu para que os quadros aí se conservem em bom estado.

E também se guarda o silêncio, e se impede que se prolongue, e que as palavras perturbem a serenidade. Guarda-se o sangue frio, e isto quer dizer que nos devemos manter calmos, refletidos, impedindo que o sangue ferva ou se agite demasiadamente.

Guarda-se tudo o que se vigia, seja um barco, um homem ou um cão.

Guardar é, segundo os casos, vigiar, conservar, defender.
E vós, minhas jovens, sois guardiãs.

Tendes coisas - e que coisas de subido valor! - a vigiar contra as surpresas, a defender contra os ataques a conservar intactas, vivas, esplêndidas, contra tudo o que gasta ou deteriora.

Sois, deveis ser, deveis aceitar ser guardiãs.

Para isso, não há necessidade de uma placa de cobre, de um quépi com inicial, de uma correia no chapéu, de um centurião com sabre. Basta-vos, para serdes guardiãs, basta-vos que sejais cristãs, jovens, que tenhais uma consciência e, graças a essa juventude, que compreendais ser preciso manter no mundo tudo quanto o cristianismo pretende dar-lhe, porque sabe o que é necessário a esse mundo.

O que se deve guardar

Para que o saibais, abri os olhos, prestai ouvidos.

Ana, minha irmã Ana, não vês alguma coisa aproximar-se?

Estais reconhecendo o apelo desesperado dessa pobre Senhora Barba-Azul. Há motivos para gritar: em baixo da escada, à sua espera, está o terrível marido com uma grande faca nas mãos. E ele brada: "Desces ou não descas?" Infeliz! Enganou-a o coração ao fazer a escolha de tal marido.

Ana, minha irmã Ana, não vês alguma coisa aproximar-se?

Eu vo-lo digo, no mesmo tom:

Ana, minha irmã, não vês alguma coisa subir? Não vedes vir de longe, minhas jovens, não de muito longe, nem sequer de tão longe assim, como que a vaga lenta das marés, não vedes o arremesso formidável dos prazeres, uma invasão de volúpia: Acariciante, brutal, embaladora, espumante, não a estais vendo? Pouco a pouco, uma após outra, submergem as rochas que até desliza como uma víbora. Insinua-se, enrolase, esfrega-se, abafa... Sobe. Como crianças surpreendidas pelo mar em meio a um sonho de amor, quantas de vossa idade que vogam por este oceano, se é que já não as estraçalhou como a destroços de um recente naufrágio!

Ana, minha irmã Ana, não estás ouvindo alguma coisa cantar? Não ouvis, jovens, erguer-se o rumor das cidades e aldeias, das casas e das almas, não principalmente como nos tempos de fé o rumor de um cântico, nem tão pouco como nas horas solenes a estrofe de uma canção patriótica, mas a canção louca, a canção leviana, a suja canção?

E não percebeis que as gargantas se acham mais adaptadas à canção do que a oração? que os pés estão mais adaptados à dança que à procissão? e que as multidões se encaminham mais para os cinemas do que para as igrejas, para os campos de jogo do que para as peregrinações?

Ana, minha irmã Ana, não estás ouvindo alguém chorar?

Não percebes também que agora, como sempre, há lágrimas nesses sorrisos, amarguras nessa festa, imensos soluços no meio desses cantos? Os "confettis" que se atiram ao carro das rainhas não substituem para a alma as flores frescas que se jogavam ao Santíssimo Sacramento. Os corações sofrem vazios e se aborrecem de si mesmos e de tudo. Os pensamentos, perdidos como em pleno oceano, vagueiam desesperadamente, não achando rochedo nem cordame a que apoiarem seu atormentado vôo.

Infelizes, ainda os há, e com necessidade de quem se compadeça deles. Desolados, decaídos, desesperados, há-os em maior número que nunca e apelando para alguma coisa. Para o que?

Guardar? Ana, minha irmã Ana, deve-se guardar tudo aquilo por que clama, sem que o saibam, o espetáculo humano, visto e longamente ouvido do alto da torre.

Deve-se guardar tudo aquilo de que o mundo tem necessidade, e tanto mais necessidade quanto mais finge poder passar sem ele e pretende não lhe fazer falta.

Quando a flor pende fatigada, incapaz de se manter ereta, levai-lhes água. E se a flor, nervosamente erguida, faz menção de não a querer, mesmo assim lhe derramais água. Tendes razão. Compreendestes a secreta miséria que a flor ignora ou oculta.

Deve-se guardar no mundo a fé

A fé! A verdadeira fé! Porque, incapaz de passar sem ela, não a tendo verdadeira, o mundo a substitui pela fé frágil e falsa, tristemente magnífica ou vergonhosamente monstruosa, com que encanta sua miséria ou enche o vazio de suas desoladas amarguras.

Que é a vida sem fé? que sentido passam a ter as coisas? que alcance as dores? que resultado o esforço? que causa merece nos prendamos a ela? que ideal impõe nos sacrifiquemos por ela?

Sem fé, só resta ao mundo inclinar sua pesada cabeça para o solo, túmulo de todas as coisas.

Guardar a fé é guardar a alma, e, se não há alma, que é então que haverá? A carne viva e a poeira morta. Com isso, que é que se pode fazer da vida? Bem o sabemos. Sabemo-lo demais. Como é vil e triste!

O país imenso, vossas pequenas paróquias, vossas humildes casas, vossas famílias, vossas ternuras, vossos corações, tudo tem necessidade essencial de fé.

Está aí? que fique! Vai-se embora? que volte! Partiu há muito: para onde? trazei-a de novo.

Guardando a fé no mundo, salvais o próprio mundo. E, mesmo que ele desconheça o serviço prestado, isso não é razão para que não lho prestemos, muito ao contrário. Mesmo que, em troca do benefício prestado, vos repila, vos esmague, vos martirize, pouco importa. Guardastes, porque na verdade nada tem mais duração que aquilo por que se sofre.

Praticamente, guardai para a igreja de pedra essas pessoas que vêm sentar-se à sombra religiosa de seu mistério. Guardai para a Sagrada Mesa as almas que nela recebem o Deus vivo. Guardai para a missa os fiéis que a compreendem. Guardai para o catecismo as criancinhas que o aprendem; para a escola cristã os meninos que a freqüentam; para o patronato os jovens que a ele se dedicam.

Guardai para o altar as mais belas flores de vossos jardins. Guardai para os cânticos sacros vossas mais quentes melodias, e se vossas vozes, nas tardes do domingo, estiverem fatigadas, seja isso em honra de Jesus Cristo e não por se haverem esganiçado em outros lugares.

A tudo isso se chama guardar a fé.

Deve-se guardar ou restituir ao mundo o pudor

Com Jesus Cristo veio ele ao mundo. Com ele iria embora, se Cristo também fosse.

Uma pequena infelicidade, pensarão alguns. Um grande benefício, dirão outros. E eu direi, de minha parte: "Infelicidade sem nome! Irreparável perda! Diadema caído da frente real da humanidade".

Pensei em tudo o que o mundo teve de aprender para que o pudor entrasse em sua alma e aureolasse misteriosamente seu semblante.

O pudor quer dizer que a humanidade tem o senso arguto do bem e do mal, a consciência clara de uma decadência sempre ameaçadora, o comovido sonho de uma beleza moral sempre exposta. Significa o medo de manchar o que é virginal, e expor o que é frágil, de desperdiçar o que é tesouro oculto. Conhece o sentido de um beijo e o seu valor; o poder de um olhar e o seu perigo. Teme, espanta-se, tem medo; sente súbitos rubores, sustos, constrangimentos e timidez. E em tudo isso revela que o ser não foi manchado, que faz questão de preservar a divina imagem reconhecida nele. É uma fraqueza, e essa fraqueza é uma grande força. É um encanto tal que aqueles mesmos que o insultam não podem deixar de reconhecê-lo.

As patricias de Roma não foram dotadas dessa fraqueza nem desse encanto, que começou a irradiar discretamente nos lábios e nos olhos das virgens cristãs.

E agora? Agora... Tudo se encarnaça contra ele. Como se manchasse, fingem purificar os semblantes juvenis que tinge. As que ainda o possuem quase se envergonham dele e as que o não têm ridicularizam-no.

Acometidos de audácia, de imprudência, de leituras desenfreadas, de convivências fáceis, de intimidades; perturbadoras, os semblantes despiram-se da trêmula reserva. O pudor desaparece.

Dir-se-á: Que mal há nisso se a pureza fica?

Sim, sim, eu compreendo. Pudor não é pureza. E, no entanto, como poderão viver muito tempo uma sem a outra? Quando uma vida moça perde seu pudor e sua pureza, por onde anda? por onde andará daqui a pouco? qual das duas, aliás, é a primeira a desperdir-se? A flor que perdeu seu supremo o perfume e suas delicadas cores será ainda uma flor?

Guardai para o mundo o pudor, minhas jovens, mesmo que ele não compreenda; mesmo que ele não queira. É preciso. Não tenhais vergonha de ter vergonha; não tenhais medo de ter medo. Cobri com vossas mãos o ninho em que se agitam tantas esperanças ameaçadas. A sombra de vossas pálpebras, por detrás de vossos lábios deliciosamente fechados, protegei as augustas realidades do coração, contende os queridos segredos. Que seja velado o tabernáculo vivo, como é nos altares. Porque Deus está lá. Não O abandoneis.

Deve-se guardar para o mundo o verdadeiro amor

Neste particular, o mundo vos despacha sem cerimônia, por achar que não tem lições a receber. Ama ardentemente e desesperadamente. Diz que ama; julga amar. Pensa ser o único a amar e que seus inimigos do amor precisamente aqueles que o encaram de um modo diferente de todos.

Mas o mundo realmente não está perdendo o amor? não está a pique de o desfigurar, de o desnaturar de o matar?

Se amar é gozar, então o mundo ama. Se amar é, acima de tudo, dar-se, tornar o amado feliz e belo, chegar à doação até ao sacrifício, o mundo não ama, absolutamente não ama.

E todo o problema consiste nisso.

O amor - prazer, egoísmo elegante ou brutal, não tem necessidade de ser guardado para o mundo. Pois o mundo o guarda demais. Esse amor mantém-se sozinho, no triunfo dos instintos desabridos, sobre as ruínas do ideal moral e do dever. Vive- ou morre- dos seus prazeres; esgota-se para o satisfazer. Multiplica-se terrivelmente. É o deus das vidas sem Deus. Para uma parte da humanidade, só ele existe.

E é precisamente isso o mais triste de tudo. Porque as vítimas aqui na terra são inúmeras e o drama acaba no nada das revoltas amargas ou do desespero.

Mas o outro amor, humilde e generoso, sorridente e bom, que dá e que se dá, fiel, profundo, ardente e calmo, o amor que faz com que se morra e com que não se mate, com que se encontre plenitude, e conduz os dois até Deus, esse amor está faltando ao mundo. É necessário devolver-lho; Guardar-lho.

Guardá-lo em cada um dos vossos corações. O amor nada é fora daqueles que amam. E, se o amor-prazer, o amor-pecado reina, é porque há inúmeros seres que, praticando-o, o fazem viver.

Em cada um de vossos corações, jovens minhas.
Segundo vosso amor, amará parcialmente o mundo.

Que pensais dele? como o sonhais? Eis uma solene resposta, que empenha o essencial da vida. Como amigas, como filhas, como noivas, que idéia do amor realizais vós?

E que idéia realizareis como esposas e como mães? A maior parte já tem a resposta escrita na carne do coração. Todas vós amais, de um ou de outro modo, mais ou menos. Com que amor? com que coração no amor?

Sois cristãs no amor? ou sois pagãs?

Certamente que não é livre a escolha. Menos ainda o será se se forem a considerar as conseqüências do futuro e se se pensar que para amanhã o nobre amor não tem esperança de viver, a menos que hoje o que bate em vossos peitos juvenis seja uma generosa e pura ternura em lugar de perturbação dos egoísmos que têm fome e das sensualidades que têm desejos.

Deve-se guardar o ideal

E que mais ainda deve ser guardado?

Um nobre ideal? Perfeitamente. Assim convém quando se é moço e, sendo-se moço, quando se alimenta esperança e sonho.

Causam-me medo, fazem-me penas as moças que não são jovens. Há-as com a idade que terão aos oitenta anos. Se foi uma provação prematura que as feriu, a maldade humana que as agrediu, comove sua maturidade precoce. E essa maturidade, feita de experiência e de dor, não as torna inaptas para a nobre missão. Muito ao contrário.

Mas as que aos vinte anos não são jovens porque se acham corrompidas, porque coisa alguma as faz vibrar, cujos sonhos, aos ventos que passam, não tremulam mais que uma velha bandeira molhada ou amarrada ao mastro, a que respeito terão essas direito? Que esperar delas? Ideal já não têm mais, ou então trata-se de um ideal imobilizado sob um saco de moedas, atolado na lama. Não são ricas de qualquer promessa; nada guardam de reserva para o futuro. Nada conservam que valha a pena ficar.

Pensais que o mundo não tem necessidade de que se mantenha em seu céu um ideal? Essas grandes idéias, pelas quais aqui no mundo se realiza tudo o que há de belo, não devem estar escritas nos céus do pensamento e ativas nas profundezas das consciências?

Esta idéia, por exemplo, de que a vida mais alta é a vida posta ao serviço de alguma nobre causa; essa outra de que o sacrificio está acima do prazer; e uma terceira, ainda, de que o menor bem feito a uma alma merece que nos privemos de tudo para realizá-lo; e ainda uma outra, de que dar Deus a um ser é dar-lhe tudo; e ainda, de que a vida é antes de mais nada uma tremenda responsabilidade diante de nós mesmos e dos demais, e de que só há um modo perfeito de não a estragar: santificá-la; e ainda, de que mais vale sofrer do que pecar, comer honestamente o pão seco do que deliciar-se desonestamente num belo jantar?

Todas essas idéias, e outras mais, cujo conjunto constitui o grande dever e cujo desfile pelas alturas constitui o ideal cristão, todas essas idéias não as devemos nós guardar? E, para guardá-las, tê-las? E tê-las minhas jovens, aos vinte anos, sob pena de nunca mais as ter?

Guardai o desejo das alturas, a necessidade profunda do ar puro, o amor das claridades íntimas.

Guardai vossos lábios intactos, vossos corações vivos e castos, vossas mãos prudentes e generosas.

Guardai a chama dos vossos olhos, mas abrigada como as mãos protegem a lâmpada, sob pálpebras vigilantes que sabem baixar-se.

Guardai vosso sorriso, que pode ser culposa sedução e talvez, também, uma bondade, um auxílio, uma divina caridade dada aos infelizes.

Guardai a facilidade, que tendes, de vos emocionardes, a tendência para a admiração, a facilidade para o entusiasmo. Guardai-os, e, se der que a vida os esfrie, não os esfrieis antes dela.

Guardai aquilo que ironicamente se chama "ilusões de jovens apóstolas", que podem muito bem não passar de forma natural do otimismo cristão quando se tem apenas vinte anos.

Guardai vossa confiança nos resultados do esforço.
Guardai vossas amigas e que elas vos guardem.

E, acima de tudo, ao fundo de um grande amor inalteravelmente jovem, guardai a Cristo que, não tenhais dúvida, Vos guardará também.
E agora ficais sabendo o que é preciso guardar.

Guardar com que disposições

Cada ofício pede determinadas qualidades, um temperamento profissional. Uma função, para ser bem desempenhada, exige qualidades, aptidões, convicções. Que qualidade devem ter as guardiãs, como tais?

Os pescadores não são fazendeiros. Os carmelitas não são soldados de infantaria. Que é preciso para se ser um bom pescador e um bom fazendeiro? uma boa carmelita e um soldado de infantaria? Que é preciso para ser uma guardiã? Uma jovem que saiba e queira montar guarda?

Primeiramente, deve-se crer no valor do que se guarda

Sem isso, de que vale montar guarda: de que serve o zelo para que nada se perca?

Para tudo - orar, esperar, agir, suportar - é necessário crer.

Se a vocês está confiada a guarda da fé, do pudor, do amor, do nobre ideal, deveis crer em que tudo isso merece ser guardado.

Impõe-se essa elementar convicção. É o que vos está faltando? achais que sem fé, sem recato, sem amor, sem ideal, pode o mundo viver, subir, e não atolar no lodo? Então, tratai de ir embora; não sois aptas, nem para vigiar nem para defender. O primeiro que apareça não tardará surpreender vossa vigilância; o primeiro cansaço vos fará adormecer junto à trincheira; sonolenta, indiferente e covarde, deixareis que o rebanho se disperse, que o lobo devore, que o ladrão roube.

Pergunto eu agora: como vos achais para não acreditardes no valor das únicas realidades que perduram? onde adquiristes essa dúvida? que lâmpada vos iluminou para julgardes? Se não acreditais no valor que têm para o mundo fé, pudor e amor, então também não acreditais no valor que tudo isso tem para vós mesmas. Então é porque perdestes todas, ou estais a pique de perdê-las.

Então, em lugar disso, no que ou em quem acreditais vós? Em coisa alguma? Compreendo. Mas sofro com ouvir tal confissão.

Tal ceticismo desabusado não é vosso, senhorinhas! Não deve ser vosso. Crede, crede, crede uma vez mais que a fé merece se ande de luzes acesas na tempestade; que o pudor

vale bem que o rosto das virgens se conserve aureolado e velado: que o amor vale bem se grite muito alto e se vivam muito suavemente suas doçuras, suas belezas, seu divino heroísmo; que o ideal, enfim, exige que as jovens, tal como nas cavalgadas, façam flutuar seu lábaro bem lá em cima, nos céus, para que os olhos humanos contemplem, admirem e sonhem.

Crede no que deveis guardar para bem o guardar.

Em segundo lugar, para serdes boas guardiãs, deveis acreditar na necessidade de o serdes, vocês, não as outras, vocês, mais do que as outras

Se assim não fosse, não tardaríeis a libertardes-vos do encargo, embora reconhecendo o valor do tesouro e vos sentireis tranqüilas com vossa consciência, uma vez que outros se encarregariam de vossa segurança.

Eis a tentação de muitos: passar a senha aos vizinhos... Declarar-se indigno ou incapaz, para não ter trabalho. E ir-se embora calmamente, talvez dormir, uma vez que outros, mais adaptados, estão montando guarda.

Mas se os outros - porque não? - dissessem a mesma coisa, fizessem a mesma coisa, aonde se iriam buscar as sentinelas da trincheira cristã? quem levaria o estandarte, bem acima das multidões túbias?

É a vós, jovens, que compete vigiar.

Dir-me-eis, talvez: "a nós... a nós... Mas porque a nós? porque só a nós? porque a nós? porque só a nós? porque principalmente a nós?..."

E eu tratarei de responder: "Não só a vós, não! sobretudo a vós, sim! Indiscutivelmente a vós!"

Por quê?

Será que tendes assim tanto medo de vosso privilégio? Fazeis assim tanta questão de serdes inúteis ou relegadas para uma plana inferior, a ponto de isso vos espantar ou incomodar quando se disser: "principalmente vós"? Ora, ficai sabendo que estas coisas não são ditas para vos lisonjearem, para vos fazerdes vaidosas, para excitarem em vós uma altanaria que já tem muita propensão para crescer loucamente. Estas coisas vos são ditas para que as conheçais. E deveis conhecê-las, porque são verdadeiras, e a verdade, em si mesma e em sua missão, não temos o direito de ignorá-la nem de esquecê-la.

E porque principalmente vós?

Porque, sobretudo vós, minhas jovens, providencialmente, tendes sensíveis as antenas da alma, observais os menores sintomas, estremeceis aos mais insignificantes ruídos, vibrais ao menor apelo.

Porque estais à altura de apreciar o valor do que precisa ser guardado, porque ainda não o perdestes.

Não sois surdas aos apelos, não sois cegas para as manchas que enodoam a alma até a pouco pura. Não estais fechadas ao ideal, se ele é magnífico, nem à divina angústia de que tão nobremente sofre quem não está de todo endurecido.

Porque vós? Porque, se não fordes vós, quem há de ser então? Sois ou não sois o último refúgio? a grande esperança? E se a Igreja, num dia de aflição, ou de iminente derrota, der a ordem:

"VAMOS! DE PRONTIDÃO!"

A quem se há de dirigir? e quem é que há de marchar para o sacrifício? Vede bem: sois vós. Espero vos sentireis felizes em serdes vós. E não penso que cedais covardemente a outros a honra de prestar o supremo testemunho de fervente amor e de irrestrito devotamento.

Sois vós.

Se não guardais, quem guardará?

As senhoras idosas? Elas já o fizeram, em seu tempo... Não o farão mais, a terra não tardará a guardá-las.

Os homens? Têm menos angústia que vós outras. O semblante de sua alma mais endurecido pelo sol e pelo vento; quase não sonham mais; é com dificuldade que vibram, absorvidos que se acham pelas ocupações terrenas. Adivinham menos. Estão cansados, e a guarda das trincheiras assenta melhor em sua idade e em seu coração do que a guarda religiosa do seu coração e do seu pudor.

As mães? Sim, elas já vos guardam. E isso já representa tanta coisa! Mas elas vos guardam para que vocês também possam guardar o resto.

Os moços? Sim, é possível, mas eles só montarão guarda aos seus postos de vigília e de batalha se vocês forem dignas de os guardar.

Vós... Se não montardes guarda, quem o fará?

E quem vos há de substituir? Ninguém. Fazê-lo tão bem como vocês? Ninguém.

Não protesteis. Não sacudais o jugo. Não murmureis: "esta carga está pesada". Não aspireis a liberdade das pessoas a quem nada se pede porque nada têm a dar. Dizei antes: "É magnífico!". Dizei: "tanto melhor!".

E, tomando vosso título de guardiãs como a mais alta nobreza com que Deus vos possa honrar, aceitai-o generosamente; levai-o corajosamente convosco.

Com o coração dentro de vocês, esse coração que é moço, e tendo diante de vós o futuro, que é longo, sede as guardiãs que Deus quer. Não vos lastimeis porque a Igreja, tendo que escolher, não o faça entre os operários de meia idade ou do declinar da existência, mas vos escolha a vós outras, que estais na manhã da vida, que tendes o ardor e a esperança.

Vós, que sois jovens, enfim, e, só porque o sois, as verdadeiras guardiãs indicadas de tudo o que deves ser vigiado, de tudo quanto reclama um olhar como o de vossos olhos e um frêmito de religiosa ternura o de vossos corações.

Em terceiro lugar, para serdes boas guardiãs, urge vos creias capazes de vigiar, e, se tudo não se salvar, já é alguma coisa que ao menos nem tudo se deixe perder

Esse terrível "que adianta?" acaba matando tudo. Proferido uma vez, que há a fazer? Parece que nada mais há a fazer.

Não se semeia senão na esperança de colher. Se o granizo tem que destruir tudo, porque plantar a vinha?

Mas, jovens minhas, será que o trabalho de cada uma de vocês é nulo e não passa de loucura pretender montar guarda àquilo que parece estar destinado a ser arrebatado?...

Só porque o oceano devasta certas praias, isso é razão para deixar de construir sólidas defesas, com enormes blocos de granito?

Compreende-se: apesar de toda a nossa boa vontade, o mal existe; sementinhas há que a tempestade arrebatada como há cordeiros brancos raptados do rebanho. Que prova isso, afinal? que o pastor não vale nada? ou que somos ingênuos em plantar?

Isso provaria precisamente o contrário.

Digamo-lo despachadamente, em nome da experiência, da verdade, do poder da graça:

Se cada guardiã guardasse generosamente, de todo o coração, uma grande parte do tesouro seria salvo. Se numa paróquia dez ou vinte moças se guardassem a si mesmas e nelas guardassem para outras a fé, o pudor, o amor e o ideal, essas augustas realidades continuaram, não humilhadas como vencidas, mas vigorosas e triunfantes.

Isso é coisa que salta aos olhos, onde quer que se experimente. Deixar que tudo corra à vontade, sob pretexto de que a corrente é rápida e impetuosa, isso não passa de vulgar covardia. Se em qualquer incêndio só pode ser salvo um armário, salva-se o armário. Ora, senhorinhas, nós bem que podemos salvar mais que um armário. Jamais admitirei que uma paróquia morra se as jovens não o quiserem, e com ela morra uma parte da beleza moral e religiosa do mundo.

Quando se vê o que fazem certas criaturas, perguntamo-nos onde outras se arrogam o direito de pensar que nada podem fazer. Sempre tenho receio de que duvidar do resultado é um processo cândido, ou astuto, de nos furtarmos ao esforço de o alcançar.

E como é então que as menos generosas são quase sempre as mais desabusadas? Certamente pela mesma razão porque muitas vezes os menos laboriosos são os mais fatigados, e as que trazem os pés menos machucados se queixam mais amargamente da extensão das caminhadas.

Duvidar do resultado é o mesmo que duvidar de Deus, neste caso. E tal dúvida poderá certamente impedir que venhais a ser belas guardiãs. Não tendes desculpa de não o haver sido. Há quem se refugie à sombra dessa dúvida, julgando-se aí sem segurança, para nada ter que empreender. Mas tal refúgio, contra as exigências do dever, é tão enganador como uma asa de avestruz contra as balas do caçador e como um pano de tenda de campanha contra um "210" austríaco.

Enfim, para serdes boas guardiãs, deveis ter e pedir essas qualidades de alma que convêm a semelhante mister

Para logo, faz-se necessária uma prudência atenta que pressinta o perigo, que, tendo-o pressentido, saiba defender-se dele. Há algumas surpresas fatais.

A inteligência está em prendê-las, não para afrontá-las, mas para evitá-las.

Quem não é prudente, como poderá guardar intacto um pudor tão facilmente comprometido? uma fé tão facilmente seduzida pela mentira, se esta é fascinante, ou pelo vício, se este é dissimulado? São muitos os caos em que a verdadeira virtude não consiste em enfrentar a luta arregaçando as mangas, mas simplesmente em não nos expormos, em não nos abrigarmos sob a capa do temor, e até em não permitirmos ao mal uma entrada furtiva por janela entreaberta e até um simples olhar para os castos segredos do foro íntimo.

Para já, uma energia que dê impressão de dureza e de brutalidade. Onde não basta a imprudência, cabe à força agir. Uma guardiã que tem zelo pelo seu caro tesouro vezes há em que se enfurece como uma leoa ameaçada. Não receia um "não" categórico, um gesto sem piedade, um protesto indigno, ou uma resposta decisiva a qualquer miserável ataque. Uma verdadeira guardiã nem sempre faz aflorar aos lábios sorrisos graciosos. De repente, torna-se grave e pálida. Indigna-se. Não deixa que nos aproximemos dela. Oferece o espinho para salvar a rosa. Faz-se ouriço, ameaçando ferir, para não se tornar pássaro cativo de mãos quentes que talvez o mantém.

As verdadeiras cristãs, senhorinhas, as virgens cristãs, essas incomparáveis guardiãs apresentam-se às vezes, em sua amável beleza, puras e suaves, e o mundo jamais viu tão divino sorriso. Mas outras vezes, nas horas solenes, em que o perigo é grave, em que a fé a conservar reclama uma coragem heróica, os lírios brancos tornam-nas carvalhos, as débeis crianças erguem-se como rochedos, e o mais indômito legionário romano mais facilmente se deixa levar do que essas terríveis e magníficas crianças, imobilizadas em seu trágico pudor.

Há guardar e guardar

Como devem vocês servir-se das qualidades de guardiãs? Há métodos próprios para isso? Um que seja bom? Um que seja o melhor? Será mesmo que a gente aprende a ser guardiã?

Digamos que, sendo aqui a realidade múltipla e complexa, há guardar e há guardar, como há métodos diferentes de fazer a guerra, de ganhar a vida, de ser artista, de ser tudo...

Guardiãs!...

Coisas há que se guardam, abrigando-as

Vede o trigo, por exemplo. Quando é destinado ao moinho, de onde sairá farinha, precisa ser guardado em lugar seco, aos montes, no forro do celeiro, ao abrigo da chuva, que o faria apodrecer. Quando se destina a semente para o ano imediato, cobre-se com terra, que será sua fiel guardiã até a próxima primavera, porque a terra envolve as sementinhas - bela guardiã que ela é... comprime os grãos mantendo-os num ambiente tépido, e em suas entranhas, durante o inverno, protege-os do vento que os carrega e dos pássaros que os devoram.

Só voltarão à luz do dia em hora dada, quando a raiz estiver bastante profunda para resistir a todos os elementos de destruição.

Assim se guarda a pureza, minhas jovens. Deixar de protegê-la é quase estragá-la. É frágil este divino esplendor. E são tantos os ventos ruins que andam pelos ares! Tantos os seres suspeitos que rodopiam! o ouro é bem guardado na caixa forte, e as cartas íntimas na pasta. E a querida pureza não merecerá acaso, não que a encerremos num subterrâneo, mas que a protejamos ao menos para quem quer que seja não a macule ou roube? Reparai nas relíquias dos santos e na lousa dos túmulos ilustres. Protege-os uma grade colocada a certa distância. São tão ávidas as pessoas piedosas! Colocai uma grade ao redor de vossa pureza. Protegei-a com um véu. Defendei-a com as mãos. Protegei-a de qualquer modo. Protegei-a.

Há coisas que se conservam, consertando-as

Os sapatos, por exemplo. Quando a sola se fende como uma ostra, ou se entreabre lamentavelmente, como um sorriso estúpido... Um vestido quando se rasga, um fundilho de calça quando se abrem uma joelheira quando... (há tantos modos de um joelho de terno furar: uma queda de bicicleta, orações demasiado longas). Em casos tais, que fazer? Nada. Em oito dias, será a morte da calça. Cerzi-la? remendá-la? É evidente, e só assim se prolongará a vida - ou a agonia - da pobre roupa puída.

Ora, a vida moral também tem suas brechas, seus rasgões, os estragos do tempo. Quando se sabe disso, é uma loucura dizer: "Pode continuar assim mesmo". Não isso é que não. Prolongar uma dúvida na fé, como uma ferida no tecido; aceitar na consciência estranha inquietações que a devastam; ir sentindo quando se gasta a trama de sua vida religiosa, não é isso resignarmo-nos a andar esfarrapados? É uma acomodação, quando o que se deveria fazer é agir para reparar.

A comunhão conserta. O retiro refaz. Quem quiser conservar intacto, fresco e quente o traje de sua alma, lembra-se bem disso...

Consertam-se certas coisas, mantendo-as limpas

Por exemplo: o asseio do rosto, das mãos e do vestuário.

Vocês sabem muito bem o que representam isto: mãos que não se lavam. Adquirem a cor dos Anamitas; as unhas ficam de luto... E o rosto dos mineiros, quando regressam

do fundo das minas? e a vestimenta dos foguistas, quando saem das locomotivas? Com água e sabão, porém, tudo volta a ser branco. Quando o vento joga poeira para cima de um lírio, uma simples chuva basta para tornar a lírio mais lírio... A água pura purifica.

É assim também que se conserva a beleza da alma. Raspar, lavar, esfregar, tem o mesmo sentido aplicados ao espiritual. A alma já se mancha só com o viver. Quem a quiser limpa - e todos o devem querer - lava-a. O arrependimento, a confissão humilde, a absolvição sacramental são em conjunto a água que lava, a escova que arremessa para longe as impurezas. Quem não se serve deles não guarda a sua beleza. Sobre ela se acumula a poeirada, se enraíza a erva daninha.

Torna-se espessa a camada. Debaixo dela, incapaz de respirar, a moral abafa. Em certo sentido, estar sujo é estar morto. Para a consciência, ser claro e livremente ativo é viver.

Deixai um quarto desocupado, exposto ao tempo, sem ser espanado, sem ser lavado, sem ser varrido. E haveis de ver...

O mesmo acontece com muitas almas. Só guardareis as vossas, limpando-as.

Muitas coisas se conservam servindo-os delas

Quem tem boa memória e não se serve dela perde-a. Se a relha do arado não trabalha, enferruja. O bíceps do lutador enfraquece se não faz exercícios. A pianista que não toca sentirá endurecidos os dedos. E as pernas, se não fazem movimentos, aniquilam-se.

O exercício gasta, mas faz principalmente viver. Vontade, estômago, gosto artístico, pulmões, tudo está submetido a essa lei. Utilizar é, em todos estes casos, conservar.

Por este método, preserva-se a fé. Não a expor é conservá-la, sim, e, no entanto há que a expor. Mas os que se limitam a este processo negativo arriscam-se a não conservar senão uma fé pobre, anêmica, a não abrigar senão convicções raquíticas e franzinas.

A fé que não age não pode desenvolver-se. Mantém-se em estado infantil. É frágil, muitas vezes incapaz de se defender, portanto exposta á morte.

O melhor modo de conservar um ente vivo é torná-lo mais vivo ainda. Obrigá-lo à ação. A experiência o comprova.

Quereis conservar a fé, minhas jovens? Fazei com que ela trabalhe; praticai as obras que ela prescreve; multiplicai as ocasiões de agir por ela e em seu nome; devotai-vos por ela. Alimentando-vos dela, alimentá-la-eis. A fé que morre é quase sempre uma fé que estava adormecida. A fé que se contentava de o ser sem agir e que agora - isso era fatal - nem sequer pode mais ser.

Perguntai às cantoras como é que elas guardam sua fé. Cantando, decerto. E aí tendes a verdadeira fórmula para guardar a fé: vivê-la.

Preservam-se certas coisas defendendo-as

Um pastor dispõe de cajado e de cães. É com eles que guarda o rebanho. Um soldado dispõe de fuzil, e com ele monta guarda à trincheira.

Guardar é muitas vezes lutar defendendo. Nada fazer quando o inimigo ataca é perder tudo de uma vez só. É mister, desde logo, que o cão ladre e que o bastão escorrace o lobo.

Ora, contra as santas realidades que vos foram confiadas, múltiplos ataques surgem, minhas jovens. Irrogam-se calúnias, ousam-se blasfêmias, correm de boca em boca palavras feias. Insultam, levantam falsos testemunhos. Deixaríeis que tudo se dissesse e tudo se fizesse, ficando em paz com vosso dever depois de tais silêncios? Será o mesmo que condecorar os desertores e recompensar a pastora por haver metido o cordeiro na goela do lobo. Há silêncios nobres e corajosos. Outros há que revelam vergonhosa pusilanimidade. Devemos saber falar, senhorinhas, e protestar vigorosamente contra uns tantos senhores de certos escritórios e umas tantas jovens de certas oficinas. Quem se arroga o direito de dizer tolices dá a quem o ouve o direito de replicar.

Atacar é convidar a defender-se. Porque têm todas as audácias as bocas silenciosas e são tímidos os lábios castos: A língua das jovens cristãs só é feita para a oração e os cânticos. Palavras sujas jamais as deverá proferir, mas algumas vezes poderá lançar mão de expressões vivas e mordazes, que ressoem e caustiquem. Só com elas a jovem guardará sua independência e afirmará sua digna altivez. Para que as demais guardem silêncio, convém que o não guardeis vós outras. A empregada da casa de Caifás não teria insistido três vezes com São Pedro se São Pedro lhe houvesse respondido logo. Mas São Pedro não ousava e ela então ousou. Audacioso topete! Ela não o teria tão audacioso nos lábios se São Pedro não se houvesse contentado em tê-lo audacioso na cabeça (nas imagens de São Pedro sempre aparece um lindo topete uma bela mecha de cabelos, bem ao meio... São Paulo, que era calvo, tinha o topete nos lábios... o que era bem melhor...)

Para guardar há que defender

Que ao menos o compreendam as mais inteligentes e capazes. Em vinte, que haja ao menos uma que seja capaz de, em nome de suas companheiras mais tímidas, ter a ousadia de soltar o grito indignado, censurar com firmeza a palavra feia ou estúpida. E defender desse modo, minhas filhas, não será, mais do que pensais, guardar a fé, a piedade, a confiança e a paz em muitas jovens mais fracas, que de vós precisam para não perderem o que elas sozinhas são incapazes de proteger?

Há coisas que se mantêm pelo sacrifício

Não parece tolice? Sacrificar-se a uma causa é deixar de a defender e, portanto, comprometê-la. E, no entanto, é rigorosamente verdadeiro que os mortos da guerra, morrendo pela Pátria, guardaram a Pátria. E, se ninguém consentisse em sacrificar-se pela Pátria, sem dúvida que a Pátria é que seria sacrificada.

Morrendo por Cristo, os mártires pretenderam guardá-LO para eles mesmos e para o mundo. Tiveram razão? Decerto que sim. As grandes idéias vivem, sobretudo do número dos heróis que as afirmaram. Nenhuma afirmação vale o sacrifício. Nenhum testemunho é poderoso como a morte.

Para que uma causa perca deve primeiramente, em alguns ser a tal ponto viva que se resigne a cair por ela. No dia em que uma causa apresentar suas vítimas voluntárias, pode contar com o futuro. Suas vítimas guardam-na, não como estátuas guardando um túmulo, mas como testemunhas guardando uma verdade e como bravos apertando a bandeira ao coração.

Quereis, minhas jovens, que Deus fique em vós e, por vós, no mundo? Levai por Ele vossa generosidade até ao sacrifício. Quando por Ele houverdes dado o dinheiro que vossos prazeres reclamam; quando por Ele houverdes despedaçado vosso coração, arrancando de lá uma afeição ilegítima ou por demais terna; quando por ele cair dolorosamente sobre vós a crítica perversa, o sorriso vil, a zombaria; quando, por causa de Deus, houverdes chorado, ficai seguras de que O tereis guardado.

E em muitos corações O tereis colocado...

Não falo aqui do testemunho do sangue. Seria levar as coisas para o lado trágico. No entanto, através de todos os séculos, muitas jovens o derramaram. E isso ainda há pouco tempo aconteceu, em terras mexicanas, por amor a Cristo-Rei.

De todas as guardiãs são essas as mais verdadeiras...

Não foi pela Cruz que Cristo Jesus entregou Deus aos homens? Não é principalmente pela Cruz que Ele o conserva indefinidamente?

Porque a morte na Cruz é a mais alta prova do Amor de Deus num coração, e é também a Sua mais fiel sentinela

Se não vigiardes

Mas, e se não prestardes toda a vossa atenção, jovens minhas! Se, fatigadas de tanta vigília, cansadas de responsabilidades, ébrias de vida folgada e livre, não vos passardes para o grupo das que não mais vigiam!

Oh! se tal fizésseis...

Muitas há que já não são mais guardiãs.

Não tendo mais nelas o que preservar, como poderias fazê-lo para as demais?

Não crêem mais "nisso", e "isso" é a fé, o pudor, o verdadeiro amor, a nobreza moral.

Não crêem mais nisso, sacudiram o jugo, alçaram vô. Quando ouvimos suas risadas, quando as vemos viverem, quando sabemos do que é feita sua alegria, quando se lê em seus olhos, achamos que esse vô é belo. Levantaram vô. Digamos antes: "Rastejam, dançam na lama, sujam os sapatos". Mas voar é que não voam. Precisariam de asas para fazê-lo. E suas asas se quebraram, caíram, foram arrancadas.

E logo assim tão cedo... Aquelas a quem Jesus amou, aquelas que beijaram a Hóstia com seus lábios puros...

Não vigiam.

Estragam tudo; no presente que profanam mancham o futuro, e na espessa mediocridade em que se instalam enterram, com o ideal cristão, a única beleza do mundo.

Prometei-me que jamais pertencereis ao número delas, que jamais seguireis pela estrada em que vão ficando abandonadas suas virtudes, umas após outras.

Prometei-me que jamais fixareis nervosamente vossos olhos no que manchou seus olhos... que jamais abandonareis vossos corações aos prazeres que sufocaram seus corações... que jamais abandonareis vossas asas às tesouras que cortaram suas asas d'alma...

Prometei que guardareis o que elas perderam.
Porque, se não guardásseis...

Quando a guarda-barreira não presta atenção e à passagem de nível a carroça do camponês é esmagada pelo trem, os tribunais julgam essa mulher e condenam-na.

Quando o guarda-caça não presta atenção à floresta e os caçadores a invadem, matando os faisões do fazendeiro, o fazendeiro se indigna, e que é que acontece?

Quando o soldado de guarda não presta atenção ao paiol de pólvora e à trincheira, e a trincheira é tomada pelo inimigo, e o paiol de pólvora voa pelos ares, o conselho de guerra julga esse homem, e a sanção será terrível.

Desgraça e vergonha para aqueles que não souberam ou não quiseram vigiar...

Assim também vós, investidas da guarda das mais santas realidades deste mundo, se não vigiardes bem, ser-vos-á lançada à culpa, e lançada por Aquele que vos deu uma prova de a confiança quando contou convosco.

Nada há mais tremendo do que ter de dar resposta a certas perguntas:

"Caim - dizia a voz - que fizestes de teu irmão?"

"Mas serei eu acaso o guardo de meu irmão?"

"Sim", replica a voz impiedosa.

Que fizestes de tua fé, jovem? "Mas era eu acaso a guardiã dela?". Sim, em teu próprio coração e em alguns outros unidos ao teu. E tu a traíste, como Judas traiu. Por quanto? Pela vaidade de uma leitura, pelo miserável orgulho de uma independência de pensamento, por uma ruim paixão em que julgavas achar alegria e vida... Que fizestes de tua fé, jovem minha?

Que fizestes de teu pudor? "Mas era eu acaso guardiã dele?". Sim, eras, mas esse pudor te aborrecia. Achavas que esse pudor, encanto das mocinhas, se tornava ingênuo e até grotesco no semblante das mais velhas? Abriste então os olhos. E que é que entrou pelos teus olhos abertos? que é que saiu? Chegou o dia em que, audaciosa e risonha, não teve mais segredos para ti aquilo a que se chama vida. Trêmula, deixaste de vigiar. Se numa

lágrima, quase feliz, enrolaste o pudor numa mortalha. Onde está ele agora? que fizeste de teu pudor, jovem minha?

Que fizeste do teu ideal? "Mas era eu acaso a guardiã dele?". Sim, e podes fechar os olhos e bater no peito, porque há motivos para ter vergonha. Jovem, ardorosa, confiante, com o coração palpitante, visitada pelo sonho que faz as belas almas e as santas, devias ir estrada em fora, a fronte iluminada, as asas soerguendo os pés, a esperança e o entusiasmo flutuando ao redor da alma como uma basta cabeleira ao vento. Deverias. Tinhas a idade desses arroubos. Contigo, atrás de ti, arrastadas por ti, outras, mais jovens ou mais velhas, deveriam ir também, e todas juntas deveríeis levedar a massa, colocar óleo na lâmpada, acender estrelas na escura noite em que se arrastam tantas outras... Que fizestes do ideal? Teu rosto é terroso; teu olhar envelhecido e sem luz. Teu coração, ao sopro das grandes coisas, fica inerte como o rochedo açoitado pelos ventos. E Cristo abandonou esse túmulo, que é tua alma agora vazia de sua verdadeira vida. Só ficaram os panos dobrados do sepulcro, como recordação, e dois Anjos tristes, chorando o que não mais voltará... Que fizeste do ideal?

Que fizeste do Amor, jovem minha? "Mas era eu acaso a guardiã dele?". Sim. E acabaste sendo a que desperdiça e profana. De teu coração divino fizeste um coração de carne, que não tardará a ser um coração de pedra. Nem chegas mais a acreditar no Amor. Delicadeza, ternura, frêmitos misteriosos, santas angústias à aproximação do Amado, alegria de vir a ser feliz, fidelidade em todos os minutos, dedicação que não se fatiga nem se lastima, que fizeste de tudo isso? Em que se transformou em ti o Amor? Pela estrada do egoísmo, das frivolidades e das sensualidades, desceste até onde te esperavam, para te marcarem com seu sinal, todas aquelas às quais outrora olhavas de longe com pavor...

Oh, minha jovem, que fizestes? sabes o que fizestes? Imóvel em sua grande dor, com seus dois braços estendidos e rasgados, Sua face lívida jorrando sangue, o Crucifixo olha-te amargurado. O amor que Ele próprio foi, e que quis ofertar ao mundo, era contigo que contava para lhe realizar a santa beleza... O Amor cristão abandonava o coração indigno dos homens. Contava com teu coração, mas tua alma abandona o amor que sofre para se entregar ao amor que goza. O Amor está morto em mais uma criatura. Jovem, que fizeste do Amor?

Palavras, palavras - direis vós. Mas palavras que Deus jamais pronunciará.
Responderei: "Sim, palavras que Ele pronunciará".

Que vem a ser o juízo final? Uma pergunta de Deus, uma resposta do homem. E a pergunta de Deus é esta: "Que fizeste do que te foi dado? Que guardaste do que te foi confiado?" E a resposta do homem é a sua vida e nela, se fiel, as obras vivas, e se o não foi o amontoado de flores murchas, o acúmulo das ruínas, o silêncio acusador das coisas mortas e perdidas.

Se não vigiardes, jovens minhas...

Mas sereis guardiãs

Santa Inês, Santa Águeda, Santa Lúcia, Santa Cecília, Santa Joana d'Arc, Santa Teresa de Lisieux, todas as juvenis e admiráveis guardiãs de outros tempos e de agora serão vosso modelo.

Em sua fidelidade lereis vosso dever. Aprenderéis com elas o que se guarda e como se guarda.

Em vossas casas e em vossas paróquias, guardareis a pureza praticando-a.

Em vossas igrejas guardareis o fervor, ali orando nas horas solitárias, ali enfeitando de flores os altares, ali entoando cânticos, ali comungando à Sagrada Mesa.

Em vossas ternuras, guardareis o pudor; em vossos prazeres guardareis a inocência.

Guardareis em vós, e por vós em outras, a dedicação pelos patronatos e pelas escolas cristãs... Guardareis vossos corações e vossos olhos. Sendo assim guardados, não perderão a beleza nem a profundidade. Muito pelo contrário.

E continuará a ser verdade que, graças a vós, que o tiverdes guardado realizando-o, o ideal cristão, tão necessário para o mundo, pairará sobre suas misérias, soerguerá seus desejos e fará com que, se os pés se arrastarem pela lama, o semblante, pelo menos, fique aureolado de luz, ó jovens, ó minhas jovens!

3-VOCÊS E VOSSA PUREZA

Puras!

Corpo puro, corpo casto - eis o programa cristão para as jovens de vinte anos, tanto hoje como sempre, e apesar de tudo.

Disse Deus em Seu mandamento:

"Não pecarás contra a castidade, nem de corpo nem de consentimento".

Em Seu Evangelho disse Jesus:

"Bem-aventurados os corações puros, pois verão a Deus".

"Se teu olho é objeto de escândalo, arranca-o e atira-o longe".

Um olhar cheio de desejo é "o adultério cometido no coração".

Coração puro, que só ama aquilo que verdadeiramente pode amar e com um amor que não é pecaminoso.

Corpo casto, que se proíbe todo prazer culpável.

E este o programa cristão.

Esplêndido, na verdade. Demasiado, pensam alguns.

Irrealizável, censuram outros. Difícil, todos o reconhecem. Mas é um programa, fórmula do dever, ideal que todos devem procurar realizar. Somente aí se encontram a beleza moral e a verdadeira vida.

Em que consiste ele? Disseram-no as Escrituras na descrição profética que fizeram da Mulher perfeita. Virgem e Mãe.

Está escrito no Gênesis, Livro do Início das Coisas:

"Serpente, farei inimizade entre ti e a mulher; ela te pisará a cabeça e tu lhe machucarás o calcanhar." (Gênesis, III, I).

Está escrito nos Evangelhos:

"Quando a ti, mulher, uma espada te trespassará a alma." (São Lucas, II, 35)

Está escrito no Apocalipse, livro do Fim das Coisas:

"Um grande sinal apareceu no céu: uma mulher resplandecente de luz, com uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça." (Apocalipse, XII, I)

Serpente esmagada.
Coração despedaçado.

As lutas

Os pés sobre a serpente

Não se conquista nem se conserva a pureza senão por uma luta generosa que a vitória culmina. Principalmente quando se trata de jovens que prementes razões atiram ao reboiço do mundo, com seus perigos, suas seduções, seus atrativos, suas inimizades, de que a vida está cheia.

A vida não é o inferno onde tudo é feio e mau. Também não é o paraíso onde tudo é luz, inocência e paz.

Ela é a vida, o campo de cultivo no meio da floresta, a vaga que se atravessa em alto mar e quando a tempestade se aproxima, o campo de batalha onde os inimigos se chocam.

Os impuros são os vencidos que, ou ficam prisioneiros ou são mortos pelos vencedores.

Ora, o inimigo, tanto nos Livros Santos como na Aparição, é uma serpente. Uma serpente amarelada. Uma víbora esverdeada.

Símbolo mais do que significativo! terrivelmente exato. Sabem-no melhor do que ninguém as vitoriosas, aquelas que, sob o pé virginal, a sentem ainda fremente, e, embora esmagada, ainda viva.

A serpente constitui, contra a pureza, as múltiplas e infinitas tentações.

Quando falo em tentação, não a considero como um leão: ele é por demais franco; não como o touro, ele é muito forte; não como um boi: ele é muito pesado. É uma víbora, a falada serpente do Paraíso terrestre, que nunca mais se modificou.

A serpente é aquilo que rasteja

Não anda, não salta, desliza apenas. Seu ventre toca a terra. Rasteja entre as pedras, os espinhos, as ervas secas. Sorrateira, ágil, silenciosa, semelhante à patrulha que, em noite calma, surpreende uma sentinela.

Tem asco de si própria, não é como o pássaro que voa em plena luz.

Rasteja cheia de terra, de lama úmida ou quente, de acordo com o terreno ou a hora do dia.

É assim que se insinua a tentação. Ela se agita no mais íntimo da sensibilidade, contorna as resistências da consciência, penetra pelas menores fendas e, pouco a pouco, entra no coração onde descansa um pouco como se fosse uma serpente que se apóia numa moita.

A serpente é aquilo que se adapta

Toma a cor das coisas e do meio. Está presente sem denunciar claramente sua existência. Mal se distingue se de fato é uma serpente ou uma haste verde ou um galho seco caído ao chão. Assim na guerra usam os soldados o capote cor de terra quando atacam pelos campos verdejantes, ou a roupa branca quando patrulham na neve, em noite de lua.

A tentação também se tinge com as cores do ser que pretende conquistar. Existem almas delicadas e, para com elas, é necessário mais tato. Há almas grosseiras para as quais não é preciso tanto rodeio. Existem, finalmente, almas delicadas que exigem um licor mais forte. De qualquer maneira, trata-se de impedir a fuga, de não assustar a ingênua quietude.

Para o sedutor, o adaptar-se é o meio mais eficaz de bom êxito. Terna era a voz da serpente quanto tentava Eva. E ela, devido à juventude de seu coração intacto, se encantava com sua voz. Pouco a pouco dela se aproximava, confiante e maravilhada, à medida que ouvia suas palavras. Astuciosa como era, a serpente nada dizia que pudesse sobressaltar. Adaptação.

A serpente é aquilo que se renova

Em certas estações, muda de pelo, rejuvenesce, transforma-se, de feia que é, numa beleza. No fundo, continua a mesma, mas os homens também trocam de vestimenta para irem às festas. As modas femininas se renovam, também a natureza na primavera. E ela, a serpente, porque não o fará também? Sua pele velha, suja, quase sem cor, arrastada ao longo dos caminhos, achamo-la num atalho qualquer do bosque, enquanto que, com sua pele nova, sempre rastejando, a serpente prossegue em sua caça silenciosa.

Do mesmo modo, a tentação muda de processos, aprimora sua sedução, para, no momento decisivo, propor o que tem proposto há milhares de séculos. Em sua essência, não há novidade quanto ao modo de pecar, de decair, tornar-se impuro. O desejo humano, no que tem de mais atraente, são os mesmos sob todos os céus e em todas as épocas. A única coisa que muda é o modo de atingir o fim, como também o modo de chamar a atenção provocando a curiosidade.

Vemos, pois, que os sedutores, (livros, teatro, cinemas, prazeres) de geração, de país em país, adquirem um novo hábito, um acento inédito. Rejuvenescem a forma sem, contudo, alterarem a essência secular do vício.

Eis o porquê o mundo, que varia tão pouco de aspecto, nos aparece tão deliciosamente diferente, e o pecado, que é coisa banal, sempre com um tom de frescura. Cuidado com o cansaço por saturação e com a falta de apetite pela repetição contínua da mesma refeição. A tentação o sabe.

Como a serpente, ela se renova.

A serpente é aquilo que espreita

Algumas vezes, preguiçosamente enroscada na terra quente, espera de olhos abertos. Outras vezes, suspensa num galho de árvore, pronta a cair sobre o viajante, observa, vigia. Ela conhece a hora propícia; já estudou os hábitos dos pássaros e dos outros répteis. Pois o leão não tem fome justamente na hora em que os outros animais da floresta, que têm sede, descem para as fontes?

A pressa passa. A serpente a observa, salta e a engole.

Também assim, nas esquinas, nas praças públicas, a janela, nos salões, por onde passam e vivem as vítimas escolhidas, a tentação espreita. Para esperar, tem toda a paciência e multiplica todas as ocasiões.

Observa qualquer distração, qualquer sinal de tristeza numa fisionomia, os menores sorrisos reveladores, as atitudes que demonstram que o ser está fraco e, por conseguinte, não terá forças para se defender. Ela adivinha quando seu encanto vai entrar em jogo e quando a carícia de sua voz se tornará irresistível.

Tem fome e, como aprecia, sobretudo o pão que se lhe oferece e não aquele que consegue violentamente, espreita o momento único e decisivo. É chegada a hora de atacar. A boca da serpente está agora completamente aberta para devorar sua vítima...

A serpente é aquilo que silva

Porque será que ela silva, ela que comumente esconde sua presença e desliza em silêncio? É para que, ouvindo-a, procuremos vê-la ou, então, que fuçamos dela.

No primeiro caso, se é vista, consegue despistar a curiosidade da futura vítima. No segundo, se lhe foge, segue a pista, encontrando logo o caminho para atingir a vítima. Daí o silêncio e o assobio; ora um, ora outro. Sábia alternativa, pois é preciso esconder-se para não atemorizar e apresentar-se para chamar a atenção.

E como poderia a tentação seduzir se mantivesse ignorada? Trata, pois, de ser vista, procura hipnotizar, tenta deter os passos diante de si.

O esplendor de certas vitrines, a audácia de certas fazendas, a insolência de alguns olhares, o título de alguns livros ou de algumas peças teatrais, o desenho de alguns cartazes, que é senão a serpente que silva?

Chama a tentação: "Por aqui! Por aqui!... vejam! vejam!"

A jovem de nossos dias ouve esse assobio por toda a parte. Quase sempre será uma infeliz se o escutar! Porque, na verdade, é belo, diabolicamente belo o que a tentação oferece ao tolo que se detém. Tantos doces atrás do vidro! Porque não desejar prová-los? Porque não adquiri-los se temos o dinheiro? Porque não aceitá-lo se no-los oferecem? Seria preciso, embora com sacrifício, não voltar à cabeça e, precipitadamente, tão desdenhosa quanto ansiosa, fugir para não ver, receando desejar.

A serpente é aquilo que fascina

Os olhos da serpente! a corrente magnética que deles se desprende e cria, em sua volta e a uma grande distância, uma zona de atração de temíveis efeitos!

Já se sabe a história; inútil, pois, dar-lhe minúcias. A serpente e o pássaro! Os olhos da serpente e os olhos do pássaro! A irresistível fascinação! O tremor das asas! A descida imperceptível, angustiosa e fatal! A goela aberta, o desaparecimento do pássaro na boca esfaimada... e a demorada digestão...

É o drama das florestas. Fronte aureolada.

Eis toda a pureza de uma jovem.

Assim foi que, no dia 29 de novembro de 1830, a Virgem Imaculada apareceu a Catarina Labouré, Irmã de Caridade, na capela da Casa-Matriz, rua do Bac.

Estava a Virgem esmagando com os pés a cabeça de uma grande serpente amarelo-esverdeada. De suas mãos estendidas jorrava luz e sobre sua cabeça havia uma coroa de estrelas. E atrás da visão estavam dois corações, o Coração de Cristo com seus espinhos, e o Coração de Maria trespassado pela espada.

Está tudo explicado.

As lutas que a pureza supõe, é a serpente sob os pés da Virgem. Os sacrifícios que a pureza reclama, é o coração ferido que sangra. O deslumbramento que a pureza cria, é a fronte coroada de estrelas.

As puras são vitoriosas, sofredoras, irradiantes...

É o drama da vida. E como é fascinante a vida! Um atordoamento de luzes, de "toilettes", de espetáculos! E o pecado que prende com tão pérfidos olhares! E o magnetismo de certas vozes! E o tirânico torpor de fisionomias ternas e afetadas!

Canções... músicas... perfumes... risos... cochichos... Tudo a que o mundo chama "vida" e constitui grande tentação para as almas jovens! A fim de vê-la uma só vez, quantas não se foram, encantadas e vencidas, com um sorriso cruel e doce! E, depois, tornam-se assíduas! E que será agora para ela o caminho obscuro e pedregoso da aldeia natal, depois da iluminação feérica da cidade!... A consciência se agita. Mas a vertigem delas se apodera e a fascinação fá-las adormecerem no grande sono dos corações enfraquecidos e condescendentes!

A serpente é aquilo que envolve

Todo o mundo sabe que a cobra, em baixo de um determinado dente, segrega, acumula e conserva o veneno, e como é mortal esse veneno! Dizem que o compõe com a sua própria maldade, com a necessidade que tem de prejudicar, com seus instintos dúbios e vingativos. É uma mistura sabiamente dosada para, com ela, matar.

Também os sedutores têm seu veneno. São maus. O vício corrompeu-lhes a alma; a paixão transformou-lhes o coração e o sangue. Reduziram-se aos seus próprios pecados. O mundo está cheio de orgulho, de inveja, de luxúria, com toda a sua cínica desenvoltura. Existe veneno na língua do mundo, também o há em seus olhos, na ponta dos dedos e nos lábios. Tanto em suas obras como em suas palavras, encontramos uma ponta de veneno. Licor perfumado e venenoso, cuidadosamente chamado por um nome inofensivo. Quem o bebe acredita tomar um aperitivo ou um entorpecente. E bebe a própria morte. Quem por ele também se deixa picar, pensa que vai apenas dormir para ter lindos sonhos e diminuir um pouco uma dor passageira. E suicida-se. Arsênico com gosto de licor, cica cheirando a flor de laranjeira, eis o veneno da serpente. Mas, como a serpente se apresenta com uma fisionomia humana e sorri, quem cuidará de enxugar essa pequena gota de saliva que lá ficou como vestígio de um beijo e que só mais tarde se perceberá ser a mordida fatal?

A serpente é aquilo que cospe

Existe uma espécie de serpente cuspideira que, de longe e habitualmente, lança seu veneno aos olhos da vítima, cega-a, queima-a e suja.

Foi este cuspo que profanou a fronte e as faces de Jesus quando, na noite da Paixão, Satanás lho arremessava pela boca dos criados.

Quando é preciso, a tentação tem a garganta cheia desse cuspo nojento. Quando não pode matar, suja, calunia, desonra. Faz corar a vítima por tudo aquilo de que ela se sente enlameada.

A ameaça de tais escarros intimida. O receio de recebê-los talvez convide a trêmulas concessões. E é isto mesmo que imagina a serpente-tentação quando, para se aliviar de seu próprio tormento ou vingar-se de seus malogros, enlameia a reputação dos outros, impotente que é para envenenar a consciência deles.

A serpente é aquilo que se ergue

A ágil se endireita. A besta encrespada, de pé, nervosa, irritada, ameaçadora, assassina, ergue-se. E sua cabeça se alonga, fremente, os olhos injetados, para a derradeira luta. Já

acabou de rastejar, de fascinar, de esperar. Luta de morte. Qual será o mais forte?

E nisto está, em sua maldade provocante, pronta para tudo, a tentação da vida contra os corações puros. Conseguiram fugir, esconderam-se, resistiram aos seus encantos, fingiram não compreender seus acenos, responderam com repugnância. Não se deixaram aprisionar, o magnetismo do olhar carregado de volúpia, com toda a sua meiguice, não arrastou a alma ansiosa até a goela do pecado. Mas ainda ficam a brutalidade, a crueldade, o segredo de prejudicar, enfim, todo um conjunto de sutilezas de que dispõe o vício para arrastá-la a juventude indefesa. Jogo sinistro, tão odioso como era o de Nero após suas orgias, sem piedade como era, na época das perseguições, o que se lançava contra as virgens cristãs.

Imaginem, pois! Uma moça, só, que pretende ter razão contra todo o mundo! O mundo não se conforma. Na verdade, para quem quer ser reta, direita, existem lutas tremendas a enfrentar. Em seu redor, na sua frente, perto de si está erguida a serpente.

A serpente é aquilo que morde

Ela morde. Pela ferida que fica penetra o veneno.

A vítima já foi contaminada. A febre sobe, o sangue se decompõe, é lenta ou rápida a agonia. Terríveis convulsões e o corpo esfria.

Assim é que, diariamente, morde em tantos jovens corações. Estão calmos, a serpente morde e eis que se agitam com batimentos desordenados. Estão seguros, a serpente morde e eis que estranhos desejos, vergonhosas curiosidades os oprimem. São piedosa, a serpente morde e eis como que um sorriso desdenhoso que substitui a antes suave oração da manhã e da noite. São nobres, altivos, cheios de luz, a serpente morde e eles se encerram num mutismo absoluto, como para esconder seu vergonhoso desastre.

Muito mais numerosas que as serpentes dos bosques, das moitas, das grandes florestas, estão espelhadas pelas casas e pelas ruas aserpentes-tentadoras. Existem aos milhões. A espécie pulula. Arrastando-se, adaptando-se, renovando, espreitando, fascinando, envolvendo, venenosas, cuspidas, erguidas, mordendo, com quantas surpresas ameaças as jovens! Cercam-nas com tantos horrores!

Por demais comprida, com a sinuosidade de suas curvas, percorre a terra com sua pele verde-amarelada. Está em toda a parte, em todo o lugar é vista, em todo lugar se tropeça nela.

Não é necessário, para que uma jovem, obrigada a percorrer os caminhos da vida, chegue intacta aos seus vinte anos, não é necessário que tenha resistido, que tenha fugido, que tenha lutado heroicamente? A jovem de nossos dias, que se conserva pura, pode considerar-se uma vitoriosa. Sob seus pés, boca escancarada, a serpente se agita. Retorce-se, grita... mas a jovem pisa-lhe a cabeça e a esmaga.

Exagero?

Perguntem a quem de direito. Elas, que são conhecedoras do assunto, lhe responderão.

E quais são as que o sabem?

As que freqüentam os salões mundanos, os escritórios, as oficinas, as fábricas, numa palavra, aquelas para as quais desde então se torna impossível ver, cedo ou mais tarde, a serpente amarelo-esverdeada arrastar-se pelos caminhos.

Dentre elas, existem as corruptoras, filhas da víbora, por ela mortas e por ela geradas. Bem que sabem que o método mais eficaz é justamente o empregado pela serpente.

Dentre elas também encontramos, pobres almas a lamentar, as vencidas, as perdidas, carcomidas pelo vício. Essas bem que sabem, devido à experiência humilhante, que é realmente a serpente, a tentação impura e universal. Ouviram o assobio, viram o olhar fascinante, tremeram diante da chegada sinuosa, sentiram o cerco feito á sua consciência e a ameaça diante de sua frente. O coração ferido sabe qual o veneno que o intoxicou e de que espécie é a mordida que a picou. Sabem que foi uma luta de serpente contra pássaro e que sua queda foi uma queda de pássaro hipnotizado.

Dentre elas há, finalmente, as vitoriosas, as virgens cuja virgindade foi cuidadosamente conservada ou valentemente defendida. Não mais se iludem devido ás suas recordações, não mentem devido à sua lealdade. Dessa luta ficou-lhes uma angústia calma ou uma calma angustiada. Ambas as coisas. É a lição da vida e a experiência da luta. Não que tenham necessidade de lutar durante toda a sua juventude, e desviar sempre os olhos e apelar para quem lhes pudesse valer, mas desde que venceram, é porque combateram. Sabem que nem sempre a luta se processa em pleno dia, sob o céu límpido, como dois leões da floresta, mas que é um empreendimento sorrateiro da serpente em volta de sua presa e, como diz o Gênesis, entre o coração puro e a tentação da vida existe realmente uma inimidade como a existente entre a mulher e a serpente. As triunfantes, quando estão pisando o inimigo, são verdadeiras "filhas da Mulher" de pé sobre a serpente esmagada.

Os sacrifícios

É o símbolo do quanto custa à pureza, dos inevitáveis sacrifícios que acarreta. Se vitória há, seria bem estranho que essa vitória, merecida por generosa batalha, fosse obtida sem ferimento algum, sem renúncia, sem esforço insano e sem que o coração virginal sangre por alguma chaga aberta.

Quem, de antemão, se recusa a imolar-se, renuncia a ser pura. Não se pode servir a duas senhoras tão inimigas como o são a pureza e a volúpia. Não se pode, ao mesmo tempo, ser pura e andar na lama, ser corajosa e covarde, triunfante e gozadora.

Reservas de ternura que devem ser retidas

É humana essa necessidade de amar. Isso se nota tanto nos pequenos como nos grandes. Varia de acordo com a idade e o temperamento, são várias as formas de se manifestar. Uma criança satisfaz-se com as carícias e os beijos dados em sua mamãe...

Essa necessidade não é um pecado, não há de que se espantar nem se envergonhar dela. Está em "nós" tal como Deus quis e nos fez, e seus erros, como os excessos e riscos, não impedem que, em sua essência, se veja nela a mão da Providência.

Com o tempo, essa necessidade se fixa e se intensifica. Com dezoito anos, algumas vezes mais tarde, a jovem traz em si como que uma fonte subterrânea que quer jorrar, como que um peso de que se quer livrar, como que um mistério que a oprime...

Essa necessidade tende a manifestar-se por sinais evidentes, uma palavra, um olhar, um abraço, um silêncio significativo, etc.

Acontece que, em certas ocasiões, essa necessidade adormecida desperta e, embora resignada a esperar calmamente, fica a ponto de romper-se como um botão de rosa prestes a desabrochar.

E, como é menos penoso manter a boca fechada do que o coração, acontece que surgem aí situações difíceis, horas perigosas, momentos solenes.

Nem sempre aqueles para os quais o coração se abre são livres ou dignos de recebê-lo. Não são um para o outro. O amor tem leis que o governam, sua espontaneidade não é infalível e, nem sempre, inocente.

Nesses casos, a consciência, fria e implacável, pronuncia sua sentença. Mostra o erro do coração e estende a mão como que para ocultar a delicada imagem que não deve ser olhada porque é a imagem de quem não merece ser amado. A consciência baseia-se na necessidade de confessar que o amor está a ponto de se manifestar.

Temível problema! Conflito doloroso entre o coração que vai falar e a consciência que ordena silêncio.

Aquelas, então, que não acreditam na pureza ou que com ela não se incomodam, e para as quais todo e qualquer instinto é sagrado, indagam de sua consciência: "Porque me condenas?" e dizem ao coração: "Fala e ama!" Só conhecem uma coisa, a ocasião se oferece, a hora das confissões há tanto reprimidas se aproxima.

Que importa o outro? o que o outro é? Nem mesmo querem que ele decline o nome! Recusam-se a estudar o lado moral do problema. Satisfazem o desejo! "Obedecem à vida!" E seu coração, livre do martirizante silêncio, fica aliviado como um abscesso que acaba de ser aberto!

Mas aquelas para as quais a luta é menos simples que isso e que, pelo Evangelho, sabem que certas confissões são confissões culpáveis, heroicamente sufocam-nas. Tudo aquilo que sai da alma, se é proibido, enodôa-a tanto como aquilo que nela entra. Calam-se. Com o mesmo gesto que usou Jesus para acalmar o Lago tempestuoso, elas o empregam para acalmar a necessidade de amar. Deus, que vive nelas, conhece quanto padecem e não as condena. O que pesa em seu coração vão elas depositar na Igreja mais próxima. Mas não pecaram. Permaneceram altivas. Seu silêncio foi heróico, e percebe-se, nesse coração juvenil, que uma espada nele penetrou!

Ternuras que se devem recusar

Há tanta doçura em se saber amado e em ouvir palavras que são as palavras supremas! Entram pelo ouvido inebriado e chegam até o coração, espontaneamente aberto. Com elas, se inebria, envolve-se nelas como se fossem brancos lençóis onde dorme embevecida a felicidade!

Quantos corações ficam tristes por não ouvirem essas palavras tão esperadas, por não poderem entreabrir a porta a tão desejada visita!

Ficam de tal modo tristes que muitos deles, se porventura o amor ainda chegar, lhe abrem logo a porta e o recebem, seja ele qual for. Embora traga consigo a desgraça, o pecado, o adultério íntimo, a desonra, o desastre que apenas ao tocá-lo eles colham o fruto proibido e se transformem em ladrões, que lhes importa? Ei-lo! Que lhes falta mais, se o amor chegou!... Quando se tem fome, o pão de qualquer procedência é bem aceito. E, quando se anda arrastando, cansado, por uma estrada poeirenta, qualquer veículo que oferecer um lugar será abençoado...

E com este raciocínio, sofisma do coração, a pureza fenece. Ela vive da recusa contrária.

A jovem pura, e que deseja conservar-se, não retribui todos os sorrisos. Não aceita, para a sua mesa de trabalho, todos os ramalhetes. Não recebe todas as confissões. Não abre o porto íntimo de seu coração a todas as barcas que a ele querem atracar. Não se sente com liberdade de consentir em tudo, recusa-se a si própria o direito de tudo aceitar. Sua consciência está às portas do coração, pronta a vigiar todas as entradas. Quanto maior for o encanto do visitante suspeito, tanto maior será o esforço para não puxar o trinco da porta. Concentra-se no mais íntimo do seu ser, inatingível, obstinada. Se por acaso algum soluço escapar lá de dentro, pelo menos o anjo celestial recolherá suas lágrimas como se fossem pérolas preciosas, pois são as lágrimas dessas vítimas que brilham como estrelas no céu interior.

Naturalmente, depois, elas sonham, dolorosamente felizes, com o que poderia ter sido, mas que não deveria ser, e sentem-se orgulhosas em pensar que tiveram a coragem de querer que não fosse.

As tempestades custam a amainar, a febre provocada por lutas desse gênero também não cede instantaneamente. Durante longos dias agita-se nela o turbilhão das recordações. Mas, no fundo, quando rezam diante de Deus, ouvem Sua voz abençoá-las e sentem Sua mão acariciá-las. E esta já é uma recompensa, testemunho prestado a seu mérito, curativo feito a ferida que ainda sangra um pouco.

A solidão que se deve aceitar

Algumas vezes apresenta-se uma séria alternativa: só e pura, acompanhada e culpada.

Dizem que a solidão é a pátria das grandes almas.

Estou de acordo. Mas nem todas as almas são grandes almas, e a alma não é o coração. Enquanto a alma é grande, o coração, embora seja mesquinho, pode estar acabrunhado por se sentir sem amor.

Só, isto quer dizer: não ter perto de si com quem sonhar, pensar, sofrer, trabalhar. Quer dizer: convites que não encontraram eco, emanações de ternura que retornam às suas fontes. Quer dizer: não compartilhar as alegrias que se duplicariam ao serem divididas. Quer dizer que de janela alguma espreitarão uma volta e que também de janela alguma ninguém aguardará seu regresso. Estar só é pensar sempre em voz baixa, cantar só para si, não escrever cartas e também não recebê-las. É, na mesa do coração, não ter um comensal para quem cortar o pão, e, nos dias de provação, olhando ao redor de si durante a noite, aperceber-se de que só existe a escuridão da noite.

Oh! como o vento glacial do inverno bate de encontro às paredes de uma casa vazia!
Oh! como os grandes ventos da vida, ameaçadores, sonhadores, sinistros, batem de encontro aos muros de um coração solitário!

"Tudo, menos a solidão!" exclamam desesperadamente as jovens! E elas a povoam de pessoas queridas ou, então, consentem que qualquer a povoe. Em todo o caso, é menos penosa a vida... Mas esta felicidade, conquistada com um erro, é alegria enganadora.

Outras, no entanto, permaneceram solitárias depois de compreenderem que sua pureza valia bem tal sacrifício. A vida moral está cima da vida amorosa. Sua consciência foi-lhes bem fiel e fê-las compreender bem a grandeza do que lhes pedia. Mas, como são longas as noites durante as quais o coração ao mesmo tempo pergunta e responde, enquanto que, talvez pertinho dali, na rua, lindos sorrisos chamam e parecem replicar insolentemente ao prazer que se tem numa boa companhia...

Solidão das viúvas... Solidão das mães sem filhos... Solidão de algumas jovens puras, sem dúvida mais aguda, mais heróica, visto ser mais voluntária, pois bastava uma só palavra, palavra que não é pronunciada, para que uma muito querida presença viesse preenchê-la.

A piedade que se deve reter

Inclinar-se para um dor humana que pede consolo; oferecer simpatia a um coração desconhecido, incompreendido, abandonado, sofrido; dar apoio a uma consciência fraca prestes a render-se; aquecer, como o faz o agasalho no inverno, uma alma que sente frio; visitar aquele cuja solidão desespera; deixar que lágrimas amigas e solidárias caiam do abismo de certas misérias; dar, dar sempre, dar àqueles que não têm e, se tivessem, seriam melhores ou então menos maus; abandonar a calma radiosa em que se está para descer ao rés-do-chão onde uma vida moral agoniza; imitar o Bom Samaritano; abrigar no peito a ovelha perdida e, enfim, encontrada; alcançar Judas e impedi-lo que se enforque na árvore de Haceldama; e, enquanto que, do fundo do inferno, o rico desgraçado suplica um pouco de água, ir até ele umedecer-lhe os lábios; acariciar o rosto de Caim para acalmar seus remorsos e sua revolta!... Isso é piedade!

A bela e suave piedade, vinda ao mundo com Cristo Jesus, filha de Seu nobre coração!

Porque também aí será necessária a discrição e o sacrifício, quando seria tão bom, tão divinamente instintivo entregar-se ao primeiro impulso, sem os freios de uma sábia e controlada prudência!

E, no entanto, é preciso.

Eloa caiu por querer consolar Satanás, o eterno inconsolável. Ela era bem sincera quando inclinou as asas brancas para ele. Mas ele não foi sincero ao mostrar-lhe, lá em baixo, a ferida aberta. Ela supunha ajudar. Ele queria perdê-la. Ela era ingenuamente boa, ele era maliciosamente ruim.

Uma das grandes tristezas da vida é poder muitas vezes dar a um livro o título: "Piedade" ou "A queda de um anjo". Isso atinge à fraqueza humana de uns, ao sagaz cinismo de outros, à mistura que existe entre o bom, o passável e o mau. Desde que o mundo o comete, o pecado se embrenha nas mais belas realizações e as estraga com sua constante ameaça.

O dever é ter piedade. Mas o dever também é não entregar a alma.

É muito difícil e necessário acordo! Não temos o direito de nos perdermos para nos salvarmos e igualmente não nos podemos deixar perder sem ao menos tentar salvar-nos. Daí, seguir a consciência, quando se trata da piedade, como de outra coisa qualquer. É muito fácil dizer, mas a prática está cheia de incertezas, de angústias e de renúncias. Sobre os grandes corações virginais, a dor exerce um comovente fascínio. Suscita-lhes emocionantes generosidades, faz com que se esqueçam de si próprias quando se trata de salvar os náufragos que se debatem no oceano. E então?

Não há outra coisa a fazer senão recusar a doçura de consolar, se, na prática desse consolo, se corre o risco de profanar-se. É preciso não ver, não ouvir, e marchar chorando, com o pesar de um sonho desfeito e o tormento de uma grande mágoa que vos persegue e intimida na fuga dolorosa.

E não haverá outra maneira de agir? Para consolarmos, quererá Deus que nos transformemos em cúmplices? e, baixada a maré, que fiquem, na areia molhada, dois cadáveres em vez de um só?

O coração puro sofre imensamente com a decisão que deve tomar. Não se amaldiçoa, visto que a consciência o tranqüiliza. Mas sofre tanto! Aliás, são melhores as lágrimas que se derramam por não ter podido salvar do que as derramadas pela vergonha de uma queda e sem mesmo ter, para servir de consolo, a esperança de salvar a outra!...

É preciso estar sempre pronta a dar a vida, mas nunca a alma!

As incompreensões a que nos devemos sujeitar

Esse violento esforço para se conservar pura, se ainda fosse apreciado, compreendido, auxiliado por aqueles que o deviam conhecer! Os sacrificios generosamente aceitos teriam aí uma legítima compensação! Mas quem é que no mundo aprova essa imolação tão digna de louvor perante Deus? Os heróis têm quase sempre um aspecto de imbecis! E neste assunto com maioria de razão. No meio da multidão judia de Sexta-feira Santa, quantos elogiam Cristo por se ter deixado morrer de semelhante modo? Alguns apenas. Para um só centurião que, diante de tão sublime agonia, exclamava: "Verdadeiramente, este é o Filho de Deus!", quantos, mas quantos exclamavam: "Visto que Ele pode, porque não desce da Cruz? Ele que salva os outros, não se salva a Si próprio?"

Poucas são as vítimas heróicas. Raros igualmente os seres capazes de vibrarem com o ritmo dessa coragem!

Perdoa-se facilmente as fraquezas se redundarem num pouco de felicidade ou de dinheiro. Enquanto houver alguma recompensa, não se cuida do modo de proceder; visto que o resultado foi bom, intimamente se aprova o meio de obtê-lo.

Uma jovem pura priva-se de ternuras, de alegrias, de mil pequenas coisas suaves com que se faz a felicidade humana. E pequenas gotas de sangue embelezam-lhe o coração. A não ser o Anjo, o mesmo Anjo que consolou a Agonia de Jesus, onde estão aqueles que virão consolar a dor desta criança? Nada pode esperar do mundo, a não ser um encolher de ombros displicentes, críticas e risotas. E não terá ela o direito de esperar dos seus, pai, mãe, irmãos, a palavra que abençoa e encoraja? Mas nem sempre essa palavra é pronunciada. Em seu lugar outras são ditas, outras que fazem mais mal do que a ferida já aberta. Censuram-na, admoestam-na por ter deixado escapar a ocasião, por não estar de acordo com a época, por não procurar um brilhante futuro, por ser exagerada, por querer pregar lições de moral, por ser louca, exaltada, estúpida.

Criticam-lhe os prazeres recusados, as resistências opostas. Em vez de, com toda a delicadeza, lhe arrancarem, espinho por espinho, a coroa que martiriza, introduzem-na em seu coração com mais força ainda. E, no entanto, qual foi seu delito? Que fez ela senão cumprir com os ensinamentos de Cristo? Mas o "Bem-aventurados os corações puros" não foi admitido no programa do mundo. Essas mesmas pessoas que não admitem uma ruga no rosto e que rejeitam a rosa que tem uma de suas pétalas manchada, essas mesmas pessoas não admitem uma pureza imaculada nem um coração puro. Repreendem a empregada porque encontraram um pouco de terra no assoalho, vaiam a cantora quando desafina em uma única nota, desestimam o visitante por um erro de apresentação. E quando a filha não consente que sua alma fique enlameada ou que uma nota mal dada prejudique o canto de amor, descompõem-na de modo picante, como não ousariam fazê-lo com uma cortesã...

Depois de tudo isso é de espantar que, com a aproximação da noite, encontremos jovens que vão esconder o coração dolorido à sombra de uma igreja e, diante de Deus, chorem menos a dor de seus sacrifícios voluntários do que a tristeza de não terem sido compreendidas e de sentir, sobre si, um olhar materno que as condena! "Vim para provocar a discórdia entre mãe e filha", disse Jesus. Eis aí, a discórdia! e o que discorda é a pureza de uma e o mundanismo da outra.

Quem tem razão? A filha. Mas o fato de ter razão não elimina o sofrimento.

O escândalo que se deve temer

O espetáculo da vida desnorteia e amedronta. Escandaliza. Tem-se a impressão de andar tudo às cambalhotas. Vício e virtude se misturam e o mal parece que ganha vantagem. Vence facilmente e sabe tornar a vitória arrogante. O bem cerca-se de discrição, daí seu encanto e, ao mesmo tempo, sua fraqueza. Nem sempre a um procedimento inatacável corresponde um bom êxito humano.

Muitas vezes, numa jovem, a leviandade é um poder conquistador. A elasticidade dos princípios morais permite grande número de concessões que, por sua vez, acarretam prazeres e dinheiro. As audaciosas facilmente ganham o dia e, enquanto que o trabalho honesto às vezes só consegue um escasso pedaço de pão, uma atitude incorreta consegue a manteiga para se colocar na torrada. Muito facilmente, por pouco que se sirva das ocasiões, a jovem duplica seu salário pelo pecado.

É muito triste confessá-lo.

E as interessadas, cientes disso, encontram aí uma perigosa tentação.

O problema se afigura torturante para os seres cheios de ideal e de religiosa fidelidade. Embora mais tormentoso, já foi proposto às virgens cristãs da antiguidade. Cedendo, adquiriam a fortuna e a vida. Resistindo, escolhiam a morte.

Para as virgens cristãs dos nossos dias, não se as ameça, em caso de recusa, com o cárcere ou com o anfiteatro. Mas, para que o drama seja doloroso, será necessário que se ouça o rugido dos leões esfaimados e que o sangue escorra pelo chão? Não é suficiente que a jovem se veja na contingência de escolher entre uma honestidade improficua e vantajosa concessões? Quando, no fim do mês, guarda cuidadosamente seu modesto ordenado e, ao alcance da mão, se lhes oferecem todos os acréscimos desejáveis, não é sem sofrimento que a jovem corajosa, desviando os olhos, prossegue em seu caminho, só, carregando pelas ruas o duplo fardo do dinheiro que seu trabalho rendeu e o dinheiro que sua fraqueza poderia ter adquirido.

As vitórias do mal sempre ferem a consciência dos justos. A possibilidade de cometê-lo e dele tirar proveito sempre tenta o coração dos puros. Como geralmente acontece, a tentação se apresenta amiudadas vezes e multiplica seus botes, eis aí a alma recebendo os mais violentos golpes. Não é uma derrota, muito ao contrário, é vitória, mas uma vitória que machuca, faz doer.

É uma espada, são mil espinhos que ferem o coração.

O martírio é a testemunha que sangra. Quantas jovens só são puras com a condição de assim o demonstrarem? haverá muitas que possam, sem ilusão, pretender ficar intactas a não ser aceitando imolar-se pela sublime grandeza e, de antemão, correr o risco de nunca serem ricas, aduladas, afagadas pela vida, alimentadas por outras iguarias que certamente não são "a água da angústia e o pão da amargura"?

Esses sofrimentos não são alardeados. Escondem-se e calam-se. O rasgão é invisível. É segredo. Somente dele são cientes os que merecem que se lhes faça a confidência. É por essa razão, sem dúvida, que, na Medalha Milagrosa, o coração ferido está por baixo enquanto que, por cima, resplandece a Virgem triunfante e coroada de estrelas.

Não há motivos para lastimar essas nobres jovens.

Disse Jesus "Bem-aventurados os corações puros e felizes os que choram"! Mas é razão suficiente para, na admiração que provocam, colocar uma profunda emoção e uma respeitosa ternura na palavra fraternal que as encorajará, agradecendo-lhes serem o lírio branco que perfuma no monturo do vício, com lágrimas na corola servindo de orvalho.

A coroa de estrelas

A Imaculada da Medalha apresenta-se cheia de luz. Em volta de Sua fronte uma coroa de estrelas, de Suas mãos jorra uma profusão de raios.

Símbolo que significa o esplendor da pureza.

Os pecadores não têm esplendor. Suas mãos não sabem fechar-se para o amplexo culpável. Quando se abrem, não é para dar, mas para aceitar. Ora crispadas com a avareza. Ora lânguidas com a volúpia, nervosas e abatidas, só deixam cair flores murchas. Se são feridas, de sua chaga só sai pus, mas jamais a claridade. Entre seus dedos mina, como se fosse uma água suja, o azedume das esperanças desfeitas ou das paixões esgotadas.

Sua fronte não tem estrelas. Talvez seja altiva e provocante, talvez arda em febre, mas não é luminosa. E como o seria? Somente a alma brilha, espiritualizando de antemão, para a glória eterna, a carne mortal. Quase que não tem mais alma. Sua alma está longe muito longe, agonizante ou embrutecida, nalgum canto obscuro de seu ser. Esgotando até o fim as últimas reservas, não tem mais forças para a iluminação de sua fronte e de seus olhos. As pecadoras são sombrias, pois o pecado é a própria noite.

A pureza faz a alma viva, clara e quente, ilumina o ser por inteiro. As virgens puras são as belas estrelas que iluminam a grande noite humana. Deslumbramento aliás discreto e agradável aos olhos, não os cegando.

Quando, pois uma jovem, de pé sobre a serpente esmagada, tendo o coração divinamente ferido, conquista a pureza, de seu sacrifício e de sua vitória emana uma luz pura como sua divina origem e alimentada pela própria claridade divina.

O esplendor divino

“Os corações puros verão a Deus”. Desde aqui eles O vêem, pois penetram o mais que é possível no mistério de Deus. Nesse olhar não existe sombra, por mais voluntária que seja, que o obscureça. Na pupila desses olhos não existe mácula e a tara do vício, claro, luminoso, esse olhar íntimo da alma com o qual se pode ver sem o auxílio de ninguém.

Nos impuros, a fumaça negra do coração culpado sombreia o pensamento, limita a visão. Quando por demais materializada pelos cuidados, a alma torna-se insensível às coisas do espírito. Do mesmo modo, e ainda mais tristemente, quando por demais embrutecida pelos erros carnis a que não nega consentimento, não se comove nem vibra com as coisas de Deus. Para ela, isso tudo não passa de simples quimeras, de sonhos tolos. E a esta alma, transformada em corpo de seu corpo, só interessa o que se possa apalpar com o contato quente das mãos apaixonadas, o que se apresenta com cores vivas; só interessa, enfim, a ternura demonstrada pelas batidas desordenadas de um coração de carne...

Para a pecadora é esse o grande castigo. Perdeu a Deus, o gosto por Deus, o amor de Deus, a compreensão de Deus. E Deus, que não vive nela, também dela não se separa.

Lembro aqui a frase tragicamente verdadeira de Mirabeau a Barnave: “Nada tens de divino!”

Para dar a Deus, é preciso tê-IO e, para anunciá-IO é preciso com Ele viver. Dizia Jesus: “Quem Me vê, vê o Pai”.

Ninguém, aqui na terra, anuncia mais a presença viva de Deus do que uma virgem. Existe aí um mistério sagrado, uma realidade que a profundidade clara e infinita do olhar desvenda a quem é digno de compreender.

Assim como há um estado de graça para a alma sem pecado, também há um estado de graça para o sorriso, a ternura e as palavras dos corações puros, em que Deus habita.

Se não fosse esse o motivo, porque seria então que Ele é tão generoso para algumas criaturas? De onde vem esta paz com que as envolve, esta calma de que estão possuídas, esse fervor na oração que ilumina a alma, senão de Deus vivo que nelas realiza Sua admirável obra?

O universo fazia dizer a Ampêre: “Como Deus é grande, Ozanam!” E uma criança pura, com sua pureza de dez anos, com sua pureza de vinte anos, diz a quem olha: “Como Deus é belo!” Os céus narram Sua glória. Alguns castigos demonstram Sua justiça. A ordem do mundo demonstra Sua poderosa sabedoria. O coração das mães demonstra Sua bondade. Jesus na Cruz é sinal evidente de Seu amor apaixonado.

Entre as vilanias deste mundo, e com elas contrastando, a pureza de algumas fisionomias, irradiando a suave inocência dos corações, atesta sua adorável santidade. Se semelhantes criaturas não mais existissem, pensaríamos que Deus abandonou o mundo ou que, metido Consigo mesmo, recusasse a deixar-se ver pelos homens pecadores.

O esplendor da liberdade

Ser livre é não ser escravo, não sentir sobre si qualquer constrangimento que prejudica toda iniciativa. Assim considerando a liberdade, as puras são livres. Essa liberdade é consequência da luta generosa e uma das recompensas de sua vitória.

Tanto nelas como em qualquer de nós, havia os instintos com suas tiranias, o corpo com seu peso, os desejos com suas exigências.

Pouco a pouco, porém, de tanto frearem, conseguiram um domínio tal sobre si que a consciência reina de modo absoluto. Para cada pecado não cometido, aumenta o poder da vontade, e nisto consiste a verdadeira liberdade.

Para cada triunfo do dever sobre o prazer, da alma sobre os sentidos, o prazer diminui seu poder de atração, os sentidos enfraquecem suas exigências. Desse modo se estabelece, no íntimo dos seres puros, uma harmonia que mantém cada coisa em seu lugar: a alma sujeita a Deus, o resto sujeito à alma. Na verdade, fazem o que bem querem e não o que as paixões exigem, como bestas esfaimadas.

Não é obedecendo ao dever que se fica escravo, ao contrário, essa obediência nos faz livres. O que torna escravo é fugir ao dever, sujeitar-se ao domínio brutal das potências sensuais.

Eis o motivo porque as pecadoras não têm, não mais têm, quase que não têm, ou têm cada vez menos uma grande liberdade. Fazem o que não queriam fazer. Um outro – o pecado – é que ordena, e elas obedecem. Ele pede, e elas dão. Com seu punho de ferro, ele sufoca os débeis sobressaltos da consciência, as últimas palpitações do ideal esquecido.

Sufocadas ao mesmo tempo pelas recordações e pelos desejos, apoquentadas por visões, torturadas pela necessidade, insaciáveis e saturadas, encantadas e desgostosas, elas se agitam a mais suave brisa, caem ao menor choque, correm a um simples aceno, cedem diante de uma pequena ameaça, acompanham o pequenino veio de água. Abandonam-se sem resistência.

Assim que o Tentador lhes apresenta a corda, elas mesmas amarram as mãos. Não saberiam dizer hoje o que será delas amanhã, sentem unicamente – e isso é bem uma escravidão – que são hoje o que delas fez a ocasião e que serão amanhã o que a ocasião de amanhã delas fará.

“Quem peca – disse Jesus – é escravo do pecado”. Com sua alma e sua vida, a impura é o comentário eloqüente e triste dessa frase de Cristo.

O esplendor da força

As puras são fortes. São corajosas. Lutaram vitoriosamente. Para elas, a pureza é uma conquista e, muitas vezes, para salvá-la, foi-lhes necessária uma defesa cerrada para a qual despenderam muita energia.

Supõe-se por acaso que essa harmonia interior é conseguida sem mais nem menos e conservada sem cuidados especiais? O domínio dos poderes do mal, o triunfo do espírito não deixa ser uma vitória. Mas elas não proclamam alto seu heroísmo, embora essa luta perdure enquanto houver vida.

Não são roseiras que vergam ao vento, não se deixam arrastar diante de um sorriso, não se entregam a primeira tentação. Resistem, firma-se.

E nisso é que consiste sua fortaleza. Muitas vezes, o esplendor que irradiam não é senão de calma e serenidade. E nada mais expressivo, visto que a força só é sagrada quando se desdobra em tranqüilidade e doçura.

Ao passo que as impuras!

Quantas vezes lhes escapam dos lábios a confissão de fraqueza desesperadora! Proclamam-na e a lamentam. E a história de sua vida cotidiana assim é escrita. Outras, porém, negam-na. Simulam denominar “força e coragem” o que não passa de grande audácia, escondem suas inúmeras quedas.

Vejam! Será que elas se dominam? Fazem realmente o que querem? Resistem a uma tentação? Impedem um desejo de se manifestar? Quando o pecado tenta, podem freá-lo? E, quando a fascinação entra em jogo, não ficam imediatamente seduzidas? Não se entregam inteiramente um encontro, a uma lembrança, a um instinto que surge? E isso é força? O que em verdade encontramos na fisionomia que simula bravura é um grande abatimento. Cantar em altas vozes, falar grosso, rir, nada disso indica fortaleza. Muitas vezes prova o contrário. As interessadas negam-no, mas a própria vida o demonstra. E é justamente porque, ao invés de se conduzirem, deixam-se levar pelos acontecimentos, são uns entes fracos...

O esplendor da felicidade

Cristo disse: "Felizes dos corações puros". Daí vemos que uma deriva da outra: pureza e felicidade.

Muitos naturalmente, protestam. Para eles existe o "Prazer" e, como explicação:

Prazer - divertir-se.
Divertir-se - ser feliz.

Ainda mais abaixo acrescentam:

Pureza - privação.
Pruvação - tristeza.

Eis tudo!

Assim tudo explicam. Mas será que pensam mesmo dessa maneira? E, principalmente, será essa a verdade? Se o é, porque, então, as pecadoras se aborrecem de si mesmas, dos outros e da vida? Porque têm tanta amargura? tantas revoltas? tanta "negrura" na vida? tanto nervosismo? porque a alegria soa tão artificial como o seria, numa velha torre, o tanger simultâneo dos sinos para as núpcias e para o cortejo fúnebre? os cadáveres de crianças que os rios fazem rolar à noite, por debaixo das pontes, não são em geral cadáveres de virgens puras? O desespero faz suicidas, ousarão dizer que a pureza produz desespero?

Terrível ilusão. Dolorosa mentira.

O que engana é a exigência de sacrifício que a pureza acarreta e a austeridade de que tem necessidade para poder nascer, renascer e viver. Fruto saboroso mas de aparência espinhosa, palácio de fachada sombria, assim a pureza que, para ser uma alegria, requer, antes de tudo, realizar-se. Aquelas que a possuem encontram, nas ruínas dos prazeres recusados por um golpe de vontade, a paz, a força interior, o sentimento da própria dignidade que irradia uma deslumbrante alegria. Que se nota nos retratos de santa Teresinha do Menino Jesus? E como não se encontram jovens puras somente entre as Carmelitas, o sorriso daquela moça, o olhar desta outra, não o testemunham suficientemente? se, como acontece comumente, neste sorriso e nesse olhar encontramos, brilhando, a última gota de lágrimas vertidas ainda há pouco, impedirá isso que a alegria seja verdadeira e o testemunho eloqüente? Não se poderia ser ao

mesmo tempo feliz e sofredora enquanto que, ao contrário, muitas vezes se é voluptuosa e desolada?

O esplendor da alegria nas pessoas puras! Até as culpadas o vêem e dele ficam invejosas. Quando encontram aqui e acolá uma companheira cujo sorriso as inebria, deixam-na cair numa cadeira e, soluçando, exclamam: "Ela é feliz, sim... Ao passo que eu!..."

"Ao passo que eu!..." Oh! esta queixa, esta confusão, este grito em certas bocas!...

É que tudo se paga. Existe uma lógica para as coisas, sejam elas belas ou não... Quem se engana no caminho a tomar nunca alcançará a meta desejada. A pureza tende à verdadeira vida, que é toda alegria. A impureza tende à morte, que é de fisionomia sombria e de olhar parado.

A pureza é um jugo e um fardo. Mas é o jugo do Mestre Jesus, e é suave. É Seu fardo, e é leve. Eis porque as puras irradiam a alegria dos seres livres. As outras, as que suportam o jugo martirizante e o fardo esmagador, desprendem, do ser desprovido de nobreza, a insolência de suas ambições, o desencanto em que degeneram as várias experiências, a humilhante resignação das escravas, das vencidas. Que verdadeira alegria possuem para aureolá-las? Nada têm, a não ser cinzas, chagas e um grande vazio. É menos fácil extrair de tudo isso um único gramo de luz do que conseguir perfume de um ramo de rosas secas.

O esplendor da suavidade

Doce como o mel. Suave como um cordeiro. Acariciante como um veludo. A doçura é o contrário da violência, da cólera, do mau gênio, das reações brutais. Não é uma pequena virtude, é um misto de força e amor. Esse mel se encontra na boca escancarada do leão. Foi assim que Sansão o provou. Os suaves são senhores de si mesmos, acalmam as próprias tempestades, abafam os regidos do vulcão íntimo. Têm a mão aberta e pronta para a carícia em lugar do punho fechado que vai esmurrar. São censurados por serem macios demais, sem consistência. A censura não tem fundamento. Na realidade, a paciência está-lhes apoiada pelo vigor e os golpes que não desferem foram retidos pelo coração forte e indulgente. Os seres puros não podem deixar de ser fortes, pois venceram na luta perante as pessoas e as coisas. Mas essa força transforma-se em suavidade, uma vez que impregnada de caridade e de paz. Pelo menos, assim devia ser normalmente.

A jovem que adquiriu a pureza, e a defende dia a dia, desconhece os ímpetos de raiva, de revolta e de inveja. Não é, ou não é mais, a serpente erguida, pronta para os ataques furiosos e os assobios sinistros. Não faz com que aqueles que a amam sofram as conseqüências de seus desgostos pessoais. Não é irritável como a apaixonadas nas horas tumultuosas. Não despide as vigilantes afeições que a querem auxiliar. Como não tem veneno em baixo do dente, não sente necessidade de morder para aliviar o rancor ou vingar a derrota. De antemão se sabe qual o acolhimento que se terá sem termos de recear essa indiferença ou essa recusa em que os pecadores são costumeiros, pois são volúveis, desajustados, dependendo de uma nuvem do seu céu, de uma carta na caixa, de um malogro em suas esperanças, dependendo da vida, enfim!...

O esplendor da paz

Duas jovens se querem com uma bela amizade. A confiança é plena. Amando-se, auxiliam-se e protegem-se mutuamente.

E eis que a crise agita uma delas. A vida soprou seus ventos de tempestade. Os rumores do prazer mergulharam nela. O tumulto das paixões brame-lhe no coração. Eis sonha. Treme. Está absorvida. É a luta íntima e são suas destruições. Atrativo e, ao mesmo tempo, pavor do mal. Necessidade de estar só. A tempestade enfurece o lago e o coração; quase barquinho frágil, parece assombrar.

No entanto a outra, mais vigilante, continua radiosa e serena. Que contraste! E o refúgio, para aquela que, angustiada, sente soçobrar, o refúgio está justamente aí. Da alma de sua amiga desprende-se uma suave serenidade. Não a serenidade insensível do penhasco orgulhosamente erguido contra as ondas, mas a serenidade das noites calmas quando nada parece perturbar a harmonia das coisas, sob o olhar vigilante das estrelas que surgem.

Abençoada vizinhança! Abrigo seguro e acolhedor. Contra as ameaças brutais ou os acenos maliciosos, a amiga a ele recorre como uma criança assustada que se atira aos braços maternos. E não é necessária uma palavra, basta um único contato de alma para que a calma volte ao coração, pouco a pouco, recupere o ritmo regular e sinta cair à febre do sangue. Amizade pura, remédio contra o falso amor. O esplendor da paz, tão misterioso, tão real, tão benfazejo! Coisa difícil de exprimir, mas fácil de negar, só aquelas que a experimentaram nas horas perigosas da juventude é que conhecem a esplêndida verdade, visto trazerem consigo a incomparável recordação.

O esplendor da nobreza

Nobre é o contrário de ignóbil, e ignóbil significa que não merecemos ser conhecidos porque, se o fôssemos, só mereceríamos desprezo.

A nobreza é uma forma de grandeza, um modo de superioridade, acima da banalidade.

Dá direito, a quem a possui, a uma humilde altivez. Para quem a vê, cria o dever do respeito que se curva e da confiança que admira.

Pela pureza, as puras possuem uma nobreza autêntica. A virtude brilha, a alma triunfa, o coração se espiritualiza. São o que devem ser. Não sofreram ou não guardaram vestígio de nenhuma tara vergonhosa. Não são belezas profanadas nem esplendores cujo brilho se apagou. Não deixam que sua estrela se arraste na lama. A marca das decaídas não está impressa em sua frente. Constituem uma aristocracia moral que encontra em si mesma a mais segura consagração.

Aristocracia reconhecida por aqueles, ao menos, cujo julgamento é digno de se levar em conta e que têm o senso do valor como o artista o tem da beleza.

Mas as impuras! Como sua queda foi grande! Delas dizia a Escritura que "o ouro se transformou em chumbo". A casa de Deus transformou-se em estábulo. E, como dizia São Paulo, "o vaso de honra" é, agora, o vaso da infâmia... Passar do gênio à idiotice, da

fortuna à miséria, não é das piores decadências. Os farrapos com que se cobrem os escravos são menos desonrosos nas costas de um rei do que esse trapo de pecado com que passou a cobrir-se aquela que um dia foi bela e respeitada.

Faz às vezes de sua vergonha uma terrível experiência. Faz, agora a comparação... Não mais se estima, a consciência grita alto a confiança que ainda se lhe dá: "Se soubessem!" diz ela para consigo.

Enquanto que, orgulhosamente, finge estar segura de si mesma, intimamente preferiria esconder-se. Um olhar puro de criança fá-la baixar os olhos. Lê a própria condenação em todas as fisionomias cândidas. Caso consiga alguns triunfos, eles não a fazem esquecer a miséria em que se encontra. Vê que o mundo zomba das feias, das pobres, das velhas e quem sabe se não faz coro com ele? Mas ela sabe, pois é uma evidência que a martiriza, que a decadência não está em ser pobre, nem feia, nem velha, está em... ser... impura... E ela o é!

Conclusão

Em tudo que vimos, isto é, vitórias que a pureza supõe, sacrifícios que exige, não haverá algum exagero? Encarar as coisas deste modo não será talvez vê-las sombrias, piorar a realidade, a fim de torná-la mais comovente, bater na água para provocar espumas? melhor do que ninguém, podem as interessadas dar resposta. E essa resposta, sendo leal, se baseará no que escrevi.

Quando São Paulo, o apóstolo da caridade e da virgindade, iniciou suas pregações pelas grandes cidades pagãs, seu coração sentiu-se mal. A consciência gritou-lhe no peito, como que protestando indignada. Era feio, era sujo. O vício imperava. A sensualidade era a deusa do lugar. Na cidade, a única coisa pura que havia era o céu azul. quanto ao resto... o resto... Para uns, a vida era um gozo, enquanto que, para outros, não passava de aviltante servidão. A alma era sufocada pelos sentidos, como um ferido sob um montão de cadáveres.

Pregar a palavra "castidade" assemelhava-se ao gosto inútil e louco de um semeador que semeia o trigo no gelo ou atira as pérolas ao chiqueiro. No entanto, a palavra foi ouvida. O ideal brotou. Houve virgens puras. Mas quem percebeu seus sofrimentos mais secretos, suas heróicas resistências, seu sublime esforço, seu rigoroso e tímido recato? E tudo isso era bem necessário, sob o risco de logo depois desfalecerem, vencidas, e voltarem a ser iguais às outras. Quanto a essas últimas, bem sabemos que espécie de sorriso desabrochava de seus lábios pintados!

Para algumas, aliás, bastante numerosas, o caso se apresenta do mesmo modo. Sim, é o mesmo, apenas menos complicado, menos angustioso. Em nossa civilização existe tanto paganismo vivo ou renascente! A árvore de onde pende o fruto proibido está plantada à beira de tantos caminhos! Existem tantas serpentes silvando sob as folhas verdes! Quantas jovens imprudentes não são vítimas do encanto de que se reveste a tentação, fascinadas pelo olhar meigo e terno! De maneira que, para não ir aonde tantas vão, para não olhar nem por um minuto o que tantas olham, não se deixar morder no calcanhar nem ferir o coração, é necessária certa altivez no andar, aliada a uma sábia vigilância. Inês, Lúcia, Águeda só conquistaram a pureza aceitando o heroísmo até a

morte. Para se tornarem suas dignas irmãs em Cristo Jesus, as jovens de hoje devem munir-se de idêntica coragem e suportar tão grandes sacrifícios.

"Custa caro", diz o Apóstolo, viver casta e piedosamente.

E, no entanto, é preciso, seja qual for o preço desse ideal. A mensagem do Mestre continua sendo o programa absoluto das jovens gerações que desejam tornar-se divinamente belas. O Sermão da Montanha foi pronunciado para todas as épocas. No ano 30, como ao ano de 1030, como no ano 10030, caso o mundo ainda viva: - "Bem-aventurados os corações puros". Foi dito pelo Mestre diante do lago de Galiléia. Foi repetido por São Paulo diante do lamaçal das cidades gregas e romanas.

É dito ainda no limiar da alma, ao ouvido de todas as jovens. Sempre. Em toda a parte. Apesar de tudo. Porque só aí está a verdade, o dever. Impõe-se até a quem a rejeita. Aqueles que não a conheceram serão julgados, e deixar de praticá-la, porque exige esforço, é reconhecer-se covarde quando a coragem cansa e pecadora quando o pecado atrai.

Uma cristã não pede explicações sobre: "Bem-aventurados os corações puros". Talvez trema um pouco antes, ou, então, core. Seja trêmula ou enrubescida, aceita-a porque o Mestre falou e só Ele possui as palavras da Vida Eterna. Sabe que cedo ou tarde o Mestre terá razão e, enquanto espera ela mesma fazer a própria experiência, seja nas manhãs de feliz pureza, seja nas noites de triste pecado, entrega-se inteiramente à palavra infalível. Quantas não se arrependem por não terem acreditado! Milhares de outras se desonraram por não acreditarem! Outras, ainda, morreram culpadas e desesperadas por terem acreditado no contrário! E haverá alguma dentre elas que tenha sido enganada pela santa palavra? Onde encontrar os mais belos sorrisos nos lábios de vinte anos? Os mais lindos olhares humanos, quais os olhos que os possuem? O vício é triste, a sensualidade sombria. Só a pureza possui belos olhares e divinos sorrisos.

Louca por sua alma

As dificuldades aumentam. Jovens, se não existir alguma coisa em vocês que não seja mais forte, elas acabarão vencendo.

E que é essa "alguma coisa"?

O culto pela alma, a loucura por vossa alma.

Sem a loucura pela Cruz, dizia São Paulo, não há nem sabedoria, nem ardor, nem apostolado, nem dedicação. É a verdade, mais do que a verdade.

Sem a loucura por vossa alma, não pode haver pureza. De acordo com essa loucura é que se age, se vive, se morre.

A jovem que tem "loucura por seu corpo" entrega-se sem receio a todos os gozos, e a ele sacrifica a vida. A jovem que tem "loucura por seu coração" entrega-o indistintamente a qualquer amor que a ele sacrifica a consciência. A jovem que tem "loucura pela sua beleza" tudo vê, tudo lê, procura tudo, tudo experimenta, tudo empreende, tudo usa e, moralmente, assim morre.

Somente a jovem que tem "loucura por sua alma" renuncia a tudo que pode escurecê-la, conserva-a intacta e a salva. Semelhante aos grandes patriotas que são "loucos por sua pátria" e morrem para que ela viva, assim ela, que é louca por sua alma, tem-lhe apego. E defende-a ferozmente. E esta alma não é indício de pureza? Quando se lhe pede qualquer coisa, estando a alma tranqüila, ela se dá, não se recusa a nenhum sacrifício, sente-se pronta para qualquer imolação. Basta que, do meio das ruínas, a alma surja luminosa, viva, invulnerável. Se salvou a alma, satisfaz-se porque não perdeu coisa alguma. A pureza mantém a alma intacta, a alma conserva a pureza imaculada. Unem-se com um elo que quer ser eterno.

Ridículo, baixo, grosseiro, o mundo ri.
Risada satânica.

Quanto a vocês, jovens cristãs, não riam dela. Compreendam-na. Admiram-na. Imitem-na.

Transforme-se nela.
Porque ela tem razão.

E é para ela que vai o nosso respeito comovido e nossa absoluta confiança.

4- VOCÊS E VOSSAS LEVIANDADES

Virgens loucas

Numa noite do Oriente, sob as estrelas do céu, cinco jovens displicentemente sentadas num banco de pedra... Hora de sonhos e do primeiro sono que se insinua... Perto delas, a lâmpada apagada e sem azeite...

Esta cinco... Cada qual tem seu aspecto peculiar... Cabelos louros, cabelos negros... Olhos azuis... verdes... castanhos...

Uma grande... uma pequena... outra média...

A única coisa que nelas havia de comum é terem sido todas convidadas para uma festa nupcial, e, enquanto lhes crescia água na boca, ao pisarem no belo festim próximo, adormeceram... Mas como foi brusco o despertar... as lâmpadas estavam vazias, a senha era severa e não puderam comparecer à festa...

O Evangelho chama-as "loucas"... o que não significa "estúpidas", mas "imprudentes".

Chamemos a primeira Suzana, a segunda Marta, a terceira Raquel, a quarta Judite, a quinta Madalena... (Não existe aqui alusão alguma... Tanto tomamos esses nomes como poderíamos tomar outros quaisquer).

Numa noite do Ocidente, sob a luz do luar, as cinco ainda continuam no mesmo lugar... Daqui se percebe sua respiração...

Leiamos sua história e, desde que são loucas, tomemos conhecimento de sua loucura.

Marta ou a louca que dança...
Suzana ou a louca que amua...
Raquel ou a louca que ri
Marta!...
Suzana!...
Raquel!

Atenção! Leiam sem saltar uma palavra.

Marta ou a louquinha que dança

A esta palavra caída como uma pedra no lamaçal a jovem se ergue. Surpresa. Indignação. Semelhante a uma serpente espantada, semelhante a um soldado que ouviu o “alto lá!”, ela está de pé. Procura.

Quem é que pronunciou essa frase: “Louca que dança”? Uma voz lhe sussurra ao ouvido: “É o Padre X.” Então ela responde: “O Padre X! Ele disse isso? Ele, inteligente, espírito moderno, conhecedor da vida!... Não, não pode ter sido ele. Ele não faria uma coisa dessas!...”

E, no entanto, foi ele.

Senta-se então na cadeira e, enxugando com seu lencinho branco o suor que cai da testa, pensa tristemente que...

Que... o que?... Que todos esses padres e frades acabaram com a alegria humana... que até mesmo os mais inteligentes dentre eles não compreendem, que os mais indulgentes vêem maldade em tudo, que, com esse método de tudo proibir, despertam o desejo de tudo praticar, e que, justamente por serem por demais rigorosos, dão ensejo a que se lhes desobedeça...

E, tranqüilizada, refeita da emoção que sofreu, tendo “ajeitado a consciência”, levanta-se para o próximo tango.

No entanto, a expressão “a louca que dança” não lhe sai do ouvido. Ela desejaria aprender tudo o que essas palavras não revelam. Saber, também, porque são pronunciadas. Porque deve haver razões para isso. Na verdade, elas existem e bem graves.

Senhorinha Suzana, se é você a “louca que dança”, leia estas páginas com toda a calma, com toda a atenção. Elas não foram escritas nem com estreiteza de vistas, nem com dureza de coração, nem interessadamente. São verdadeiras.

Razões que a dançarina apresenta para se supor “virgem prudente”

Diz ela:

Imitar, a 3.000 anos de distância, os santos personagens da antiguidade, é coisa sábia. Davi, o “Santo Rei Davi”, dançou diante da arca! Acompanhado de tamborins! Punha nisso todo o seu coração, toda a alegria! E Deus se alegrava vendo-o dançar assim! Uma tal dança equivalia a um Te-Deum! Esse Magnífico dançado tinha, para Deus, o mesmo encanto do Magnificat cantado! Davi dançava até não se agüentar mais!... Se sou louca, também ele o era... Ora, Ele não era um louco, logo também não o sou.

Resposta. – Com efeito, se você dançar como ele o fazia, não será considerada louca. Enquanto sua dança se assemelhar à dele, ninguém irá censurá-la. No entanto, vejamos! Davi dançava para Deus, diante de Deus, perto da arca, com toda decência! Você também dança assim? Será mesmo? Tem certeza de que suas danças são como um salmo ritmado e que poderiam ser aproveitadas pela liturgia cristã?

Diz ela:

Ser prudente é realizar uma bela obra de arte. Ora a dança é uma obra de arte complicada, exigente. O rigor das linhas, a graça dos movimentos, a agilidade, o domínio de si, o sentido do belo: nada mais do que isso requer a dança. Uma dançarina é uma artista. Essa arte dá-lhe direitos, evita-lhe críticas, garante suas boas intenções. Por acaso sou louca quando pinto, quando toco piano, quando canto? Então porque o sou quando danço?

Resposta. - Necessariamente você não o é, mas poderá vir a sê-lo. Diz-se freqüentemente: “A dança é obra de arte”. Algumas vezes ela o é, realmente. Mas não passa disso e nem sempre o é. Mesmo quando é uma linda obra de arte, a moral pode julgá-la e condená-la. Começa como obra de arte e acaba como obra de volúpia, o que não passava de beleza física transforma-se em feiúra da alma, a pureza das linhas muitas vezes degenera em impureza do coração.

É suficiente que haja um senão para que o direito de “realizar uma obra de arte” não equivalha ao direito de dançar. Existem várias distinções entre as danças e as diversas maneiras de dançá-las.

Diz ela:

É prudente procurar um marido ou fazer com que ele nos procure. A não ser assim corre-se o risco de ficar solteirona. E eis a “Virgem louca” só, triste, inútil, lograda. Ora, é nos bailes que se encontram os maridos. Conclusão: dançar!

Resposta. – Também fora dos bailes se encontram maridos e fora dos bailes que os melhores rapazes encontram as melhores jovens. Sem contar os casos em que, ao invés de encontrar no baile o marido procurado, perde-se, porque não era ali que ele a procurava.

É preciso que se encontre para que se veja, é preciso que se veja para que se conheça, é preciso que se conheça para que se ame, é preciso que se ame para que se case... Sim... Mas a sala de baile não é o único lugar para os felizes encontros. Embora o fosse, isso não serviria de razão para se dançar qualquer coisa e de qualquer jeito...

Diz ela:

É ser prudente distrair-se, distender os nervos, quebrar um pouco a monotonia da vida, cansar sadiamente o corpo... Vive-se mais, dorme-se melhor, entedia-se menos... E, enquanto isso, não se fala mal do próximo.

Resposta. – Por favor, deixemo-nos de histórias: “Não se fala mal do próximo”. Como se, no baile, nunca se falasse, e como se, fora dele, se falasse sempre!

Mas se, para se distrair, distender os nervos, cansar o corpo, é preciso dançar (???), por acaso as danças suspeitas especialmente as audaciosas e suspeitas, mantêm esse monopólio? Será só interessantes os livros indecentes? Isso é sinal de que a indecência parte da própria pessoa. As danças proibidas serão as únicas interessantes? Sinal de que, moralmente, já não se é grande coisa.

Diz ela:

É ser prudente seguir a época em que se vive e não querer sobressair. Em caso contrário passa-se por original e, com o pretexto de obedecer à Igreja, o que se consegue é que ela seja malquista.

Resposta. – Isso tudo está sendo dito sem raciocínio. Seguir sua época, pertencer ao mundo em que se vive! Todas essas frases encobrem um desejo secreto e, à sua sombra, cometem-se as maiores infâmias. A moda não faz a moral. O êxito não transforma o mal em bem. Segue-se sua época com a condição de seguir, igualmente, a consciência. Pertence-se ao mundo desde que este não perturbe a vida cristã. Existem singularidades que se impõem originalidades que limitam o dever. Sem o que, cada vez mais subjugada, transforma-se a jovem no ser capaz de tudo o que o mundo e a época fazem. E isso é muito grave. Em estilo evangélico, denomina-se a isso “blasfêmia”.

Se não existe diferença, na dança, na leitura, no amor, no prazer, na vida íntima, entre uma cristã e uma mundana, mesmo quando essa cristã faz “parte do mundo”, para que então o cristianismo? O paganismo seria suficiente para a humanidade.

Em resumo, considerando a dança de um modo abstrato, ela não é má. Dançar não é pecado. Praticamente, dizer isso nada significa, pois não se dança no abstrato. Dança-se em hora determinada, em determinada atitude, em determinado lugar, com determinadas pessoas, e determinada dança. É então que o problema se torna cada vez mais importante e que se pode, segundo as circunstâncias, limitar-se ao permitido ou atingir o proibido.

Tal é o pensamento exato da Igreja, que assim resume sua aplicação: ou você tem o direito de dançar deste modo; ou você não tem esse direito.

Razões pelas quais se pode chamar a dançarina “virgem louca”

1º- Quando desobedece à Igreja, é louca moral e religiosamente.

Creio não precisar demonstrá-lo, supondo já ser coisa aceita. Deveria bastar a uma jovem católica que proibições categóricas tenham sido feitas. Ignorá-las voluntariamente não dispensa a obediência, conhecê-las, a ela obriga.

O mundo acolhe essas proibições com uma gargalhada, embora vários incrédulos tenham bendito a Igreja por havê-lo feito.

Nada de estranhável nessa atitude do mundo. Está no seu papel. Infelizmente, porém, distinguimos o riso de cristãs que fazem eco com o mundo. Eis o que entristece e inquieta, sem, contudo, surpreender muito.

Porque, se riem desta vez, rirão outras mais, rirão contra a Igreja todas as vezes que o mundo o fizer, e este rirá sempre. Também a dança perdura. E, como não são as cristãs que cristianizam o mundo, é o mundo que mundaniza as cristãs. Com ele estão de acordo. São indulgentes. É a ele que obedecem, às suas exigências é que cedem.

A prudência, nas mães em primeiro lugar, e nas jovens depois, estaria em responder claramente: “sim” à Igreja e “não” ao mundo. Mas isso não se faz. E o resultado é que tudo se passa como se a Igreja nada tivesse dito.

Certas vezes, algumas jovens tentam sacudir o jugo e, timidamente, recusam-se a dançar as danças proibidas. Mas são logo censuradas por outras mulheres, algumas vezes por sua própria mãe ou companheiras, que se irritam e zombam delas. E as que desejariam, por escrúpulo da consciência, manter-se afastadas do baile, a ele são como que jogadas.

Onde está então, ó jovens, o ataque libertador? Porque – respondam! – porque as mesmas danças, de idêntica maneira, com as mesmas audácias, são dançadas em vossa casa e na casa dos outros? É normal? “Se o sal perder a força, com que se salgará então?”

2º- É louca quando se liberta das benéficas imposições da lei moral.

A lei moral rege tudo, o íntimo e o externo, o desejo, a palavra, o gesto. Aquilo que ela condena, mesmo que seja absolvido pela paixão, é condenável.

Segundo esta lei, certos gostos são verdadeiros pecados, não só porque o cometem como também porque a eles convidam.

O mesmo se passa com determinados olhares.

Existe, pois, uma lei que rege a convivência entre as pessoas, as aproximações corporais e as carícias. Verifica-se aí imprudência, provocação ou ponto de partida para inevitáveis tentações.

Se todas essas coisas são tão verdadeiras fora da dança, porque não o seriam no baile? Será o perigo menos real aqui do que lá? Só a ilusão ou a inconsciência poderão responder afirmativamente. Bastará ao fraco iniciar uma dança para se tornar forte? Certas presenças e certas vizinhanças, que comumente perturbam, transformar-se-ão em inofensivos calmantes, logo que iniciado o baile e empreendida a dança? Pode-se, ao

mesmo tempo, ser sincero e acreditar nisso? Demonstrou acaso a experiência ter sido assim algum dia? Ou é justamente o contrário?

Dizem que, uma vez iniciada a dança, uma vez que se entregam inteiramente à sua arte de dançarinas, não cogitam mais de praticar o mal. De onde vem esse inesperado privilégio?

Em certas danças, pode-se, com efeito, admiti-lo. E é por isso que a Igreja não pensa em condenar todas as danças, só impõe suas condições. Mas o que denominam “danças modernas” serão elas puras, decentes, respeitosas? As interessadas que respondam, só lhes pedimos que sejam leais. E creio que reconhecerão, sem grande dificuldade, que o cortejo do pecado original também entra com a dançarina pela porta do baile, que também ele frequenta o baile, aí trabalha sutilmente, talvez apaixonadamente, e que em nenhum outro lugar a fraqueza humana está tão em contato com o perigo de morte.

São raras e felizes as exceções que encontramos. Mas a regra geral é a mesma. Não é a Igreja que dita às proibições, mas sim a própria lei moral de que a Igreja é fiel guardiã. O capricho, a paixão, os hábitos adquiridos injuriam a Igreja, mas a consciência lhe dá toda a razão.

3º- É louca quando se expõe ao grave e imediato perigo.

Dizem as dançarinas em sua candura (?) suspeita: “Não há perigo!”

Seria o mesmo que dizer não existir perigo algum na vida. Muitos o dirão prazerosamente, mas são justamente esses para os quais não existe fruto proibido porque, para eles, não existe bem nem mal, virtude nem vício, e só estimam o prazer, sentido aqui ou ali. Ora, o perigo existe. Nem a boa vontade de evitá-lo, nem a presença dos pais e amigos o suprimem radicalmente. O espírito está pronto, mas a carne é fraca. Os olhares maternos são indulgentes e distraídos.

A luz das lâmpadas não chega a iluminar os cantos sombrios. A presença das mães não esfria a atmosfera carregada. Elas não podem estar em toda a parte, no coração das dançarinas, nem nos lábios dos dançarinos.

Não vêem tudo, não ouvem tudo, não adivinham tudo.

Sentadas, apreciam, sonham, conversam ou se enfastiam. Aliás, muitas vezes são convidadas a permanecer em casa porque poderiam apanhar algum resfriado e, com a idade que têm, com o cansaço que se lhes estampa na fisionomia, precisam deitar-se cedo... Etc., etc.

E nem sempre as mães lá estão.

Perigo para as que vão dar uma voltinha pelo jardim... Perigo no regresso a dois, já tarde da noite... Perigo das últimas palavras rapidamente trocadas, dos encontros marcados, das mudas confissões, das cumplicidades dissimuladas.

Perigo do atordoamento da hora em que não há mais “controle”...

Perigo da languidez que adormece a energia e entrega o ser cansado a que se oferece para o recolher. Perigo de uma linda e ingênua castidade que gira, como numa tempestade, em meio a criaturas que não são castas nem inocentes.

Perigo do hábito que se adquire, da necessidade cada vez mais tirânica, do deslize, irresistível, das imprudências cada vez mais ousadas.

Perigo do minuto fatal em que a jovem dançarina é ferida de morte, como a flor amarrotada com a ponta dos dedos.

Existem ou não esses perigos? Você não ousará negá-lo, Senhorinha...

4º- É louca quando expõe um outro ser a semelhante perigo.

Semelhante ou pior perigo?

Não se quer fazê-lo, não se o faz de propósito! A desculpa é suficiente? Quando é um par que dança, cada um tem o direito de ignorar o que se passa com o parceiro ou de se desinteressar? Vestida como está para essas ocasiões, a jovem torna-se insensivelmente tentadora. Sem adivinhá-lo (?), pode provocar terríveis crises, desencadear um drama prestes a culminar. Chegando a casa, cansada, triunfante, mas intacta, quem sabe se não deixou atrás de si, na madrugada que se anuncia, um pobre ser açoitado pela tempestade? Quando se diz que se pode pecar no baile (certamente!), diz-se, igualmente, que um dos dois serviu de ocasião para o outro.

Mas, objeta ela, Será que em todos os encontros se dá isso? Nesse caso, só resta viver sozinha.

Não, existem diversos graus. A ameaça é mais premente em tal dança, em determinada atitude, em tal modo de dançar, e não naquele! Ora, o mundo parece comprazer-se em levar o perigo aos extremos. Tanto isto é certo que sempre se pergunta o que deve ser feito para não se ser objeto de pecado, e não o que se deve fazer para deixar de pecar.

Ponto de vista de velho moralista, não é? E isso que importa, desde que o velho moralista tenha razão! E existem motivos para acreditá-lo desde que a Igreja pensa com ele, e suas proibições são as mesmas da Igreja.

Eis porque e em que sentido, sem obstinação, sem estreiteza de vistas, sem dureza, mas unicamente em respeito à por demais triste realidade, se pode dizer: “A Louca que dança”.

“Pois bem! Dança agora!” dizia a Formiga...

Em a noite da grande festa, a ceia termina de modo espetacular. O braço nu de Salomé, a dançarina, traz, num prato, a cabeça ainda sangrenta de João Batista. A dança desta moça valei tal presente.

Os convidados calam-se. Herodes treme. Herodíades pilheria.

Não quero dramatizar, você não é Salomé. Você não é ousada como ela e, como ela, você não é cruel de tanta volúpia. Mas, em certos bailes, não é menos verdade que se cometam crimes. No lugar de uma cabeça que sangra, há uma inocência que chora, uma pureza que morre. Na hora de ardente folia, um coração de criança perdeu a candura e a paz. Num cantinho qualquer aí está Satanás com seu sorriso cínico. A consciência, aterrorizada, cala-se. Quantas vezes não terão os anjos baixados os olhos diante do triste espetáculo que se lhes depara nas longas noites de baile? Ninguém o sabe.

E, no entanto, é por demais sabido que pares de jovens, dançando juntos, enlaçados, se encaminham pela dança para o cemitério em que estão sepultadas as purezas murchas! Desses jovens, muitos eram, antes, generosos e pacíficos! Não mais o são. Tornarão a sê-lo algum dia?

Compreendem, agora, qual o motivo dessa proibição da Igreja e porque ela assim determina? Vocês a acham por demais severa, desconfiada, ainda a censuram por estragar a alegria de viver? E ela, certa de salvar a verdadeira vida e manter sempre luminosas as verdadeiras fontes de alegria, contenta-se em olhá-las tristemente, gravemente, ternamente.

E de dizer-lhes, como o fez Cristo ao ser esbofeteado:

“Se falei mal, mostre-me em que... Mas, se falei bem, porque me esbofeteiam?”...

Suzana ou a Louca que amua

É engraçado ver alguém zangar-se! Uma das coisas mais engraçadas da criação! Oh! esta cabeça! Estes olhos que lançam chispas semelhantes a um fósforo que nega fogo! Esse nariz trêmulo! Esses dentes cerrados que só se abrem para tomar a sopa! Levantar-se sem dizer bom-dia! Deitar-se sem dar os boas-noites! Esse queixo inerte! Esse ar ridículo que quer parecer temível! Essa boca fechada num silêncio inútil! Esse sonho assassino que não matará ninguém! Essa face que ruma inofensivos projetos de vingança! Esse barulho de vulcão sem lava, que não intimida a ninguém!

É bonito alguém amuar... Um menino que se zanga! Uma menina quando se zanga! Uma jovem zangar-se! Depressa, um espelho!

“Que faz ela, minha senhora, a sua Suzana? – Ela está amuada, sentada à janela. Ela se aborrece lendo; lê aborrecendo-se. Tem um desejo louco de não mais se zangar, mas zanga-se assim mesmo, porque, quando se zanga, zanga-se e está acabado...”

Também as almas se aborrecem. E isso é mais grave, mais inquietante.

Moralmente falando, é estar descontente, querer mal a alguma coisa ou a alguém, recusar o “sim”, ser indomável, refugiar-se numa resistência que se sabe vil, agir sem entusiasmo, e murmurar embora se obedeça à autoridade que se amaldiçoa e, ao mesmo tempo, se respeita. Existe também despeito e como que uma censura amarga ao ideal que se alimenta.

É tudo ao contrário do que Deus ama naqueles de quem Se serve, Ele que pede generosidades espontâneas e não empregados mal humorados e imprestáveis...

Há quem amue com o dever

O dever é o que tem de ser feito em determinado momento, se é que se quer cumprir com a vontade de Deus. Em si mesmo, não é agradável nem penoso. Agradável ou penoso é o que tem que ser feito.

É aborrecido porque não pode ser escolhido

Ora, comumente, não se escolhe o dever. Aceita-se. E fica-se aborrecido por ele se impor assim, sem primeiramente se informar se agrada ou deixa de agradar. Vindo de Deus, será preciso que se peça permissão? Por acaso a doença, a chuva, a neve e a telha do telhado nos pedem licença para caírem sobre nossa cabeça?

O dever é uma telha? Sim, muitas vezes. Em todo o caso, seja telha ou codorna assada, como vem de cima, nada mais temos que fazer senão apanhá-lo e abraçá-lo respeitosamente.

Mas eis que surge coisa diferente do que sonhávamos. Havíamos organizado de modo diferente a vida. Eram outras as preferências e eis que ele chega, como um indiscreto, um mal educado. Com que direito?... Daí a vontade de mandá-lo para o diabo, esse mensageiro de Deus... Ou então, ao menos, deixá-lo ficar esperando na porta e, depois de fazer o que se quer, vir recebê-lo.

Mas a audácia não chega a tanto. Há educação. Abre-se a porta ao dever. Mas a impressão é de uma amabilidade forçada, que até deixa de ser amabilidade E, muitas vezes, nem chega a isso. A alma torna-se descontente, sem alegria, sem amor, e a criatura, sem poder libertar-se, age a seu modo.

E, no entanto, ele é realmente o mensageiro da vida, aquele que traz consigo o segredo da verdadeira beleza moral, do firme progresso. É o programa infalível. O caminho reto para Deus. Fora dele arrisca-se a encontrar ilusões, capricho, mentira. Para a alma esclarecida, que compreende, é a coisa sagrada que talvez não se tivesse inventado bem desejado, mas que, uma vez dada, se deve apanhar com vigoroso amplexo, deixando de lado tudo o mais.

É aborrecido porque não tem brilho

De fato, muitas vezes não o tem. E como o haveria de ter, se a vida da maior parte das criaturas se compõe de mil pequenos nada reunidos, com os quais se tece uma existência inteira! Apenas alguns seres, no conjunto geral, têm um destino brilhante a cumprir, e são exceção os que contam com algo de sensacional. Instintivamente, prefere-se trabalhar no macio, no delicado. O fabrico contínuo de meias grosseiras, ao qual alguns estão condenados e resignados, outros, em determinadas horas, não seriam capazes de suportá-lo. Ah! Produzir alguma coisa notável! Não passar sempre despercebido! Vir a ser alguém a quem se admira! Se uma artista aplaudida! Uma cantora! Um “guri” seja do que for! Uma rainha de beleza ou mesmo de feiúra, contanto que seja uma rainha, como retrato nos jornais e o nome num cartaz!

Então! São raras as rainhas! Ao passo que camponesas, costureiras, datilógrafas, empregadas, disse “estão cheias as ruas”. Quanto mais houver, menos importância se lhe dará. E assim a vida desliza na obscuridade, cheia de ocupações não de todo inúteis, mas cuja glória única está em ganhar o pão e só preencher o tempo.

Se nos pudéssemos libertar de tudo isso! Mas não é possível. Ainda não resignada, não compreendendo ou só compreendendo as coisas pela metade, a senhorinha fica aborrecida. Aborrece-se por ter que ser quem é em vez de ser de maneira diferente. Pobre dever, cinzento como o céu de Lyon...

É aborrecido por ser monótono

Evidentemente! A menos que se queira mudar de casa, de profissão e de marido todos os anos, assim terá que ser até o fim. É espantoso que o dever de hoje se assemelha ao de ontem, como se assemelhará ao de amanhã.

Apenas uma pequena interrupção, o domingo (uma vez por semana)... As férias (não para todos) uma vez por ano... O casamento (na maioria das vezes) uma vez na vida... E tudo recomeça novamente... Surgirá daí a frase: “A meada da vida?” Talvez. Nesse sentido, têm razão de assim de exprimir. A vida é isso: uma monotonia. E até a morte, que, afinal, não passa de uma novidade, ao menos para aquele que por ela é visitado.

Porque, para o conjunto da humanidade, também a morte age monotonamente. Imaginem seu gesto de ceifadora, seu balanceio contínuo, essa queda, sem igual, da cabeça inerte sobre os ombros...

O dever é monótono. Como ele o é e o será sempre, a sabedoria manda que se o tome como é e, se nada adianta zangarmo-nos, seria mais acertado aceitá-lo com coragem, caso não se possa fazê-lo com um sorriso.

Muitas, que o compreenderam, aceitam-no. E acontece que essa aceitação torna a monotonia menos monótona, elas acabam por amar a esse dever “sempre igual”.

Outras, no entanto, vingam-se ficando amuadas. Parece-lhes que, com tal proceder, desforram-se e compensam-se. A ilusão seria inofensiva se não prejudicasse moralmente a vida. Perde-se tempo, trabalha-se sem alegria e sem alma. O dever foi praticado sem que se obtivesse o benefício espiritual que daí poderia resultar.

Não é a variedade de dever que interessa. As vidas verdadeiramente belas não são essas em que se encontra o inédito, o imprevisível e o novo.

Aborrecer-se é coisa louca, porque é inútil e até mesmo prejudicial. Insensível à careta que lhe fazemos, a vida continua com seu programa. E acontece que, no fim, por termos ficado amuadas, quando era necessário agir, sofremos e pouco merecemos.

Na mesma essa pobre, a Virgem Maria, durante anos seguidos, fez, dia a dia, o mesmo trabalho, a mesma cozinha, a mesma oração. Ao lado, inclinado sobre tábuas da mesma madeira, Cristo aplainava. Ora, dizia Bossuet, “não existe nada de maior neste mundo do que Jesus Cristo”... Naturalmente que não!

Há quem amue com a consciência

Culpada, medíocre, covarde e um pouco envergonhada de ser tudo isso, a consciência não está do lado dela. Não é, pois, feliz. Ela está contra si, assustada. O interior de si mesma está dolorosamente dividido. A consciência acusa o coração. O coração despreza a consciência.

Também a alma se aborrece, pois não é bastante generosa para descansar em sua vitória, nem bastante vencida para se conformar com a derrota. Ela se amargura ainda com a nobreza que lhe resta e a precisão de vistas que não a deixa ignorar.

Seria tão simples não ter remorsos, pecar sem constrangimento, deixar de ouvir a voz lancinante, lançar seus apelos! Porque esses golpes repetidos à porta da casa onde ela desejaria divertir-se desenfreadamente? Porque esse olhar penetrante no canto do quadro onde desejaria gozar livremente? Porque essa mão que desperta a alma quando seria agradável dormir tranquilamente? Porque esse sussurro no ouvido esquerdo, quando o direito escuta uma confissão de amor?

Existem, entretanto, algumas que riem a bom rir e, em seus prazeres, por eles ficam dominadas, não tendo nem um minuto disponível para se concentrarem um pouco e se julgarem.

Essas têm sorte!...Mas não falemos nelas.

Ora, um minuto de clarividência, bendizem seu tormento – sinal de vida – ora, nas horas sombrias, o amaldiçoam. Há quem amua com a consciência, senhora tirânica, incorrutível testemunha. Aborrece-se com aquela que não deixa ninguém sossegado e cujo prazer se diria consiste em importunar as pessoas e cujo ofício está em irritá-las.

E nisso há um fundo de verdade. Existe, na consciência, alguma coisa do estudo atento, alguma coisa do juiz instrutor, e muita coisa da mosca que nos importuna em noites de calor.

Ela aborrece pelo que é, pelo que quer, pelo que proíbe. Mas, apesar de tudo, ninguém ousa abafá-la. Deixa-se que respire profundamente e isso impede de dormir. Receia-se expulsá-la. E ela aí permanece, pertinho, tão perto que chega a penetrar no íntimo da pessoa, o que impede de ficar só. Faltando a necessária coragem para entrar em acordo com ela, pelo simples ato de submissão, fica-se amuada com esse estranho mau humor espiritual de que muitas almas, nascidas para a bonançosa paz, se fatigam sem proveito algum.

E é justamente o contrário, o que deveria ser feito. Quantas vezes somos castigados pelas pessoas que nos amam! O médico que nos opera, cura; quem nos adverte, preserva; quem nos faz mal, faz-nos bem.

Querer mal à consciência pelo papel que representa e continuará representando apesar de todo o nosso mau humor, é querer mal ao próprio Deus porque Ele se resigna com nossas mediocridades e porque quer arrancar do coração um estilhaço de granada. Há, portanto, de Sua parte, uma prova constante de interesse e de fiel amor. Preferir-se-ia que Ele se calasse, que a chama ardente das íntimas censuras esfriasse no fundo da alma. Mas, desejando-se isso, que é que se quer? O fim da única verdadeira vida.

Se nos tomassem ao pé da letra, que catástrofe! Se, uma noite, a consciência, cansada de tanto mau humor, desistindo de ver um sorriso corajoso em seus lábios e sentindo que ela vos aborrece, se dispõe a ir-se embora por uma vez e para sempre, será a morte para a alma! Tornamo-nos culpados sem o saber. Onde encontrar esse sagrado mal-estar que é o começo da salvação porque provoca arrependimento e esperança? De onde virá o pensamento de sair de um túmulo que se acredita seja um bom leito? Quando se é culpado e se está sossegado, covarde, mas altivo, desonrado, mas feliz, está-se mais perdido que nunca. Naturalmente, não se vai procurar uma corda para nos enforcarmos, pois “tudo vai indo muito bem” (?) e nisso se tem razão, mas, também não se chamará o Salvador para, do alto do precipício, lançar a corda da salvação, e isso é que é de lastimar.

Divina consciência, cujas mãos deveriam ser beijadas na hora mesma em que nos castiga! Louca, três vezes louca, a jovem que com ela se zanga. Não sabe o que faz, como também não o sabiam os fariseus quando criticavam a Jesus.

Entre vocês, jovens cristãs, quantas há que se aborrecem com a consciência? Se fossem marcadas com uma cruz negra pelo anjo do Senhor, quantas não trariam a cicatriz no fundo do pobre coração?

Há quem se aborreça com os chamados de Deus

A consciência é a angustia de se sentir culpado e a recusa oposta aos nossos desejos de ilegítima tranquilidade. O chamado de Deus é, para nós, a culminância do progresso, o tormento do ideal, a passagem no fundo da vida, de um ser misterioso que, com um gesto, nos indica as alturas!

Não possui os mesmos sons, a mesma intensidade, nem insiste na mesma frequência com todas as almas.

Porque os desígnios de Deus são individuais, individual é a missão de cada um, os caminhos são diversos, como diversas são as agruras da estrada.

Entre quinze e vinte anos, como soa nas almas o sino do Senhor! Sino dos domingos, chamando a vida à piedade. Sino das bodas, chamando à vida religiosa. Sino dos funerais, que ressoa ao apelo do sacrifício.

E, quando se é inteiramente generosa para com o sino de Deus, logo que ele bate, a jovem levanta-se e, sem hesitar, dirige-se alegre e confiantemente para onde Ele chama.

Quando não se tem coração para responder, embora o ouvido o tenha escutado, fica-se aborrecida.

É o caso do preguiçoso que reclama quando, nas manhãs frias de inverno, precisa deixar a cama. O caso da jovem leitora, encantada com o romance que tem nas mãos, e a quem a mãe pede para varrer a casa. O caso do coração que bate em compasso de amor e que, bruscamente, é interrompido.

Quando se está bem num lugar, porque não virar as costas a quem atrapalhar? E quando se está calmamente bordando num quarto ensolarado, como não indignar-se contra o vento que abre a janela num rompante e contra a voz longínqua que ordena andar só por um caminho coberto de neve?

Foi deste modo que o jovem do Evangelho se aborreceu quando Jesus disse: “Vende o que tens, dá o dinheiro aos pobres e segue-Me”.

Em se tratando dos outros, reconhece-se, teoricamente, que semelhante chamado é uma honra, que a vida melhor é a única digna de ser vivida, que o sacrificio enobrece, que é, até, o mais seguro caminho para a felicidade, e que aquelas a quem o Mestre chama devem ser invejadas. Desde, porém, que se é a escolhida pelo Mestre, quantas vezes não se muda de opinião? O olhar se entristece, os lábios tremem, a fronte cai. Pensa-se minuciosamente em tudo que se terá de sacrificar e em tudo que se terá de sacrificar e em tudo que não mais se poderá fazer. E sentimo-nos tão mal!

O apelo de Deus é exigente. Há quem amue com essas exigências

É coisa inevitável: corresponder a um primeiro chamado é expor-se a ouvir um segundo mais forte. Diante da alma abre-se a perspectiva de um “sempre mais” que atemoriza. Para que isto se verifique, não há necessidade de que o Mestre chame ao Carmelo. É suficiente que Ele, dentro ou fora do mundo, chame a uma vida menos medíocre, a uma vida cuja meta se desconheça, que a conduza por uma íngreme ladeira, coisa que fatiga e, de antemão, desencoraja. Pensa-se naquelas que não foram escolhidas por Cristo e, no entanto, Este, com Seu misterioso amor, parece satisfazer-Se com o pouco que Lhe oferecem. Fica-se com inveja delas. Apreciam-se as que Deus deixa tranquilas e às quais permite comer, em amargura, o pão dos prazeres cotidianos. Elas dançam, sem que a consciência as acuse, amam, sem que uma voz as perturbe, semelhante ao grito de um ferido dentro da noite.

Pelo exemplo que têm das outras, estão certas de que se, ao invés de amuarem, aceitassem de boa vontade, seriam logo recompensadas. Mas, do saber ao querer, há um grande caminho a trilhar e, enquanto se espera passar de um para o outro, não existe outra coisa a fazer senão amuar.

Além disso, o chamado de Deus significa sacrificio... o sacrificio aborrece.

Se Deus quer transformar-se numa bela realização, quantas coisas, grandes e pequenas, se tornam obstáculos à sua obra!

Impossível é viver a verdadeira vida sem morrer aos poucos. Para se transformar em estátua, o bloco maciço terá de suportar os golpes do martelo. A alma só empreende o vôo para as alturas se arrancar o visgo que a ela adere, se desprezar o alforje pesado, cortar o fio que a aprisiona. Ora, o fio a cortar está preso na carne viva; no alforje está o pão cotidiano dos prazeres, suave de levar; e este visgo que a ela adere é a alegria humana de viver.

A lei do sacrificio é absoluta para aquelas que foram escolhidas por Deus, se aceitam.

Eis porque, na impossibilidade de modificar o programa e, ao mesmo tempo, não podendo transformá-lo a seu bel-prazer, torna-se o ser atormentado, abalado, não sabendo a qual dos dois senhores seguir. Nem a um nem a outro responde “sim” ou “não”. Espera, retarda o tempo. E, até chegar a hora do êxito generoso ou da derrota covarde, amua... Não poderia Ele levantar um método mais brando, menos rude?

De maneira que, nesse mau humor, há, ao mesmo tempo, a censura feita a Cristo por agir assim e nos ter escolhido, a nós, para realizarmos o que traçou.

Loucura, esse mau humor. Mas que adianta dizê-lo à interessada?... Ela bem o sabe. Sabe-o demasiadamente. E o sabê-lo torna-a ainda mais mal humorada porque, às duas razões que tem para se aborrecer, junta-se ainda uma terceira que é a de não ignorar sua loucura.

E até quando durará esta situação? Até que ela ceda inteiramente e, aceitando, encontre o segredo de ser feliz... Até que ela recuse inteiramente e, enfim, encontre o segredo da audaciosa tranqüilidade... São possíveis as duas conclusões. Mas ambas não se equiparam. A primeira é um passo triunfal para a sabedoria, ao passo que a segunda, jovem, é um passo a mais na loucura...

Raquel a louquinha que ri

A queixa

Quer dizer, então, que se é louco quando se ri? Rir é pecado? Uma jovem que não quer se considerada imbecil deve abster-se de rir? Deve ser cabeçuda? Chorar? Fazer cara feia? Somente com essas condições será ela uma "virgem prudente"?

Mas, se não se deve rir, porque fez Deus os olhos e os lábios, pois é com os olhos e os lábios que se ri? Os sapos e os elefantes não riem, nem mesmo os hipopótamos. Devemos-nos assemelhar a eles?

Certamente a humanidade tornar-se-á maravilhosa no dia em que não rir mais! O lindo céu azul será substituído por um véu mortuário. A vida será de uma insipidez atroz... ela, que já não é assim tão alegre! Havemos, pois, de querer torná-la ainda mais triste tirando do rosto a única coisa que o torna um pouco belo e permite ser encarado sem rancor e sem ódio?...

Então, Senhorinha Raquel, um pouco de calma!
Sorria... Ria mesmo com gosto...

E, depois, escute.

Diz o Evangelho: "Infelizes dos que riem!" Esta palavra é de Jesus Cristo, o Infalível, o Indiscutível. Se digo "a louca que ri", baseio-me nEle e em Sua palavra e no fato de haver, numa jovem, um determinado riso louco.

Se rirmos significa sermos felizes, sermos inocentemente alegres, encontrarmos na vida os encantos que realmente possuímos, esse riso não é nem loucura nem pecado. Sê-lo-ia, talvez, se rissem.

Rir, porém, tem outro significado.

Significa: não tomar a sério o que é grave, zombar do que é belo e respeitável; não rezear o que é temível, insultar o que é doloroso.

Nesses casos e nesse sentido é o riso uma loucura. Aquela que o tem nos lábios é uma louca e, ao mesmo tempo, má e culpada.

A jovem louca que ri diante da vida

Não, há, portanto, motivo de risada.

Ri-se de uma comédia, de uma representação. Por acaso a vida é assim considerada? Muitos o acreditam e não agem de outro modo.

Mas, do ponto de vista cristão, e apesar das reais alegrias e das ternuras, é mais um drama do que uma comédia, mais uma tragédia do que uma representação divertida.

Explicando melhor, é uma solene responsabilidade.

O mais emocionante numa viagem por mar são as grandes profundidades sobre que desliza o navio e nas quais, em dias de tempestade, se está ameaçado de cair.

O ansioso de uma doença está no fato de se ignorar se ele culminará na cura ou na morte.

Tem-se o direito de rir das pessoas que embarcam num transatlântico? É prudente rir diante dos doentes graves?

E, então, porque rir em face da vida? Será que ela não é mais do que uma coisa divertida? Não é misteriosa? As aparências enganam, surgem diante dos olhos, ora curiosas, ora desconcertantes. Mas a realidade exige que, de repente, não mais se ria.

A eternidade envolve a vida e espreita-a. Finalmente, o Juízo de Deus aguarda-a. A vida pergunta, o Céu eterno e o eterno inferno respondem. A vida semeia, a eternidade colhe. O rio da vida desliza para os abismos. A viagem da vida prossegue através de imensidades.

Deus não é uma palavra vã. Também não é a imortalidade. Por isso é que a vida não é uma coisa inútil. Mesmo que nos riamos dela, continua sendo grandiosa e solene. Eis porque é loucura levá-la na brincadeira.

Fatalmente, um dia o riso há de acabar. Disse Jesus que Ele se transformará em lágrimas. Dentre os condenados, quantos compreendem que choram agora esse choro por antes terem rido da vida? A verdade adquiriu direitos sobre eles. As coisas são o que serão para sempre e que se devia prever que o seriam.

Miseráveis são os professores cujo ensino faz rir da vida, rir diante dela e rir com ela. Criminosos os livros que alimentam esse riso.

São de lamentar sinceramente esses jovens despreocupados, irônicos ou desabusados, que têm esse riso ao canto dos lábios. Julgar-se-ão eles inteligentes? Seriam, então, completamente idiotas. Causa tão má impressão a jovem que traz esse riso nos lábios, mesmo que eles tenham sido pintados de vermelho ou adornados com uma rosa! Faz medo! Por favor, Senhorinha, não ria mais assim! Não tem esse direito! Veja como Cristo e os Santos não riem! Pensa você ser mais prudente do que eles?

Não, a louca é você!

A louquinha que ri para a beleza

O que é normal é, diante da beleza, tentar compreendê-la, admirá-la e, depois, respeitosa e comovido, recolher-se.

Quem risse diante das grandes ruínas dos Templos Egípcios, diante das pinturas do Vaticano, diante do túmulo do Soldado Desconhecido em baixo do Arco do Triunfo, seria considerado um moleque. E seria moleque.

Mas existem outras belezas além das cores e das pedras. Há a beleza das almas. Ainda mais divina do que nas outras, constituída de sua pureza sem mácula, da nobreza de uma consciência reta, da completa dedicação do dom de si a uma grande causa que requer, para sua manutenção, o desprendimento da vida.

Algumas jovens têm a fisionomia resplandecente dessa beleza, que ainda ilumina algumas faces enrugadas de senhoras idosas. Estava nos olhos do Cura d'Ars e de Teresa de Lisieux. E, como uma rainha de dor, ela coroava a comovedora fisionomia dos mortos de guerra, prostrados por terra, face voltada para as estrelas, sangrentas e pálidos.

As que compreendem calam-se. Têm receio de, falando, profanar. Mas nem todas compreendem. Muitas zombam ou riem insolentemente.

Julgam tola a dedicação, idiota a humildade, hilariante a touca das Irmãs de Caridade, e que privar-se das alegrias é deplorável ingenuidade, assim como recusar os presentes com que a vida nos obsequia e obstinar-se em praticar a virtude por meio do sacrifício...

Acreditam que um cão vivo vale mais do que um leão morto, que o prazer compensa mais do que o dever, e que a amiga, que trocou o salão mundano e aquecido por uma estreita e úmida cela, é digna de lástima...

E riem... Ah! este riso! A bofetada do servo na face de Cristo não era mais insolente! E não era outro o riso dos fariseus perante a Cruz em que Cristo morria.

Riso imbecil e covarde! É um modo pelo qual tantas se defendem quando a consciência da própria mediocridade as acusa. Tranqüiliza-as contra a censura que tais exemplos constituem.

E este riso provoca uma involuntária admiração. Exalta o que ele próprio insulta,

proclamando, ao mesmo tempo, sua admirável grandeza. Como é incapaz de fazer o belo, vingá-se enfeitando a beleza!

Acontece, porém, que aquelas que são objeto de risadas, perturbam-se, ficam desarmadas, desencorajadas, duvidam de si mesmas, como um lírio que, de tanto ser pisado, não mais acreditasse na brancura imaculada de suas pétalas. Riso assassino que fere e mata. Quantos entusiasmos não morreram unicamente por o terem ouvido! Quantas purezas feneceram! Quantas ardentes generosidades foram, por ele, bruscamente arrefecidas! Quantos heróicos esforços para um inacessível ideal cortados sem piedade! Quantas comunhões impediu! Quantos apostolados sustou! Semeado como o joio no meio do trigo, quantas boas sementes deixaram de germinar!

Esse riso conta com um bem número de vítimas. É, pois, um carrasco, não tão sinistro quanto digno de lástima, pois vemos certos lábios, que têm esse riso, muitas vezes rezarem o "Padre Nosso" e receberem essa mesma Hóstia que outros lábios já não mais recebem agora.

Jovens loucas que assim riem! Sabem acaso o que fazem? Esperemos que não, porque, se o soubessem, sua loucura, verdadeira loucura de profanação e destruição, se transformaria num dos maiores pecados. Na fisionomia amarga de tanta decepção, poderia ser encarado como uma altiva maneira de sofrer.

Na fisionomia das jovens, não é senão torpeza. De todos os modos de rir, esse é o que mais se aproxima do riso de Satanás.

A louquinha que ri diante do perigo

Para uma cristã conhecedora de sua religião, o grande perigo não é o perigo de morte, mas sim o perigo do pecado, o perigo da condenação eterna. Diante da morte, uma cristã bem pode rir com esse riso franco, todo esperança, vibrante de amor, ansioso pela chegada de Deus, que se aproxima.

Mas, diante do pecado, cometido ou por cometer, a cristã nunca ri. Diante da possível condenação, nunca ri. Treme, empalidece, perturba-se, tem medo. Mas, nunca ri.

A louquinha ri.

E esse riso diz claramente: "Ah! isso não é nada!"

Não é nada a tentação, visto tratar-se de prazer que se oferece, instinto natural que domina, uma nova experiência a fazer. Isso traz alguma variedade na monotonia da vida... Um arpejo ainda não sentido... uma alegria imprevista... E porque deixar de rir?

Ora, o pecado nada é, visto que a fraqueza o desculpa, visto possuir esse raro sabor do fruto proibido, visto facilmente ser perdoado, visto trazer sempre alguma vantagem, visto poder ser depressa esquecido. Num grande oceano, uma gota a mais ou a menos, que diferença faz?... E porque deixar de rir?

A condenação nada é de extraordinário, talvez mesmo nem exista. Talvez a força do diabo seja uma pueril anedota, a ausência de Deus não seja assim tão dolorosa como

dizer e, talvez, quem sabe? antes da grande queda haja um meio qualquer de se poder segurar em algum galho... Enquanto se espera, porque deixar de rir?

Por quê?...Assim continuam rindo, vivem rindo, distraem-se rindo, dançam rindo.

No entanto, por baixo do assoalho, a eternidade espera. Mais cedo ou mais tarde, o assoalho cede.

Se o Evangelho é falso, esse riso tem razão de ser. Se o Evangelho é verdadeiro, esse riso é louco.

O Evangelho é verdadeiro. Talvez seja nesse sentido que Jesus disse: "Infeliz daquele que ri".

Ao morrer, Voltaire não mais tinha aquele riso com que riu durante toda a sua vida. Menos cinicamente, porém não menos imprudentemente, algumas jovens o possuem. É a resposta aos avisos que recebem. É a acolhida que dão a qualquer tentativa de apostolado que se quer desenvolver a seu lado. De antemão tudo resolve, tudo recusa, torna tudo inútil.

Que prazer encontram em conservá-la? é o que perguntamos. Talvez o encanto de um orgulho triunfante, talvez o encanto de uma desenvoltura que explode. Talvez mesmo nenhum encanto. Quem dirá o que se esconde num sorriso? De quanta mentira e de quanto receio não estará ele feito? Segredo, temível segredo.

Mas, seja orgulho ou triunfo, continua sendo loucura. Nega a Justiça de Deus e a retidão de Suas sentenças. Inutilmente. No fim, acaba sendo malgrado. E, se a morte não o surpreende nos lábios das jovens, estala numa solução eterna.

A louquinha que ri diante da dor

Nesse caso, melhor compreenderíamos as lágrimas que o riso. E, no entanto, também aqui encontramos risos. Não só deixam de chorar diante de um ente querido que sofre, mas também riem. Preferiria mentir ao falar isso, mas não minto. Digo as coisas como são.

Jovens há, pois, que fazem sofrer com sua leviandade, imprudência, dureza e egoísmo! São, para os que delas esperavam algo de bom, uma decepção e, para os que as amam, uma preocupação. Bem sabem de tudo isso, mas pouco lhes importa.

A mãe sofre com um pungente sofrimento que não pode ser medido por palavras e só se manifesta por um olhar suplicante, por um silêncio cheio de censura e esperança. Mas não se importa. pensam: "Tanto melhor! Vivo minha vida! As mães têm facilidade de chorar e são excessivamente zelosas"! Intimamente riem-se com esse sofrimento e recusam minorá-lo.

E a amiga sofre compreendendo demais e pressentindo, ou o abandono ou a queda. E elas, altivas e fechadas, não se deixam comover. Já o coração está longe, a alma ausente. E murmuram: "A amizade transforma-se em servidão... Minha amiga tem os escrúpulos das bestas, as angústias dos tímidos". E riem-se dessas lágrimas que elas próprias não

choram.

A consciência sofre, ainda não embotada, mas por demais descontente. O dever, a virtude, o passado tomam como que uma fisionomia humana, e olham-nas surpresos. É a alma que, antes de morrer, pede clemência, é o ideal que implora não ser coberto com o véu que se assemelhará a uma mortalha... Elas se erguem, simulam desprezo, silenciam a queixa e deixam a consciência gemer. E pensam: "A consciência, ou é uma madrasta, ou não passa de uma fórmula." Espezinham-na e passam adiante. E o riso que então trazem nos lábios é a negação de toda a lei moral.

O Crucifixo sofre, esse Crucifixo para o qual, despreocupadamente, levantam algumas vezes os olhos. O Crucifixo sofre e chora, símbolo que é da verdadeira dor que despedaçou Cristo vivo e das verdadeiras lágrimas que derramou ao agonizar... Antigamente essa piedosa lembrança emocionava-as. Agora, no entanto, não as impressiona mais... E assim raciocinam: "Que é, afinal, Cristo e Seu sofrimento? Se Ele está vivo, não atrapalho Sua felicidade. Vista do profundo da Sua eternidade, quem sou eu? e em que O pode prejudicar minha falta?"

E riem do Crucifixo, o que quer dizer: riem do eterno amor com o qual Deus as ama. E, diante d'Ele, têm a ousadia de se tornarem ou permanecer pecadoras. Se Judas riu antes do beijo, seria diferente seu riso?

Essas jovens são duras e más de coração. São mais loucas ainda, pois o sofrimento cria direitos tanto na mãe, como na amiga, tanto na consciência como em Cristo. Esses direitos não se desprezam e, como são desconhecidos, ainda mais se firmam e se vingam. É loucura, grande loucura atrairmos sobre nós todas essas sagradas dores, assim como o sangue de Jesus caiu sobre os Judeus.

Menos do que nunca, não há motivo para risadas. Mais do que nunca, é loucura rir.

A louquinha que ri para si mesma

De tanto rir de tudo, acaba rindo de si mesma. Coisa grave, bem grave.

Um ser peca por orgulho quando, ao contemplar-se, se admira a si próprio. Se não peca, pelo menos acredita em sua grandeza.

Quando, ao contemplar-se, se despreza, pode pecar por injustiça ou desespero. Mas reconhece uma beleza que morreu.

Quando, ao contemplar-se, se ama, peca por egoísmo. Mas esse pecado pode vir a ser uma maneira de respeito a uma fé na vida.

Mas quando, ao contemplar-se, uma jovem ri de si mesma, com um riso cínico, divertido e amargo, o pecado que comete parece sem solução. É sinal de que não mais acredita em si, de que zomba do seu passado, nega o próprio valor, de que não mais dá importância a coisa alguma que lhe diga respeito. É, ao mesmo tempo, o erro vital e o erro mortal.

Logicamente, esse riso dá direito a fazer daí em diante qualquer coisa, não importa o que, seja qual for o resultado, direito a não se inquietar, a não se arrepender, a não reparar o mal feito. "Já que não vale nada! Já que sou uma mariposa voando em volta da luz!"...

Faz-se acaso um escândalo só porque uma folha morre no outono? ou porque uma fazenda se mancha com o excremento de um pássaro? Pois bem! que é ela senão isso? Que a deixem, pois, tranqüila.

A todos os seus pecados, às suas próprias dores, aos impulsos espontâneos de seu coração, aos seus efêmeros sonhos de ideal, responde com uma risada aberta! Gira sobre si mesma. Se cai, ri. Se alguém vem levantá-la, ri ainda. Cética e desencantada, a jovem ri e não se sabe se é um riso de piedade que penaliza, um riso de ameaça que atemoriza ou um riso de desprezo que envergonha.

Essa espécie de riso, o riso de si mesmo, muitas vezes Anote France o tinha nos lábios. E não era nada bonito. Mas, nos lábios de uma moça, é mais feio e doloroso ainda. Prejudica! Oh! quando se despreza aquela a quem se respeita! Quando aquela por quem se chora ri de si mesma! Quando aquela em que se tem fé, porque é amada, se volta contra nossa ternura confiante e, cinicamente, ri!...

Crêem-se especialmente dotadas de inteligência? pensam ter, enfim, encontrado a última palavra da sabedoria humana além das vãs afirmativas e das lindas ilusões? São, então, dignas de lástimas!

Esperamos que não passem de infelizes! A loucura de seu riso encontraria aí sua melhor desculpa e o mais seguro perdão.

Madalena ou a louquinha que “Flirta”

O “flirt”... palavra bonita, sentimental e poética... Pronuncia-se com um sorriso porque o que ele significa é justamente um sorriso do coração...

Bonita palavra... e coisa ainda mais bonita...

É o meio de se distrair sem pecar... O modo feliz de se passar alegremente os anos que vão desde a época em que se não é mais uma menina até a época em que se transformará numa mulher... O “flirt”! meio prático de experimentar as doçuras do amor sem, no entanto, sofrer os encargos, os desgostos, as angústias, as decepções nem a monotonia que quase sempre acarreta...

Aliás, é coisa elegante... nada banal... cheia de surpresa... “Quem não tem seu flirt”? Isto não tem nada de mal... não se corre nenhum risco... Poderá haver coisa melhor? Substitui-se a boneca por alguém “verdadeiro”.

E, como todo o mundo se serve dele à larga, soa falso qualquer palavra dita em seu desfavor. Ninguém morre por sua causa. Muitos, ao contrário, vivem à sua sombra... aqueles que por ele adoecem, bem depressa se curam... É o idílio sem drama e, se for drama, termina sem crime...

Pois eu, Madalena, flirto...
Tu, Yvonne, flirtas...
Ela, Gaby, flirta...
Nós, pois, as três, flirtamos...
Todas vós flirtais...
Elas todas flirtam...

E a juventude desliza conjugando o verbo no passado, no presente, no futuro, no condicional, em todos os tempos...

E vai-se por aí afora animadamente! Boa viagem, louquinhas...

Mas deve haver um regresso. Nem sempre voltam intactas. Nesse giro alegre também existem tristes noites em que se têm, entre os dedos, flores murchas e, nos lábios, um sorriso que nem chegou a esboçar-se... Durante a guerra, até mesmo dos setores tranquilos, vinha-se um pouco sujo, cansado, com uma premente necessidade do ar tranquilo e fresco da aldeia... O menos que se pode dizer do “setor flirt” é que, nesse setor, se não se morre, regressa-se sujo, magro e com as roupas rasgadas...

Quem pretenderá dizer o contrário?

Quando se disse: “Não é coisa má”, não se disse tudo porque, algumas vezes, é coisa bem má. E o que não é mau pode ser perigoso, o que não é pecado pode vir a ser uma tentação. Aquele que não é culpado agora, ainda pode vir a sê-lo. A inundação não é mais do que um rio que transborda. Para salvar-se, bastará gritar a pulmões cheios: “Não se assustem. Não é o oceano! Isso não passa de um rio.”

O “Flirt” e suas conseqüências

Que é flirtar?

Na sua essência, flirtar é “brincar com o amor”... Tal qual como se brinca, quando pequenos, de “mocinho e mocinha”... Não é amar, é fazer de conta... Mas na idade em que, comumente, esse jogo se inicia muito depressa se pode transformar, seja numa imitação imprudente, seja numa realidade cheia de ameaças, seja numa desonestidade hipocritamente disfarçada, seja num desrespeito consciente para com essa grande coisa que é o amor.

Flirtar-se para se distrair... E, com efeito, diverte-se “à grande”... Mas, de que? Com que? Essa é a questão... Divertir-se com uma folha morta é coisa inofensiva, divertir-se com uma víbora é mortal...

Que é que diverte no “flirt”? Quais são os jogadores desse jogo? E que procuram nele?

A todas essas perguntas só temos uma leal resposta.
Pondo toda e qualquer sutileza de lado, no “flirt”:

- A- Diverte-se com o coração,
- B- diverte-se com a consciência...
- C- diverte-se com a alma...

É esse o motivo de ser tão sério. E, para assim o considerarmos, não há necessidade de ter o espírito estreito, o caráter mal feito, a mentalidade atrasada. É suficiente enxergar o que existe e dizer o que se viu.

Flirtar é diverti-se com o coração

Com o próprio coração, com o coração de outra ou de muitas outras pessoas.

Ora, a simples junção das palavras “divertir-se” e “coração” dá bem idéia do que se trata.

Porque o coração não é um brinquedo, nem uma raquete, nem um balão. É um músculo, mas um músculo “que tem seu destino”.

Quando Cristo fala sobre o coração, trata dele como se fosse uma coisa desprezível? Por acaso ri ou simplesmente sorri quando se refere a ele? Sempre sério, dir-se-ia que ainda mais o fica ao ditar as grandes leis do coração ou denunciar as iniquidades que poderá cometer.

Dizer com Ele: “Amarás a Deus de todo o teu coração” é levar o coração muito a sério. Mais tarde, quando diz: “Do coração saem toda inveja, os homicídios, os adultérios”, é bem severa a palavra que pronuncia referindo-se a ele. Isso não faz rir nem chorar ou tremer. Faz refletir. E o primeiro resultado de tal reflexão é aprender a respeitar o coração, a receá-lo, a vigiá-lo, mas não a divertir-se à sua custa... Não nos divertimos com nosso destino, terrestre e imortal. O coração trá-los consigo, aos dois.

Aí está o centro vital, seja fraco ou forte, puro ou contaminado, putrefato ou virginal. Aí se acendem as chamas que purificam ou destroem. Aí se desenrola o drama humano. Aí nascem os heroísmos e os desesperos. Se aí faz calor e está tudo claro, a vida é feliz. Se aí faz frio e é tudo sombrio, a vida está completamente arruinada.

Não nos devemos divertir com o próprio coração. E, como o coração dos outros é tão sagrado quanto o nosso, também com eles não nos devemos divertir. Em ambos os casos, razões idênticas obrigam ao mesmo respeito religioso, homenagem prestada à augusta dignidade do coração humano.

Cristo zombou do reinado deste mundo. Quando Satanás lhO ofereceu, Ele o recusou com um só gesto. Mas creu e proclamou a realeza do coração. Ele amou o coração, Ele, o Homem-Deus possuidor de um incomparável Coração...

Cada vez que nos divertimos com o coração, profanamos a divina fonte das lágrimas!... É dançar no templo vivo, é transformar “a casa do Pai” numa sala de jogo e, como no festim de Baltazar, é beber o vinho da volúpia nos copos do Santuário.

Divertindo-se deste modo com o coração, provamos duas coisas: a primeira é que não se dá grande importância à verdadeira vida do coração, deixando-a entregue aos seus frívolos compromissos. A segunda é que ainda não se compreendeu a verdadeira vida do coração, visto ser ela conduzida para aquilo que a fará morrer.

Em ambos os casos brincamos demais.

É uma brincadeira muito mais violenta do que aquela a que teríamos direito. Cristãmente não se deve fazer com o próprio coração o que se quer nem com o coração de outra pessoa o que ela nos permite fazer. Existem permissões que não podem ser assim encaradas, visto não passarem de uma autorização para correr um perigo grave sem necessidade, ou cometer um pecado, e tal autorização ninguém a pode dar nem receber... A ilusão está em dizer “meu coração me pertence” e em o dizer sem as devidas atenuantes. Na verdade, esse coração te pertence afim de que possas derramar as ternuras e provar-lhes as doçuras, mas, tudo isso, nos limites do dever e de conformidade com as indiscutíveis exigências de uma lei divina superior a ti...

Ele não te pertence para ser entregue a qualquer transeunte nem para aprisionar qualquer porco que grunhe. Ele te pertence para ser dado sinceramente com um amor puro. Ele não te pertence para ser desperdiçado antes do tempo e se acostumar, com os erros de hoje, a um modo de amar que não é o amor.

E, em conseqüência, se se transformar numa árvore que só tenha folhas, sem jamais frutificar, valerá à pena sacrificar tanto para obter tão pouco? A história da figueira estéril do Evangelho tem aqui miserável reedição. Se fosse só uma figueira estéril, não era trágico, mas um coração vazio, usado, dessecado, é coisa bem triste... Pelo menos, para quem acredita no valor do coração, na sua missão, nas eternas conseqüências de suas faltas, bem como na eterna repercussão de suas boas ações.

Com essa brincadeira o coração se macula

Porque permite contatos que não enobrecem... Quantas vezes se flirta com pessoas com quem não se desejaria casar... Isto quer dizer que a jovem que flirta não é muito difícil... Não há necessidade de olhar de muito perto, pois está visto que jamais se fará a vida em conjunto... Exigem-se unicamente belos olhos, uma voz acariciadora, a graciosidade no porte, enfim: ser “chique”... Qualquer serve, contanto que lhe faça a honra de pô-la em evidência e de se preocupar com ela.

Mas, por superficial que seja a intimidade, existe o contato... Trocam-se palavras, as confidências perduram, os sonhos se cruzam... almas que se falam, olhos que se miram, vidas que respiram uma na outra. Se como geralmente acontece, uma das duas vidas tiver o hálito viciado, não haverá perigo imediato para que a outra vida também fique viciada?

Não é suficiente uma só palavra para fazer muito mal? Não é suficiente uma leve batida à porta para que aquela que está só, durante a noite, em casa, fique amedrontada? Como é, pois, que semanas inteiras de “flirt” hão de ser consideradas inofensivas? E como é que esses longos contatos não hão de deixar vestígios na carne do coração? Por onde passa a lesma, aí deixa o traço de sua baba... Que é que o “flirt” deixa por onde passa?

“Pode ser – objeterão. – Mas se um vestígio nos desgosta podemos apagá-lo... Um móvel sujo podemos limpá-lo... uma chaga asquerosa podemos lavá-la... o que um “flirt” possa deixar de ruim é depressa apagado pela aragem da vida livre!... O coração é limpo como se fora uma praia... como um céu sem nuvens... enfim, como qualquer outra coisa, visto que tudo se esquece, e, com o tempo, qualquer ferida cicatriza...”

Na verdade, é menos simples do que se supõe... Não é certo que todos os vestígios se apaguem, que todas as manchas possam ser lavadas, nem que toda ferida cicatrize. Existem lembranças que perduram, desejos que espreitam silenciosos e vivos, como a traça no velho móvel... Algumas almas não mais encontram a antiga e pura beleza por se terem deixado contaminar um dia... e a consciência também pode ficar para sempre marcada com esta varíola...

Com essa brincadeira o coração se gasta

Objetar-se-á que, ao contrário, ele se vai formando, faz deste modo um útil aprendizado, assim como que um noviciado do amor, com todas as benfeitorias tolices que, mais tarde, poderão ser evitadas... Sendo ainda livre, multiplicam as experiências, as faltas. E, uma vez que de qualquer modo temos que as praticar, não será melhor se use desse processo que, afinal, não acarreta grande risco para ninguém e não traz o perigo de catástrofe definitiva? Ao flirter, a gente se conhece a si mesmo... Observa, compara, escolhe... É o passeio pelas pensões do coração a fim de encontrar a mais amável, assim como se faz, nas adegas, por entre os barris de vinho, para encontrar o melhor... Como é que se pode ser um perfeito conhecedor de bombons se não se provou cada um deles, em sua vasta variedade?...

Sim...

E não...

Porque, tratando-se de “flirt”, a coisa deve ser encarada de maneira diferente. No fundo, trata-se principalmente, e de qualquer modo, de dar uma ocupação ao coração enquanto se espera...

E, se o resultado fosse igual ao de uma pessoa que, de tanto haver beliscado os pedaços de pão antes de jantar, nada mais encontrasse para comer, e, de tanto haver provado todas as qualidades de bombons, acabasse por achá-los todos igualmente saborosos ou igualmente insípidos, de modo que fossem todos comprados indiferentemente ou todos indiferentemente rejeitados com a incapacidade de escolher uma só vez e contentar-se com um apenas, onde estaria então esse famoso noviciado do amor?

Se, com este regime, se aprende a amar a quantidade em vez da qualidade, onde está o benefício?

Será vantagem habituar-se alguém a procurar em toda fisionomia ainda não vista o encanto especial ainda não encontrado, em vez de se acostumar a conhecer o encanto do único rosto amado?

Se, no amor, se cria um humor tão mutável, um verdadeiro coração de nômade, se se transforma naquela que chama “viver” ao que é simplesmente “mudar” e que seria horror, mais que tudo, à definitiva imobilidade numa única ternura; se se transforma na amorosa que sempre vive à procura de outro amor, sempre à espera de outro, sempre espreitando um novo livro para guardar na estante do coração, onde está o progresso?

Com essa brincadeira o coração torna-se falso

Habitua-se a simular um amor que não possui

No “flirt”, comumente, existe grande profusão de provas de afeto, de promessas, de confidências, de íntimas confissões levemente amorosas. Nessas aparências todas, em que dose entra realmente o amor? Já é outro caso porque, no “flirt”, quase sempre há exagero e, muitas vezes, mentira. Por boa vontade que haja em acreditarmos sinceridade no “flirt”, sempre haverá nele algo de inquietante que nos leva a suspeitar da verdadeira sinceridade do que nele se diz e se faz. Assim como se admitem e se verificam vários “flirts” simultaneamente, existem igualmente ternas confissões a vários “amados”. E, como a cada um se diz ser o “primeiro”, porque é este o lugar que cada qual exige, acontece que aumenta consideravelmente o número dos “*ex aequo*”. E, como, ainda mais, a cada um se diz ser o “único”, porque cada qual faz questão de o ser, acontece que existem muitos “únicos” sem que nenhum deles o seja verdadeiramente. Ficam, pois, todos eles mais ou menos “embromados”. Embromados pelos sorrisos e pelas flores, mas embromados...

Muitos pensarão que tal procedimento é mais divertido que trágico. De acordo, mas deverão reconhecer que também pode tornar-se mais trágico do que divertido. Será tão raro assim um deles soluçar enquanto o outro ri? Um deles soluça porque acreditou “ser sincero”... O outro caçoa porque somente o disse por “brincadeira” e esquece a ferida logo após havê-la causado.

Se essa brincadeira não passasse de divertimento, não seria menor a gravidade, porque o coração, brincado com as augustas realidades do amor, adquire, para o resto da vida, um amargo e inapagável ceticismo.

As pequenas mentiras são prenúncio das grandes mentiras. A facilidade em jurar fidelidade que não duram a prodigalizar ternuras que se perderão rapidamente na tepidez da noite, muito se arrisca a tornar-se, uma vez passada a louca juventude, uma temível facilidade em provocar dramas prodigalizando confissões. O jogo, então, deixa de ser um divertimento e os lares desaparecem incendiados pelas faíscas ateadas pelas moças, namoradeiras agora como antes.

Habitua-se a só viver pela metade

O “flirt” não é um grande amor, não atinge as profundezas do amor. Voa pela superfície, algumas vezes mergulha, o mais das vezes roça a asa pelo “espelho prateado”. Há no “flirt”, um misto de audácia e timidez. Não faz promessas que se mantenham eternamente. Forja cadeias de papel dourado que têm um duplo encanto: o de prenderem durante o tempo que se deseja e o de se quebrarem por si mesmas logo que há um desejo de separação. Não diz “até a morte” e, se o diz, reserva-se o direito de se contradizer. Não se apresenta nem ao Pároco bem ao Juiz. É gratuito e livre de formalidades legais. Não requer o consentimento dos pais e deixa em plena liberdade a escolha recíproca.

Tudo isso é certamente muito interessante e torna-o bastante simpático. Por isso, seu armazém é dos mais variados: objetos para todos os gostos e todas as bolsas...

Mas isso mesmo, que o torna interessante, fá-lo igualmente desastrado. Quem habituou o estômago a um alimento leve poderá suportar outro mais forte? Quem viveu durante

tanto tempo com um meio-amor, poderá viver o amor total? Quem gozou sem sacrifício poderá dedicar-se sem que uma alegria lhe sirva de garantia e salário? Quem acreditou que o amor consistia nesse prazer sem deveres, admitirá que o amor tenha suas obrigações? Quem, enfim, se prendeu com fios de uma lã fraca e, por conseguinte, quebradiços, poderá sujeitar-se sinceramente às algemas cristãs da fidelidade conjugal?

E é isso que se torna ameaçador para o futuro.

Habitua-se a uma impossível e exaustiva dispersão de ternuras

Para quem ama verdadeiramente, um único amor basta. Para quem ama cristãmente, um único amor deve bastar. Se for sincero, o dom do coração é total. O lar honesto está cheio de uma única presença, sem necessidade de outras para assegurar a própria felicidade. O amor deve ser mais profundo do que amplo. Tendo em vista a felicidade, as lutas do coração tendem a defendê-lo contra as indiscretas invasões de ilegítimas ternuras e abortar nele a tentadora necessidade que possa vir a ter delas. Isto quer dizer que, na época destinada à preparação e à espera, todos os esforços devem ser orientados no sentido de nos tornarmos aptos para um único amor e de não mantermos, no céu do coração, satélites secundários girando continuamente em volta do astro principal e arriscando a tornar-se, por sua vez, o principal centro de atração.

Então não se vê que uma juventude em que o “flirt” foi à lei única muito se arrisca a prolongar para além do casamento hábitos que favoreceu e necessidades que alimentou, não os cortando logo de início? Quando o coração toma o gosto de se desfelhar à porta de diversas casas, como poderá resignar-se, de repente, a só florescer na chaminé da esposa? E se, durante anos seguidos, se habituou a ver a mesa guarnecida por diversas qualidades de flores, oferecidas por diferentes mãos, não é de temer que a mesa lhe pareça desguarnecida se forem sempre às mesmas flores e as mesmas mãos a adorná-la? O anel de mero símbolo, sem a sua correspondente realidade, se, de antemão, não se pratica a leal fidelidade que ele exprime.

Há exceções felizes. São possíveis radicais conversões. A única diferença está em que, quando se trata dos outros, temos, algumas vezes, o direito de esperá-las, ao passo que, quando se trata de nós, temos principalmente o dever de realizá-las, sem o que a esperança não passaria de mentirosa ilusão e vã tentativa de atingir a fidelidade, pois nunca chegaria a ser praticada.

Para quem sabe quantos fios tece a vida em volta de certas pessoas e como é preciso que a consciência seja firme para que o coração seja puro, as infinitas conseqüências do “flirt” sobre a juventude não se discutem.

São aceitas com toda sua evidência. A mulher capaz de um único amor foi quase sempre à jovem de uma única ternura. Um ano contém outro. Do “flirt” nasce o “flirt”. Quem cultiva muitas flores de amor para com elas fazer um ramalhete variadamente perfumado que colherá no jardim do matrimônio que, bem fechado pelo muro espesso da moral cristã, deveria ser um jardim onde unicamente dois seres, á tardinha colhessem juntos as únicas flores que juntos tivessem semeado?

Flirtar é divertir-se com a própria consciência

A consciência

O que é?

A consciência é, em nós, o sentido do bem e do mal, a guardiã da vida moral, o guia prático de nossa vida cotidiana. É a voz interior que diz: “Faça isso, não faça aquilo”... É a testemunha, talvez silenciosa, mas atenta, que nos vê viver, lutar, ceder, vencer, pecar. É o juiz impiedoso que, realizado o ato, absolve ou condena, repreende ou felicita, tranqüiliza ou maltrata. Segundo a circunstância, é por meio dela que sentimos o direito de nos orgulharmos ou o dever de corar. Por causa dela, a alma febril não pode dormir nas noites culposas. A alma contente dorme placidamente nas noites de pureza.

Tê-la a nosso favor, mesmo nas provações, é o segredo da felicidade. Tê-la contra nós, mesmo no meio dos maiores êxitos e dos mais rasgados elogios, é o segredo roaz que estraga toda alegria. Se Judas desespera, é porque sua consciência o condena. Se os mártires exultam, é porque a consciência os abençoa.

O que vale

É a única fortuna que possuímos nosso mais precioso tesouro. Nada a substitui, porque nada lhe chega aos pés. Enquanto a possuímos intacta, é o supremo refúgio em que se encontra segurança e força para viver. Última estrela no céu interior, enquanto estiver iluminada, a gente vê como andar, e a estrada apresenta-se cheia de luz.

Uma vez morta, que importa que em nós tudo esteja iluminado?... Tal qual como, numa família unida, a morte da filha única deixa um tal vazio que não poderá ser preenchido por montanhas de dinheiro...

As pessoas honestas apreciam-na mais que a outra qualquer coisa. E tem razão. Seu valor é tão grande que, para salvá-la, deve-se preferir perder tudo e nunca se deve pensar em perdê-la, embora se ganhe com isso o próprio universo...

O púnico lugar digno dela é o primeiro. Porque é a dona da casa, a rainha do secreto reinado. Obedecendo unicamente a Deus, manda em tudo mais. Reduzi-la ao papel de empregada ou de simples dama de companhia, é desconsiderá-la e desonrá-la. Foi feita para levar o cetro e não para servir à mesa. Somos nós que nos devemos curvar diante dela e não ela diante de nós.

Suas grandes qualidades

Primeiramente, é ser clara, distinguir nitidamente as coisas, ver branco quando, de fato, é branco, ver preto quando é preto, sem o que não saberia para onde orientar a vida, nem o que deveria ordenar ou proibir deixando de ser o guia de confiança.

Em segundo lugar, ser leal, o contrário de mentirosa e hipócrita. Não se lhe pergunta o que agrada, tranqüiliza ou diverte. Pede-se-lhe que diga, seja agradável ou não, o que é e o que deve ser. Se se torna cúmplice das paixões, se lisonjeia quando deveria acusar, se dorme quando deveria vigiar; se tranqüiliza quando há perigo, trai sua missão, perde a razão de ser, e nada há que fazer com ela.

Finalmente, ser forte. Mais forte do que nossos caprichos e interesses forte com a força do dever e da verdade. Cede-se a nossos desejos, se se deixa apiedar de nossas lágrimas, se sempre nos aprova para não nos magoar, se, como meninota sentimental, se enternece com nossas carícias e, enfim, na luta íntima, deixa cair das mãos a bandeira que tem por missão erguer bem alto, custe o que custar, não é mais o que deveria ser e essa derrota, que significa a vitória das paixões, é a morte de nossa vida moral.

Flirtar é divertir-se com a consciência

Se assim é a consciência, tal sua nobreza e valor; vê-se bem o crime que se comete fazendo dela um brinquedo.

A consciência... um brinquedo! Se, depois de Deus, houvesse deusas, seria ela a mais divina de todas! Encarregada de nosso destino, indicadora de nossos caminhos, responsável por nós, que somos imortais, seria sobre um trono, entre lâmpadas, que a deveríamos instalar a fim de venerá-la respeitosamente, e não sobre uma raquete para no jogo a fazer dançar insolentemente.

Mais ainda do que o coração, do que é salvaguarda e lei, merece uma religiosa veneração e um trêmulo receio de não a deixar profanar.

Ora, quem “flirta” diverte-se com a ela. Diverte-se com ela. Porque, comumente, previne as jovens puras que iniciam um “flirt”. Discreta ou violentamente, tem um protesto secreto que a interessada ouve perfeitamente bem e que é bastante significativo para que não se compreenda o que quer dizer. Como um tilintar de campainha na noite calma, o perigo se anuncia. Eis proposto o problema. Ei-lo resolvido para quem tomou como princípio nunca desprezar a consciência. Mas, para quem não coloca a consciência acima de tudo, eis a ocasião de se divertir com ela.

E a brincadeira se inicia. E a brincadeira continua. Brincadeira cínica e imprudente, durante a qual se submete a consciência a todos os matizes do “flirt”. Se ela se inquieta, é logo serenada. Se amua, é logo amimada. Se protesta, tapa-se-lhe gentilmente a boca. Se chora, dá-se-lhe um bombom. Se fica zangada, dá-se-lhe de ombros com um sorriso. Diz: “Isso é mau!” e responde-se-lhe: “Ah! Não é tanto assim!” Se se queixa e diz-se-lhe: “Não é nada!” Insiste, e se lhe responde: “cala-te!”

É assim ou não é? É ou não brincadeira com a consciência?

Resultados da brincadeira

A brincadeira prossegue. Para chegar ao que? É simples. E inquietador.

1º- Uma bela consciência é uma consciência leal. O primeiro resultado da brincadeira é sombrear a consciência e insensivelmente torná-la incerta, confusa, indecisa.

Cada vez menos distingue o bem do mal, o permitido do proibido. Perde o sentido das “nuances”. As cores não se destacam. As tintas não sobressaem. As linhas se misturam. Vê tudo turvo. Como na guerra, em noites de cerração, as sentinelas tomavam os salgueiros por homens, também ela quase que involuntariamente toma o prazer por dever.

Não sabendo muito que deve pensar, não sabe muito mais o que deve dizer. E, quando fala, palavras inarticuladas saem de uma boca pegajosa. No lugar dos “sim” ou dos “não” de antigamente, multiplica os “pode ser” que parecem aprovar, quando, de fato, condenam e condenar o que, de fato, aprovam.

É vida moral sob um regime vago e incerto. E para ela, é o pior dos regimes. Enquanto isso, na alma, qual paisagem brumosa, tudo se mistura e confunde, auxiliado pela obscuridade cada vez mais, o inimigo mortal pode insinuar-se sem mesmo se fazer notar...

Que pensam desse resultado? Sinceramente...

2º- Uma bela consciência é uma consciência leal. A segunda consequência da brincadeira é tornar cúmplice aquela que deveria permanecer como juiz.

Confessem que se trata de uma coisa excepcionalmente grave. Na vida social, isso representa o fim da justiça, a impunidade assegurada aos culpados quando audaciosos, o direito recusado aos inocentes quando tímidos.

Na vida moral, onde os interesses são infinitamente mais sagrados, os resultados são ainda mais deploráveis.

No “flirt”, a pobre consciência, virada e revirada, seduzida e ameaçada, lisonjeada, comprada, acariciada, rodeada de súplicas, como uma primeira concessão, a ser obrigada a muitas outras. Adapta-se, um pouco por piedade, um pouco por fraqueza, um pouco por condescendência, um pouco na esperança de tudo amoldar. A princípio, um tanto dificilmente e atormentada por um secreto mal estar. Mas os sentidos, interessados no assunto, contam com um terrível poder de persuasão. A sua voz, embora grosseira, o coração junta a sua, meiga e bela. E como não se deixar cair na rede? A vítima tem um ar tão atraente! A acusada possui tal sorriso! E, pouco a pouco, sempre resmungando, a consciência ensaia os primeiros passos, formula algumas concessões sabiamente dosadas, autoriza “por algum tempo determinado”... “com certas medidas”... “mediante certas garantias”... etc., etc. Mas, por fim, consente. E era justamente isso o que não deveria ter feito, receando, por palavras de boa acolhida, vir a ser a vítima de sua sedução.

E é o que acontece, efetivamente. Inicia-se, assim, o período das acomodações, de benévolos acordos, das negociações suspeitas, em que o pecado é o comprador e a lei moral posta à venda.

Chega o dia em que o incorruptível se deixa corromper. Aquela que há pouco tempo proclamava: “Isto é proibido”, diz agora: “É desculpável” e, enquanto o coração, saboreando os prazeres, murmura: “Como é bom!”, a consciência contenta-se em suspirar: “Não é tão mau assim...”

3º- Uma bela consciência é uma consciência forte. A terceira consequência da brincadeira é enfraquecê-la a tal ponto que, inútil e impotente, é como se não mais existisse.

A consciência fortifica-se em cada vitória que alcança e enfraquece em cada derrota que sofre. Entre os criminosos convictos verifica-se que, a princípio, sofrem verdadeiras agonias de remorsos, passam por horas de tortura e vergonha, e depois, progressivamente insensíveis, acabam numa admirável serenidade. Diz-se, então, com referência a eles: “Não têm mais consciência”.

E é certo, não mais a possuem e, se a têm já está morta. É um cadáver inerte e dessecado que trazem consigo e neles se cala, imóvel, como calados estão os mortos. Moralmente falando, é um homem morto. Ora, acabar desse jeito é o pior modo que a alguém possa acontecer. Seu caso é desesperador, pois, para renascer, seria necessário arrepender-se; para arrepender-se, seria necessário sentir o mal cometido e, para senti-lo. É-lhe necessária uma consciência, consciência esta que não mais tem.

Guardadas todas as proporções, o “flirt” arrisca-se à mesma decadência, pelo decaimento moral. Ao menos nesse ponto, suas fraquezas são tais como suas concessões, transforma-se em consentimentos, seu hábito de ceder dá-lhe um temperamento de vencida, e, mais cedo ou mais tarde, em lugar de uma justiceira corajosa e franca, que se erguesse contra o mal, nada mais ficou, para dirigir a vida, de que uma doente cansada, resignada com sua impotência, e tirando tristemente partido dos erros que não ousa mais condenar porque não espera mais impedir. Em alguns momentos, tem sobressaltos de angústia ante a aproximação do abismo, instintivamente ainda ensaia tímidos protestos, que são os últimos lampejos do coração ou os últimos soluços da moral agonizante; nas horas mais loucas do iniciado “flirt” solta um grito que se perde entre o riso dos cúmplices; uma última vez, olhando para dentro de si, parece concentrar-se para expulsar e vencer o inimigo, depois detém-se, não o expulsa, e se estende preguiçosamente, como cadela submissa, aos pés da jovem soberana que lhe sorri.

Comparações poéticas, dirão, e que, para serem mais emocionantes, exageram is casos e os dramatizam tornando-os irreconhecíveis... E as que o sabem, se são sinceras, não confessarão que é assim que se passa comumente a história? E as próprias interessadas, se ainda resta uma luz na noite em que vivem, verão que, no campo da batalha íntima, há uma vítima que aí jaz e, na expressão dolorosa de sua pálida fisionomia, reconhece-se que já foi bela, que muito lutou e se, finalmente, sucumbiu, foi devido às inúmeras feridas provocadas por dois jovens loucos que se divertiam com ela, Ainda parece olhá-los. Mas seu olhar fixo não tem mais chama. Olhar morto imobilizado pelos prazeres dos vivos. Olhar de estátua sobre os dançarinos no baile e que não os intimida nem preocupa porque se sabe que seus olhos são de pedra não vêem e sua boca também de pedra não falará...

Certamente, daí ao crime a distância é grande. Mas é o seu caminho, pois se trata, incontestavelmente, do caminho do prazer livre, do instinto desenfreado, da espontaneidade sensual entregue a si mesma e, uma vez nesse caminho, ninguém poderá dizer se, arrastado pelo declive e chamado lá e baixo por vozes ameaçadoras, não fará a viagem até o último metro do último quilômetro... Tantas amantes dessa brincadeira esportiva juraram parar e não o conseguiram! No entanto, eram sinceras. E também decididas. Mas nem a sinceridade as resguardou, nem a decisão lhes deteve os passos... Um rochedo cedeu sob suas mãos, uma pedra rolou a seus pés. Queda no abismo...

Se o perigo do “flirt” fosse imediatamente mortal, seria menos perigoso. Haveria recuos instintivos, súbitas emendas, bruscas meias-voltas... Porque, dentre as jovens cristãs, poucas eram as que aceitariam tornar-se de improviso grandes culpadas.

No entanto, muitas delas aceitam vir a sê-los aos poucos. A mesma consciência que deixou escapar um primeiro “sim” prepara-se para dizer vários deles...

Hoje, o sim a um olhar.

Amanhã, o sim a um beijo.

Depois de amanhã, o sim a um abraço.

Finalmente, o sim a qualquer coisa.

O primeiro sim para causar prazer.

O último para não causar tristeza.

Do primeiro ao último, todos os sins que se dirão simplesmente, porque já e o disse alguma vez, e, tendo aparecido pela primeira aceitação para conferir direitos, uma última surge como cumprimento de um dever...

Aí chegando, pode-se esperar tudo e, de fato, a experiência o confirma, não se esperava tanto quanto realmente aconteceu...

Flirtar é divertir-se com a alma

Denomino alma a fonte profunda e misteriosa da nossa atividade moral, intelectual e religiosa. É por meio dela que a graça de Deus chega até nós para nos santificar. É nela que Deus reside. É ela que estabelece uma admirável intimidade entre Deus e nós. É por ela que O chamamos Nosso Pai e por ela, efetivamente, é que somos Seus filhos. É o que temos de mais grandioso e imortal. Anima nosso corpo, mas também tem sua vida própria, vida esta que vale tudo. A fim de salvá-la, nenhum sacrifício é demasiado, e, para desenvolvê-la, nenhum esforço deve ser recusado.

Brincar com ela equivale, pois, a brincar com seu eterno futuro. Será uma sinistra brincadeira, se acreditarmos na palavra de Jesus Cristo: “De que vale ao homem ganhar o universo se vier a perder sua alma?”

Ora, a alma está aderente ao coração e este, por sua vez, depende de algum modo dos sentidos. Também o “flirt”, brincadeira do coração e dos sentidos, pode, igualmente, transformar-se em brincadeira da alma.

A alma perde o gosto pelo invisível

Com essa brincadeira, a alma desenvolve insensivelmente o gosto pelo que é visível e, na mesma proporção, perde o atrativo pelo invisível, que, segundo o que diz São Paulo, é o verdadeiramente real.

Ela empreende uma viagem de ternura para as baixezas, aprende a deslizar e, depois, a rolar. Em vez de ser a coisa impelida pelas asas e que plana, torna-se a coisa puxada por patas pegajosas.

As imagens voluptuosas flutuam na paisagem interior. Os sonhos que antes divagavam no mistério recolhido, à procura de Deus, agitam-se, ansiosos e atormentados, nas nuvens de recordações suspeitas.

A Igreja não é mais o lugar abençoado em que se rezava, cantava, ouvindo a alma para amar, é o lugar sossegado em que se passa um longo tédio. Seu silêncio inquieta e faz fugir. Suas cerimônias cansam e logo nos desinteressam. Sua calma, em que Deus habita, parece vazia porque falta alguém, alguém cuja presença, cada vez mais indispensável, traz consigo a única felicidade que se espera para o futuro.

Certamente, a jovem mudou muito. Mais do que ela diz, mais do que pensa. Quando se lhe observa isso, protesta, talvez se zangue ou sorria. Mas de que valem esses protestos contra a evidência que irrompe de toda ela? Pode tentar salvar as aparências continuando exteriormente a ser “como era antes”, mas trai-se em mil outras ocasiões. Escapam-lhe reflexões, que põem a descoberto o segredo de sua alma “ausente de onde anima e presente onde ama”.

Mais tarde, nem mesmo as aparências consegue salvar. Quando as coisas nada mais significam, a espécie de sorriso que se lhes dá não pode continuar indefinidamente. Quando Deus é substituído por outro na vida e passa a valer cada vez menos, é preciso que isso se torne conhecido. Aliás, é uma questão de sinceridade.

A menos que sejais de uma hipocrisia revoltante, sentir-vos-íeis miseráveis por prolongar ainda mais tempo essa brincadeira de mentira. E, se a covardia auxilia a sinceridade, como não se tem mais a coragem de ser o que se parece, temos então a coragem de aparecer como de fato somos. Pelo menos é lógico, dirão. Sim, e infelizmente. Porque, para uma cristã, existe outra maneira de ser lógica. Somente essa maneira lhe custará um sacrifício e tal sacrifício não quer praticá-lo, não quer...

A alma perde o gosto pela piedade

Como conseqüência imediata dessa aversão pelo invisível, a alma se afasta da piedade, tanto pelo sentimento quanto também pela prática. Ora, pensando que é principalmente nas ocasiões perigosas que a piedade é ainda mais necessária, como não lamentar essa jovem que se afasta cada vez mais de Deus quando Seu auxílio lhe é mais útil?

No entanto, os fatos aí estão para prová-lo, ela se afasta de Deus. As comunhões “falam-lhe” menos, e diminui-lhes o número... As confissões, por timidez ou por vergonha, aborrecem-na, e então suprime-as. O exame de consciência só a condena-la, e ela então deixa de fazê-lo. As meditações, as leituras religiosas entediam cada vez mais, ela então joga o livro para um canto e não o lê mais... Os retiros causam-lhe medo – é bem compreensível, - e ela então não os frequenta mais... Os ofícios religiosos enfastiam-na, e ela então os evita o mais que pode. Os sermões arrazam-na, e foge deles... As obras pias, as verdadeiras, são, para ela, trabalhos forçados, e encontra 33 razões suficientes para não mais aparecer...

Digam francamente: não é assim que se passam as coisas nesses períodos da juventude, provisórios ou definitivos, durante os quais o “flirt” ocupa a vida, a absorve e a consome?

Para não ver nisso um inconveniente, por pequeno que seja, é preciso ser bastante ingênuo ou cúmplice de fraquezas tão perniciosas. Mas aqueles que acreditam ser a vida espiritual a verdadeira e única vida não tomam partido assim tão facilmente. Pensam que, ao contrário, o mal é grande, que, ao contrário, o mal é grande, que o séquito que o acompanha é funesto, e que a tranqüila inconsciência que muitas vezes vai a seu lado só pode agravá-lo, pois suprime, na doente, a vontade de curar-se.

Supondo que nada de mais grave aconteça e que, em continuação, depois de perdido o espírito de apostolado e a piedade, não se perca também a fé essencial, já não basta que a vida espiritual esteja em perigo? E que essa, em que antes se admirava uma jovem ardorosa em sua religião, ande agora por uma estrada cujo destino faz tremer? E em que estado se encontrará a filha de Deus já cansada de servi-LO e não tendo mais coração para amá-LO?... A religião pura de Salomão morreu por ter “flirtado” com a idolatria de Moloch e de Baal e de todos os deuses pagãos... O amor de Judas por Cristo acabou por ele ter flirtado com o dinheiro dos Fariseus. Quantas jovens cristãs morrem sobrenaturalmente porque sua alma flirta com o coração seduzido, enquanto o coração flirtava com o prazer sensual e, depois, com o pecado?...

A alegre brincadeira transformou-se numa brincadeira fúnebre. Aquela que era a virgem prudente e pura, talvez não mais seja nem virgem, nem prudente, nem pura. E, portanto, também a virgindade religiosa da alma é preciosa. Num sentido, é mais preciosa do que a outra virgindade. Mas, como, ao comprometê-la, se experimenta menos violentamente o sentimento da derrota, sofre-se menos tragicamente ao perdê-la...

Ilusão! Porque derrota existe, visto a fervorosa intimidade com Deus ser substituída por uma indiferença morna num coração entibiado.

Muda a alma para pior

Tudo isso, provoca uma transformação. Seria o caso de felicitações, se houvesse motivo... Mas haverá quem o ouse?

Com efeito, a jovem mudou muito. Ao redor, silenciosamente, o “flirt” teceu sua teia. Cada vez mais enraizados, os hábitos foram adquiridos.

Aquela que, durante tanto tempo, mantinha o equilíbrio, custasse o que custasse, não o mantém mais. Cansada ou enervada de tanto dançar a divertida dança, já atingiu o extremo da corda e é aí que estremece diante da poderosa atração do espaço. Então, rompendo as amarras, deixa-se arrastar pela onda e lança-se à vida na qual se abisma, o “tanto pior” fatal, que tudo aceita, mesmo morrer.

Assombros assustadores

Diante deste espetáculo, alguns se espantam e se aterram. Compreende-se que fiquem aterrorizados, mas não se compreende que se assombrem. Naturalmente, a criança está irreconhecível. Não é mais o que era. Ou melhor, é a mesma, porém estragada; a bela alma ficou-lhe por lá, não se sabe bem onde, nos países insalubres e misteriosos em que reina o “flirt” e onde, dominadas por seu encanto, as consciências apodrecem, os corações murcham, as almas se tornam carnavais.

Ficam assombrados. E dizem, modernizando os clássicos: “Como é que o ouro puro se pode transformar num mísero chumbo? Como é que a alma real que, nos dias de sua pureza, voava, vestida de púrpura e coroada de lírios, por entre outras almas amantes e submissas, vai agora, pesada e mesquinha, desprezada e só, toda andrajosa?” Que respondam os que sabem, porque explicação existe. Esta criança chegou aonde chegou porque seguiu o caminho assas conhecido. Espantam-se, e por quê? Seria melhor chorar, pois é bem doloroso. Mas não se deviam assombrar porque aí não há mistério nem milagre. Clara como a luz do sol, o que existe é uma grande imprudência com suas conseqüências, em de deslize, como atraída pelo declive, desde as alturas para os subterrâneos, dos cumes cheios de neve para os barrancos cheios de lodo, do pico luminoso das águias para a cova dos répteis. A estrela fugiu do firmamento e sua luz embaciada arrasta-se pela poeira das estradas...

Flirtar é divertir-se com um outro

Flirtar é divertir-se com o coração, com a própria consciência, com sua alma, com seus sentidos, mas também é divertir-se com o coração, a consciência, a alma e os sentidos de outra pessoa ou de várias outras. E este segundo perigo é tão impressionante quando o primeiro. Porque se, no segundo caso, o perigo de queda é igual, a esperança do arrependimento é muito mais duvidosa. O tormento implacável das escandalosas, mesmo depois de convertidas, não derivará da sua impotência em converter o “outro”? O carrasco sobrevive à sua vítima. Ele levanta-se e ela permanece hirta...

Nunca poderemos apagar os incêndios por nós mesmos ateados. Seria necessária a miraculosa mão de Deus para que ressuscitassem as pessoas de cuja morte se é autor. Caim olha Abel, compreende e, desesperado, foge. Tendo obtido a graça do arrependimento e, aceitando-a, se recita um ato de contrição, isto não quer dizer que o outro também faça o mesmo... Eis aí razões suficientes para assustarem todo aquele que conserva ainda um pouco de senso moral e se atemoriza com toda razão em frente às responsabilidades que pesam sobre o que é eterno e, talvez, irreparável.

Guardadas as devidas proporções, tal é a situação, no “flirt”, de cada um dos dois com respeito a seu cúmplice... (Se a palavra “cúmplice” lhes parece muito forte, substituam-na por “companheiro da brincadeira”... É a mesma coisa...)

Imaginem a seguinte hipótese, que corresponde à realidade.

São dois. Iniciam junta a sessão. No primeiro ato, um deles, já inquieto e desapontado, não quer prosseguir... E se o outro, que tomou gosto pela coisa, deseja continuar? E se essa recusa em prosseguir só faz com que o companheiro prosseguir... E se o outro, que tomou gosto pela coisa, deseja continuar? E se essa recusa em prosseguir só faz com que o companheiro procure outra atriz para com ela continuar o diálogo? E se, a fim de evitar essa conseqüência ameaçadora, ele consente em prosseguir no seu papel, em qual dos casos, se sentirá mais seguro? Em qual deles a responsabilidade não estará empenhada?

São dois. Mas não têm a mesma temperatura sentimental. Com calor idêntico, a madeira queima muito mais depressa que o ferro. Sobre o forno acesso, o alumínio queima, ao passo que o cobre apenas se aquece...

No “flirt”, a mesma lei se verifica. Enquanto um ainda está no idílio, o “outro” já pode ter alcançado o drama.

Um anda com a velocidade de um ônibus, enquanto o outro talvez com a velocidade de um trem-rápido. Um plana no céu calmo, talvez o outro se debata no meio da tempestade. Um sorri amistosamente, talvez o outro tenha sonhos agitados... Um domina-se, talvez o outro se entregue. Um adormece sem sonhar, talvez no outro a febre suba. Um não enxerga mais longe do que a ponta de seu nariz. Talvez o outro pressinta a vida inteira...

São dois, mas não têm o mesmo apetite e não vivem sob o mesmo regime. Um, idealista, contenta-se com o perfume da flor, o outro, mais prático, quer provar o fruto...

São dois... Mas uma, piedosa, encontra na sua piedade uma salvaguarda, em sua fé, um cuidado, em seus princípios, uma luz... O outro, menos religioso, só vê barreiras abertas em caminhos permitidos que convirjam para lugares autorizados.

São dois... Mas um se confessa e se arrepende, o outro não se confessa e não tem remorsos.

São dois... Mas um, que ainda é puro, acredita em sua pureza e não quer perdê-la. O outro, que não mais a possui, não acredita nela e não teme perdê-la...

São dois. Mas um, tímido, não ousa tudo recusar receando pecar. O outro, audacioso, seria capaz de tudo, do pedido e da culpa.

São dois e ambos se divertem. Enquanto divertir-se para um deles consiste apenas em sorrir um pouco, para o outro, que talvez nem ria, quer dizer: brincar até o fim com o brinquedo da volúpia e da morte...

De maneira que dizer que são dois significa, não somente que existe um, depois outro, mas ainda que um não é igual ao outro e que, apesar das aparências oficiais, não é o mesmo problema real que tentam resolver. Esta verificação dá muito que pensar. E, como se impõe a quem deseja ser leal, vê-se bem a que angustiosas conclusões se chega diante da traiçoeira segurança em que se baseia sob pretexto de que “isso não lhes fará mal”... Pode ser que a elas não o faça... mas, e a eles?...

O “Flirt” e suas falsas justificativas

Primeira parte

Dizem: “Estou segura de mim mesma”.

“Segura de mim”... Para pronunciar essa frase, é preciso ser bastante ingênua ou pretensiosa. Ninguém deveria dizê-lo, ninguém tem o direito de o pensar. Mas uma jovem, e principalmente quando se trata do “flirt”, tem muito menos esse direito do que os outros.

Também Eva, quando sorria para a serpente, estava “segura de si mesma”... E São Pedro também estava “seguro de si” quando jurava: “Se todo o mundo O trair eu não O trairei”... E sabe-se o resto da história...

Estar com o coração seguro aos vinte anos! Oh! E segura essa mocinha, a ponto de tirá-lo do refúgio secreto onde se encontra para fazê-lo dançar na mão! Oh! Mas onde é que se está para permitir, sem pestanejar, tão impertinente segurança? Os santos não estavam assim tão “seguros”. Não o estavam de modo algum e a emocionante desconfiança que os outros tinham neles... Esquece-se de que nem sempre a vitória de ontem assegura a vitória de amanhã? Que a pureza moral exige mais prudência do que coragem e que, neste assunto, a verdadeira coragem consiste em impor-se a si mesma as necessárias prudências? Será que São Paulo é menos invencível, ele que não se envergonhava de ter medo da tentação e contra ela protegia sua trêmula fraqueza? A frágil roseira poderá vergar-se sempre sem quebrar? E não sabemos nós que ela também se quebra e que a mesma tempestade que arranca o carvalho do solo também a pode arrancar?

Quando se vêem, na história da humanidade, possantes cedros precipitar-se do alto de sua secular majestade, como crer que as fracas e pequenas hastes possam afrontar a tempestade?

“Mas – dirão vocês – não existe tempestade. Faz um tempo tão lindo!”... Pode ser. No entanto, não sentem vocês, nas noites destinadas ao “flirt”, como o ambiente está pesado e como o ar tranqüilo e balsâmico está cheio de uma eletricidade voluptuosa? Não há tempestade que se desencadeie, nem trovão que estrontade, como crer que as fracas e pequenas hastes possam ruídos que advertem.

E, depois, a carícia que amolece não é tão fatal como o golpe que mata? A própria criança que resiste à maldade não é muitas vezes vencida por um sorriso? A que se obstina diante da força fraqueja diante do carinho. Os mártires temiam menos os suplícios do que as delícias.

Não há tempestade... Não, mas há a calma dissimulada e traidora que convida o ente despreocupado a abandonar o leme e entregar-se deliciosamente à doçura dos sonhos, deixando a barca entregue ao balanço das ondas.

Não há tempestade... Mas, se o crocodilo espreita no rio calmo e este rio deslizar por terras sonolentas e febris, bastará tropejar para que haja perigo? Não será o drama ainda mais pungente quando se trata de almas que morrem com um grito selvagem no meio da tempestade ou de almas que agonizam silenciosamente, picadas pelo inseto da volúpia, no país dos “flirts” lânguidos?

Na verdade, não é em nome do passado, nem do presente nem do futuro, nem do da própria experiência, nem no da experiência dos outros que uma jovem poderá sinceramente proclamar-se “segura de si”. Não é em nome de coisa alguma, exceto em nome de suas interesseiras ilusões, de seu orgulho, de sua deslealdade. No flirt, a única coisa de que pode estar segura é precisamente nunca ter segurança, e mostrar pretensões de tê-la, e expor-se infalivelmente a humilhantes desventuras. A vida não tem por missão endireitar nossos erros nem contentar nossas ilusões. Nós é que temos por

obrigação utilizar suas lições respeitando as leis. De todos os fios com que se tece a volúpia, o “flirt” é um dos mais finos e um dos que mais realçam.

Dir-se-ia renda finíssima que um único golpe de unha romperia. E é esse sem dúvida o motivo porque a jovem se julga muito capaz de podê-la rasgar à vontade. Mas o fio é forte, a renda unida e as malhas resistentes. E vêm-se, tais como moscas presas na teia de aranha, as namoradeiras emaranhar-se cada vez mais na rede em que lutam desesperadamente por se desvencilhar. A prudência seria aqui a púnica sabedoria, visto serem as “desconfiadas de si mesmas”, que, não se expondo, mais galhardamente se tiram de embaraços, enquanto que as “seguras de si mesmas”, por se exporem tolamente, se sentem presas. Que dizer, diante de tanta evidência? A única coisa que resta é inclinar-se e, humildemente, abster-se de tudo, receando, após algumas concessões feitas ao “flirt”, ser levada um dia a sacrificar-lhe tudo.

É um método radical. Mas se só ele existe com tal eficácia, não há outra alternativa: ou adotá-lo com todo seu rigor, e então o feliz resultado pagará generosamente os sacrifícios feitos; ou repeli-lo por causa de sua intransigência e, então, a derrota moral será o castigo do erro cometido e da falta de coragem que se lhe seguiu. Sacrifício – pois cedo ou tarde, sob pena de pecado, teremos que com ele nos resignar – melhor será fazê-lo de boa vontade, enquanto ainda é tempo, e é igualmente mais generoso, mais útil e mais belo.

Naturalmente que é aborrecido e quase humilhante termos de contar sempre com a própria fraqueza e não nos podermos basear numa absoluta segurança de nós mesmos. Se assim fosse, ficaríamos tão à vontade, suprimiríamos tantas hesitações, forneceria ao nosso orgulho instintivo um alimento tão apetitoso! Mas, que fazer? Também o doente preferiria ter saúde para não ser obrigado a sujeitar-se como doente, a menos que queira antecipar a viagem para o cemitério. Assim também, e em nome da mesma lei da saúde, deve-se agir com respeito à lei moral, Se a vaidade pessoal perde com isso, a segurança ganha.

É mais prudente salvar a colheita abrigando-a da chuva do que perdê-la expondo-a as intempéries. Antes de suprimir a prudência, seria necessário suprimir a fraqueza. Para nos podermos livrar dos golpes é preciso que antes estejamos protegidos por uma couraça impenetrável. E, enquanto se espera (e essa espera será longa como a vida) necessário é proceder como um ente fraco, como de fato se é, e desconfiar de si, visto não se ter nenhuma segurança. Contra tal tática não há argumentos que tenham razão de ser. “Fatos são fatos e a primeira conclusão a tirar é que, se assim são, é porque não são de maneira diferente.” Se um dia houver qualquer alteração, vocês adotam outro método mais amplo e mais brando. Mas, como certamente já estarão mortas antes que “essa alteração se verifique”, conclui-se que vocês, minhas jovens amigas, em matéria de “flirt”, ficarão na dependência do procedimento de sempre: realidade do perigo, como certeza; consciência de sua fraqueza, como convicção; rigorosa abstenção, como método.

O “Flirt” e suas falsas justificativas

Segunda parte

Dizem: “Não investiguei muito... Não pensei que fosse mal.”

É bem possível, e, se é verdade, é uma desculpa para o passado, mas não para o futuro.

“Não investigaram muito...”. No entanto, vocês bem que investigaram, ao menos um pouquinho, e receio muito que essa maneira de afirmar “não investiguei muito” seja um meio discreto de nos fazer cientes de que “investigamos muito”... Ora, não se trata de procurar muito, nem de “investigar muito”... Trata-se de investigar o necessário, sem um metro a mais, nem um metro a menos. É preciso ver o que há, de fato, porque, desconhecendo-o, expomo-nos voluntariamente a surpresas nada agradáveis. Fazemos mal em exagerar o perigo e vocês fazem mal em diminuí-lo. Mas, se não temos o direito nem que seja unicamente para assustar, de lhes mostrar uma víbora onde só existe uma serpente, vocês também não têm o direito de ignorar as conseqüências quase sempre fatais das imprudências cometidas e muito menos o têm de considerar como inexistente o que, na realidade, existe. Mas Deus sabe quando vocês notam a menor censura que vos fazem, quando notam qualquer ato de uma das companheiras, quando notam a menor aparência de maldade nas outras.

Então, como se compreende que, repentinamente – porque vosso interesse está em jogo – deixais de perceber o que era preciso notar? Porque a trave do olho da vizinha se transforma em argueiro no vosso? Em geral, vocês são tão atentas para as demais coisas e eis que de repente ficais tão moles justamente quando se trata de um assunto para o qual toda atenção e cuidados são poucos... Eis um problema, e vocês é que terão de resolvê-lo. Mas, antes de dizer: “Não examinei bastante”, reflitam e vejam, diante de Deus, se é bem verdade o que dizem...

“Não pensei que fosse mal”. Mas também não acreditava ser uma coisa boa. Isso quer dizer que, pelo menos, estava incerta e que, ao invés de dissipar essa incerteza, a conservou, chegou mesmo a alimentá-la, pois com ela tinha um pretexto para ficar tranqüila e sem motivo aparente para ser censurada.

Você estava na incerteza, é verdade. Mais do que isso – não o negue – estava inquieta, tinha qualquer dúvida, pressentia vagamente um perigo e o constrangimento involuntário que minava seu íntimo era, para você, um significativo aviso. Nota-se a aproximação da tempestade ante o abafamento insuportável da atmosfera.

Pela maneira de baixar os olhos percebe-se um amor ou uma falta que não se ousa confessar. E a qualquer coisa que nos rompe a alma certificamo-nos de que o perigo ameaça... Não é verdade?

Se, realmente, você tivesse acreditado que ele era inofensivo e irrepreensível, teria por acaso ficado como ficou, hesitante antes do “flirt”, ansiosa durante e confusa depois? Teria sentido o gosto de mistério, coisa que não lhe é habitual? Teria tido tanto receio de ser vista ou apanhada em flagrante? Teria fugido sabiamente de qualquer confidência ou interrogação a essa respeito? Teria caminhado por estradas sinuosas? Finalmente, teria você ouvido dentro de si mesma como que golpes misteriosos contra o muro, em plena noite, protestos violentos da consciência comunicando-lhe seu receio? Você bem pode dizer que “não desconfiava de coisa alguma”, mas tudo está dizendo que você desconfiava de alguma coisa. Tudo se passou, não como se você fosse uma criança ingênua, de coração inocente, mas como se tivesse sido uma jovem inquieta, com a consciência agitada. Tanto quanto Eva quando estendia a mão para o futuro cobiçado,

também você sentiu Deus a seu favor. E, tanto quanto ela, ao mesmo tempo em que ouvia o assobio suspeito que iria seduzi-la, também ouvia a poderosa voz do Alto que deveria ter retido seus passos.

Existem sinais que não enganam. E esses sinais estavam bem visíveis quando de sua primeira imprudência. Não é razão suficiente deixar de tomar conhecimento deles por pretender não tê-los percebidos anteriormente, e, à sua fraqueza, não deve juntar a mentira de dizer que não “o fez propositalmente”... Você não gosta de ser tomada por uma ingênua, pelo menos aceite ser considerada como grande responsável! Você já atingiu a idade da razão, ninguém pensa contestá-lo, mas também não conteste você mesma que, naquela ocasião, você já tinha chegado à “idade da consciência”! A fraqueza é mais perdoada do que a lealdade. Dizendo “por minha culpa”, você se condena; maior, porém, será sua condenação se disser: “Não por minha culpa”, pois a voz da verdade clamará no seu íntimo: “Por tua culpa, por tua culpa, por tua grande culpa”...

Dizem: “Já sei... já previ tudo... Não haverá surpresa para mim.”

Coisa curiosa! Depois de haverem dito: “Não sabia que era assim”, acrescentam: “Já sei do que se trata, deixem-me agir”. Como se, para defender uma causa má, ficássemos reduzidos a argumentos que se destroem mutuamente, contradizendo-nos.

A verdade é esta: não é certo que se conheça tudo, como também não o é que tudo se ignore. Ninguém é tolo para aceitar a responsabilidade de sua loucura; mas também não saberá o bastante para, em nome do que sabe correr algum risco ou temer alguma surpresa.

Um misto de conhecido e de desconhecido, de luz e de trevas, eis o que existe nesse misterioso assunto.

Se, por causa do que se sabe, é preciso que nos abstenhamos, por ser tão perigoso, também por causa do que se sabe é necessária essa abstenção, que pode ser fatal.

“Já previ tudo... Não terei surpresas”. Quanta audácia em tais palavras! Nelas estão apoiadas a “esperança de não correr o risco” e a “certeza de não ser arrastada”, e é a isso que se chama “ingenuidade”. Mas que ingenuidade, meu Deus! Os tolos que “flirtam” com os tigresinhos, nas grades da jaula, são dessa espécie de ingenuidade, como também os sonâmbulos que, andando sobre a água, se espantam quando se afogam.

“Eu sei... eu sei”... Você sabe? Que sabe você? Será que o “flirt” lhe revelou os últimos segredos? Para você, não terá ele escondido algum em qualquer caixinha secreta? E, quanto a você, já esgotou a experiência adquirida? No mais íntimo de sua vida certamente haverá desejos adormecidos que, à sombra da vigilante prudência, prosseguiriam em seu sono, mas você foi tão imprudente que os despertou, e eles, uma vez acordados, nunca mais adormecerão novamente...

Quando um caminho é suspeito, e pessoas experientes o atestam, evita-se passar por ele, salvo extrema necessidade. Porque outros viajantes nele têm perdido a vida, evita-se expor a própria. A morte de uns é a salvação dos demais. Ora, não é calúnia classificar o caminho “flirt” entre os caminhos suspeitos. Não que todos os que por ele transitam

sejam assassinados, nem que todos os viajantes encontrem nele um bandido. Mas, enfim, aí se perdem algumas pessoas, aí se desenrolam dramas, aí se ferem joelhos. E muitos, ao terminarem a viagem, trazem a carteira vazia e o rosto ferido.

“Então, respondem vocês, nem nos poderemos mexer. Temos que ficar eternamente concentradas em nós mesmas? Coser as pálpebras e os lábios? Pregador os pés no assoalho de casa? E aí, com as janelas fechadas, a consciência montando guarda, dormir, rezar, fazer tricô, transformarmo-nos em morta vida? Asfixiarmos, para que um micróbio não nos entre pela boca dentro? Transformarmo-nos em pedra, para nos santificarmos? Ignorar tudo, para ignorar o mal? Se é esse o método cristão, vá lá. Mas ele se condena pelo ridículo. Acaba julgado pelos excessos e desprezado por sua inadaptação à vida...”

Perdão, Senhorinha. Não queria causar-lhe tristeza, mas vejo que é preciso, na esperança de vir a ser-lhe útil. Você trata do assunto sob um aspecto tão falso e ousa, falsificando-a, ridicularizar uma doutrina moral digna de todo respeito, bela como todas suas “nuances”, rica de tantas experiências e cheia de tanto amor.

Onde é que você leu essa história de pés pregados ao assoalho, lábios cosidos, eterno tricotar, perto de um cão de guarda que rosna? Será que foi isso que a grande e maternal Igreja, que a ama com uma tão respeitosa ternura, encontrou em seu coração, para governar sua vida?

Você acha-a ridícula e, no entanto, é você que a torna assim, esquecendo o fundamento de suas preocupações e o sábio de seus conselhos. Viu bastantes filhos seus filhos morrerem, e assiste-lhe o direito de proclamar de que morreram eles. Pense que as prudências que lhe impõe revelam nela uma grandiosa idéia que faz de você, muito mais grandiosa do que as reveladas, nas outras, pelas incríveis liberdades de que gozam. Fechando-lhe certas portas, assegurava-lhe a salvação, ao passo que outras, ao se abrirem para você, perdê-la-ão para sempre. Quem a ama com mais vigor, ela ou eles?

Mesmo que seu coração, já seduzido, não ouse responder que é ela, pelo menos sua consciência deveria ter essa coragem... Lembre-se também de que, mesmo que ela tivesse de você senão restos a recolher, ainda assim se abaixaria para apanhá-los!

Quantas vezes essas infelizes que menosprezaram seus conselhos, quando viviam na loucura, se sentem bem felizes, não mais tendo a quem recorrer senão a ela, por poderem contar com seu perdão chegada a miséria... E eis o que ela lhe diz, em sua mais estrita verdade:

“Minha filha, não te proíbo que sejas feliz. Ao contrário, quero que o sejas. Mas proíbo que sejas culpada, porque creio em ti e te amo. Melhor que tu, conheço a vida e tua fraqueza perante ela. Minha experiência é longa, grande e profunda. Já vivi muito para ter ilusões. Já chorei muito para não ver o mundo senão através de minhas lágrimas.

Eu é que sei, tu não sabes de nada. Podes confiar em mim, já sou uma velha. Podes crer em mim, porque também sou jovem. Tanto jovem quanto velha, com a sabedoria dos velhos e o ardor dos moços.

Teus sonhos, tuas tentações, teus ímpetos, tudo isso compreendo muito bem. Exijo tanto quanto desculpo.

Não te peço nem que sejas triste, nem que deixes de sorrir, nem que não mais ames. Olha: as que me são fiéis têm acaso o aspecto de mártires? Não sentes uma alegria brilhar em seu rosto e proclamar a paz de que está cheia sua alma, juntamente com a humilde altivez com que recompensa sua consciência?

Existe uma felicidade verdadeira, mas também existe uma falsa. É a primeira que desejo para ti. Diverte-se honestamente e alegrar-me-ei com tuas brincadeiras.

Se enrugo as sobrancelhas quando fazes bobagens, se te repreendo quando abusas, é porque te vejo deslizar para o abismo, onde tantas de tuas companheiras perderam a alma. Sei que então te aborreço, Então ficas amuada comigo, falas mal de mim, repeles-me como uma mamãe fora de moda. E, em meu coração, tuas admoestações são-me dolorosas, injustas e más. Sinto ter que te causar tristeza. Mas, responde, visto ser meu amor quem me leva a isso, deixa-me impedir-te a passagem e, ao invés de afastar meus braços, joga-te a eles e neles permanece.

Existe felicidade onde te indico. Fora daí há... Oh! que o digam aquelas que hoje perdidas por terem ouvido outras vozes que não a minha e não terem compreendido que, ao te recusar o prazer perigoso, é a alegria profunda que te dou.

“É-me suficiente – (e deve sê-lo também para ti) que mais tarde me agradeças e que tua alma, salva me dá razão na eternidade.”

Dizem: “O ‘flirt’ é a aprendizagem do amor. Ora, não será necessário fazer essa aprendizagem a fim de nos livrarmos das desilusões e obtermos preciosa experiência?”

Pois bem, não é “flirtando” que se aprende a amar. É preciso que se saiba o que é amar porque, da idéia que se tem do amor, depende o modo de nos prepararmos para ele.

Se amar consiste em “dois se divertirem”, ser um para o outro apenas uma ocasião de divertimento..., ser egoísta sob uma aparência de grande ternura..., se é, pondo de lado a lei moral, uma obediência cega aos ímpetos do instinto que atraí um ser a outro..., se é o prazer legitimado só porque ambos o desejam e o permitem um ao outro..., se é abundância de declarações amorosas e abundância de provas..., se, enfim, é a satisfação mais ou menos sensual procurada em comum, sem que sobre ela pese o incômodo de qualquer controle nem que, diante dela, se levante o dedo acusador do dever..., se é a isso que chamam amor e a nada mais a não ser isso, apenas aliado à timidez dos principiantes e à inconstância dos inexperientes.

Mas uma moça cristã não deve aplicar-se tal definição de amor e, igualmente, não tem o direito de se permitir as conclusões práticas que encerra.

Além da simpatia que misteriosamente atraí os seres, além das declarações amorosas e das provas que o demonstram, desenvolvendo essa mesma simpatia, existe no amor cristãmente compreendido um fundo essencialmente de dedicação, uma capacidade de sacrifício, um desprendimento de si para a felicidade do outro, uma reciprocidade de deveres numa sincera fidelidade, que fazem do amor muito mais do que um instinto e

lhe dão, como lei, outra coisa que não é a lei egoísta e caprichosa dos desejos. Tudo isso a jovem não pode ignorar no momento do casamento, pois é esse o objeto sagrado das promessas matrimoniais.

Como é, pois, que o “flirt” pode ser uma preparação para um amor assim compreendido, visto não passar de uma falsificação? Tanto nesse assunto como em outro qualquer o cristianismo é que tem razão e vê-se o ridículo de um método que ensina a preparar para uma coisa pela prática do oposto.

O amor cristão é o amor de uma só por um só. Segundo o que se admite por aí a fora, o “flirt” é o amor (se é que é amor) de uma por muitos, de muitos por uma.

O amor cristão é profundo, abrange a vida no que ela tem de mais íntimo... O “flirt” é o amor superficial abrangendo somente uma pequena parte do coração, mas uma grande porção da alma e, se abrange os sentidos, então a coisa não tem limites...

O amor cristão é um amor definitivo, mais durável do que os encantos que talvez o provocaram, mais estável do que o terreno movediço da paixão sensual, e sofrendo, ao menos por fidelidade, as decepções que porventura tiver, e vencendo o próprio cansaço... O “flirt”, que não está empenhado em promessa alguma sagrada, goza de sua liberdade e abusa dela. O “até que a morte nos separe”, magnífico e terrível, não está escrito na parede do quarto onde ele esconde a felicidade facilmente conquistada. O “flirt” é todo ele mudança, capricho, incerteza, contínuo jogo de saídas e regressos, juras e ameaças... E a fórmula: “Um ‘flirt’ por ano... um ‘flirt’ por mês” nada tem de chocante para os princípios admitidos e nem, infelizmente, de desfigurante para a realidade.

Preparar-se para o amor por meio do “flirt” seria o mesmo que preparar-se para praticar o alpinismo dormindo indolentemente na areia quente das praias. É julgar que se tornará o gosto do trabalho por meio da preguiça e que, de tanto rolar como a água, se ficará imóvel como o rochedo.

Existem casos, e as próprias interessadas o confessam, em que, após desejar uma moça para cúmplice de seus “flirts”, o rapaz não a queira para companheira de sua vida e para mãe de seus filhos. E quem o censurará por isso? Agindo dessa forma demonstra ser prudente, embora haja quem o julgue cruel. Conheceu a leviandade de uma criança, verificou até que ponto ela era moralmente inconsciente e frívola, conhece agora as reduzidas garantias que ela dá para o futuro, julga-a de acordo com o que ela revelou de si mesma, perde a confiança nela, que não soube fazer-se respeitada nem estimada...

E tira a conclusão e vai-se embora... E ela o fica vendo afastar-se... Seria muito feliz se, pelo menos, a lição lhe servisse de emenda e se, mais avisada, corrigisse ao mesmo tempo seu procedimento seu coração!

É amando que nos preparamos para o amor. É dedicando-nos aos pais que desenvolvemos, para o futuro, a dedicação conjugal... É tornando-vos fieis, apesar de tudo, às legítimas afeições do tempo de moças que vos assegurais, e aos outros também, a garantia de virdes a ser esposas fieis.

Dizer que o amor não se improvisa é pronunciar uma sentença acertada, mas também é atirar contra o “flirt” a mais terrível palavra com que ele possa ser atingido. Se ele, de fato, preparasse para o amor, este o autorizaria. E como, ao invés de prepará-lo, torna irrealizável aquilo que o amor tem de mais grandioso, o amor o condena...

Você protesta? Oh! não proteste. Reflita um pouco, calma e lealmente, e depois, obrigando o coração a calar por um momento suas revoltas, escute o que diz a consciência e, segundo o que ela responder, conclua-se, sim ou não, o “flirt” prepara o amor com que você desejaria ser amada para toda a vida...

Dizem: “Isso me é indiferente”.

E essa frase “isso me é indiferente” é pronunciada com um leve trejeito, como se tal dito, que nada aparenta, não fosse monstruoso nos lábios de uma cristã.

Como arrebatamento passageiro, poderia ser ouvido tão despreocupadamente como quando foi pronunciado. Esperemos, no entanto, que não passe disso. Mas quando é coisa diversa de arrebatamento e, ao ser considerado um estado de alma, quem o pronuncia não confessa uma derrota? Dito por assassino diante de sua vítima, revolta e suprime a vontade de o perdoar. E será menos odioso quando pronunciado por uma jovem diante do espetáculo dos erros provocados pelo “flirt”? O riso malicioso que brota do mesmo lugar em que se desejariam lágrimas de arrependimento é que revela até que ponto o mal penetrou, extensa e profundamente.

Porque “não lhe deveria ser indiferente”. Nem diante de Deus, nem diante dos outros, nem diante de si mesma deveria ela simular tal serenidade. Equivaleria a rir diante dos naufragos, em noite de tempestade, ou a dançar diante de um cortejo fúnebre...

O caso não é totalmente diferente. Alguns mesmo, e, com razão, acham que é ainda mais grave, porque um naufrágio da alma faz vítimas eternas e nada há tão triste como ver uma virtude seguir o caminho do cemitério...

No entanto, o Evangelho não é assim tão brando diante de tamanha indiferença. Para julgá-la, tem palavras terríveis. E poder-se-á esquecer, quando se leu uma vez, a sentença implacável que Jesus profere contra os escandalosos? Diante de semelhante condenação, como ousar pronunciar: “isso me é indiferente”? Objetarão que o “flirt” não é escandaloso. Responderei que, chegado a um determinado ponto de audácia e em presença de certos resultados funestos, é, ao contrário, o escândalo propriamente dito, visto ser, para uns, a ocasião de outros pecarem.

Se a angústia do mal que comete ou fez cometer representa, no culpado, um despertar de nobreza moral, a indiferença do “isso me é indiferente” não pode deixar de revelar quanto se caiu. Esse modo de imitar Caim ou Salomé tem qualquer coisa de odioso e miserável. A vergonha de Davi fez seu rosto belo. A fanfarronice das namoradeiras culpadas torna-as feias e enoja.

As que hoje dizem: “Isso me é indiferente” não o diziam antigamente. Houve um tempo, não tão distante assim, em que só a simples idéia de tocar numa beleza intacta, como o fito de maculá-la, de agitar uma virtude tranqüila com o fito de perturbá-la, as teria indignado. Naquele tempo acreditavam nas responsabilidades que pesavam sobre

seus ombros, nas contas que deveriam prestar de sua alma e da alma dos outros... Mas esse tempo já passou... Referem-se a ele de modo desprezível, como a um tempo de estúpida ingenuidade e de ridícula candura. E, entretanto, esse era o tempo – e não ousarão negá-lo – da consciência, das alegrias puras e pacíficas do sorriso original, dos olhos sem ar perturbador, do coração generoso... Riem-se dele agora porque já passou... Flor já fenecida, mas que ainda se julga bela apesar de ter perdido, sua primeira frescura e seu primeiro perfume.

Se, por acaso, existe uma idade em que os seres merecem respeito, admiração, confiança e amor, não será essa idade em que os sonhos estão despovoados de visões, em que os olhares sinceros e profundos só têm inocência em suas confissões, e o coração, apoiado na consciência, se ama, é sem pecado, e, que as almas vivam e, desde que não pode contar com um amor que quer ser total e eterno?

“Isso me é indiferente”. Mas “não é indiferente a Deus”, que deseja que os seres se auxiliem mutuamente a subir em vez de se auxiliarem na queda para o abismo. “Não é indiferente a Jesus Cristo”, que morreu para que as almas vivam e, desde que não pode contar com a colaboração das mundanas e das viciosas na obra da salvação do mundo, pelo menos tem o direito de esperar que as moças cristãs não adicionem a mal já tão difundido o mal sem desculpa da leviandade que tenta e da indiferença que desafia...

“Aqueles de nossos irmãos para os quais Cristo morreu”; no dizer de São Paulo, não são um campo de experiências onde se mede o poder de sedução. Também não são um monte de ruínas dignas de admiração. Não são muito menos uma fraqueza com a qual nos divertimos para, em seguida, desprezarmos por causa de suas derrotas. São, sob o sol de Deus, uma beleza a ser respeitada quando intacta e, quando não mais o é, a tentar restaurar.

Para compreendê-lo, basta ter um coração fraternal e, sem ser uma santa, não ser uma miserável...

O “Flirt” e suas falsas justificativas

Terceira parte

Dizem: “Irei até certo ponto... não mais além... Fixei um limite que nada me fará transpor”.

Dizem, dizem... Mas, entre o dizer e o fazer, há a fraqueza humana que conclui o seguinte: o fazer é, muitas vezes, o posto do dizer... Nós o verificamos e sofremos. O que se denomina de saber se e como se irá do dizer ao fazer sem desfalecer no meio do caminho? Do pensamento ao ato, do querer à realização, é grande o caminho a percorrer. E quantos caem nesse caminho que sobe! No entanto, não tinham intenção de cair nem de acabar sem glória nos buracos. Somente, não tinham previsto Tudo: cansaço; falta de coragem, mau tempo, atração pelo espaço, chuva e sol. Acreditavam ser de ferro e só possuíam pernas de lã. Pensavam ter um bom coração e a subida os estafa. Não sabiam que, entre os companheiros de viagem, alguns só oferecem seus amáveis serviços para obterem, em troca, as não menos amáveis cumplicidades. De maneira que aqueles com os quais se contava para atingir a meta final são justamente os que impedem seja atingida. A ilusão humana transforma os sonhos em realidades.

Encanta-se com o esplendor do seu programa e a ressonância de suas promessas. Antes da saída, garante a chegada. Faz prever uma recepção triunfal aos hipoteticamente vitoriosos, que terminam num fracasso tremendo.

Ao sinal de batalha, faz com que se envolvam com a bandeira que se transformará em mortalha. Eis porque “não irei além daqui” não é uma garantia de que, de fato, não se irá.

Por isso a sabedoria ordena que não enveredemos pelo caminho perigoso, com receio de caminhar demais e, por termos ido muito longe, se torne necessário regressar de padiola...

É romance, isso? Não, é a vida. Será um “espantalho” para assustar os pardais? Não, é a realidade rigorosamente descrita. Melhor vale a gente fiar-se na fraqueza sentida do que na força suposta. Nada lucramos em nos seduzirmos e, desconhecendo-nos a nós mesmos, ao contrário, arriscamo-nos a tudo perder...

Dizem: “Desde que os interessados estão de acordo, não existe falta, ou, se a houver, é menos grave e não há de que se censurar mutuamente”.

Curiosa moral! Estranha fórmula de absolvição! Como se o tácito acordo entre o assassino e a vítima fosse bastante para permitir ao assassino matar e a vítima deixar-se matar!

Evidentemente, e infelizmente, eles se entendem, os dois levianos. Correm juntos os riscos da brincadeira. De mãos dadas, ajudam-se a descer, assim como outros; de mãos dadas, ajudam-se a subir. Mas este entendimento diminui o perigo e a responsabilidade? Equivale a uma autorização que tiverem o direito de se irrogar? A água turva transforma-se em água clara? O que é carnal espiritualiza-se? Morrer com outro não é a mesma coisa que morrer sozinho? Onde arranjam essa estranha idéia de se darem um ao outro uma autorização que nem um nem outro tinham? Isso quereria dizer que só existe maldade quando a sofremos independente de nós mesmos, e não quando a permitimos livremente... e que bastaria que Judas e os Fariseus se compreendessem para que o negócio fosse honesto...

O contrário seria mais verdadeiro, pois, em boa moral, uma cumplicidade culpável ou perigosa tem como resultado fazer cada qual responsável pelo próprio erro e pelo erro do outro.

Vendo as coisas superficialmente, essa doutrina parece menos odiosa e menos grave, porque foi mutuamente oferecida e mutuamente aceita. Mas só o é aparentemente, como areia movediça sobre a qual não se pode construir sólido refúgio.

Diante da consciência, que pode significar uma autorização dada num ponto em que precisamente a consciência queria justamente que se negasse? O pecado nunca foi um direito. Quem nunca o deve cometer nunca o deve permitir. Tentador algum, seja ele qual for não poderia trazer no seu cesto, junto com os frutos proibidos, a permissão de saboreá-los. Se ele a trouxer, você a deve recusá-la, pois será uma permissão fraudulenta, à qual falta a assinatura de Deus.

A razão que faz com que não se deva cair no buraco, também faz com que não se consinta que outro nele caia. Teoricamente, deve-se esperar que aqueles que se auxiliaram na queda também se auxiliarão a levantar-se. Mas nada há de certo e, se acontecesse como várias vezes acontece, que ambos quebrassem a perna, que socorro eficaz poderiam prestar um ao outro? Juntos estirados, não é de supor que o esforço de cada um deles para se levantar seria inutilizado pelo peso do outro e que a mesma impotência, os imobilizaria lado a lado na lama?

Dizem: “É coisa admitida. Quase todo o mundo o faz. Quais são os jovens que não flirtam?”.

Os jovens que não flirtam são aqueles que, conscientes da própria fraqueza e do perigo que correm, e querendo conservar intacta sua integridade, adotam medidas rigorosas, as únicas eficazes.

Existem ainda jovens dessa espécie. Em número assas suficiente para não surgirem como “fenômeno”, nem como “pato branco”, nem como “carola”...

Que alegria malsã reduzir assim a zero o número dos seres intactos para, com esse processo, deixar de ajuntar uma unidade a mais ou evitar pertencer a esse número! Uma vez mais se verifica o acertado da lei que diz não crerem os impuros na pureza dos outros e que os viciados só vêem vício nos outros, como neles também. As mãos sujas sujam tudo em que tocam, os olhos embaciados sombreiam todas as coisas que enxergam e dir-se-ia que, para ver a virtude, é preciso primeiramente praticá-la. É neste sentido que muitas vezes nossas suspeitas nos julgam e a severidade para com os outros traduz nossas taras secretas.

Existem moças que não “flirtam”. Dizendo isso, nada mais faço senão afirmar a verdade contra seus acusadores maldosos, aos quais ela incomoda e que pretendem justificar-se negando-a.

Essas moças não são menos alegres, nem menos inteligentes, nem menos amorosas, nem menos modernas que as outras. São apenas mais sérias, põem mais reserva nos prazeres, mais profundidade nas ternuras. Perdem algum encanto? Não. Mas esse encanto não apaixona, tranqüiliza. Provocam menos tempestade, mas prometem mais felicidade. E aqueles aos quais só agradariam com a condição de os enlearem em seu “flirt”, merecem acaso que elas lhes sacrifiquem um pudor tão emocionante e tão precioso?

Existem moças operárias, estudantes, burguesas que não “flirtam”. É fato corrente chamarem-nas tolas. Muitas delas deixam-se impressionar. Mas não há motivo. E não é preciso refletir muito maduramente para se perceber que o insulto é muito mais ultrajante para a pessoa que ousa proferi-lo do que para o rosto que o recebe sem por ele ser contaminado.

Supondo que essas moças sejam exceção, que prova isso e a que autoriza? Prova que existem poucas consciências fortes, que as ocasiões de tentação aumentam dia a dia e, principalmente, que as vitoriosas merecem provas maiores de admiração. E autorizará também as fraquejantes a prosseguir em sua brincadeira após terem procurado canonizar seu erro? Nunca. O dever conserva sempre seu prestígio, seja qual for o número, pequeno ou grande, dos que o praticam. Mesmo quando cometido por toda a gente, o

pecado sempre é pecado. O atrativo universal pode, em certos casos, explicar e mesmo até desculpar a fraqueza, mas nunca a justifica inteiramente. Se, afim de “flirtar”, procuram argumentar com a multidão daqueles e daquelas que “flirtam”, isso não passa de um ardil desastrado de pessoas que estão à procura de uma absolvição que não é bem a absolvição sacramental.

Se a roda gira, gira e ainda gira, poderá girar quando quiser, pois nunca se deterá diante do “bom número”, se por “bom número” se entende o número em cujo reverso estaria escrito com lindas letras maiúsculas, caligrafadas pela consciência, “o direito de flirtar, visto que todo o mundo flirta...”

Antes de dizer: “Quantos são os que praticam o dever para que eu saiba e estou obrigado a praticá-lo?” é preciso dizer: “É ou não é o dever?” Porque, para o homem honesto, essa é a única pergunta existente.

Existem muitas que “flirtam”. Inútil saber ao certo o número delas, pois o perigo do “flirt” é independente do número dos que o correm e o dever de abster-se dele também é independente do número dos que o permitem a si próprios.

“*Verdade de La Palice*” pensarão. Sim, e, principalmente, “verdade do Evangelho”. Pois não é verdade que Nosso Senhor disse: “Quando um cego conduz outro cego caem ambos no precipício?”

Você já é bastante grande para concluir sozinha. Só lhe peço que tenha a necessária coragem e lealdade.

Dizem: “O flirt é juventude... é vida... é alegria”...

Sim, mas com a condição de lhe adicionar os qualificativos necessários: “É juventude... *desperdiça*... É vida... *fictícia*... É alegria... *decepcionante*.”

E como não havia de o ser? A verdadeira vida, a verdadeira juventude, a verdade alegria supõem um ardor que não seja sensualidade consumada, uma plenitude e profundidade interior, um amor próprio, uma paz consigo mesmo, fora dos quais só haveria desperdício e fadiga sem proveito...

Quando se diz que o “Flirt” produz alegria não se diz totalmente a verdade e está-se muito longe de traduzir, com precisão, a história íntima dos que brincam dessa forma... Existem pessoas, é certo, que encontram a felicidade em insignificâncias e que, contentando-se com muito pouca coisa, não tendo um ideal mais elevado, acreditam ter colhido a felicidade quando só tiveram um pouquinho de prazer. Por demais superficiais para exigirem muito, estão tão ausentes de si mesmas que não sabem o que lhes falta em casa. A alegria que aparentam prova principalmente o terra-a-terra de suas aspirações e o testemunho que dão, sendo sincero, não tem valor.

Mas, dentre as jovens, as que nem sempre viveram superficialmente e que, por permanecerem puras e reservadas, experimentaram a alma nos dias sombrios, elas bem sabem, ao “flirtar”, qual a felicidade que sacrificam e o pouco de felicidade que, em compensação, encontram. Mas não o reconhecem logo e não o dizem em voz alta, porque reconhecê-lo e proclamá-lo equivale a condenar-se e, diante dessa confissão, o

orgulho das jovens se revolta e, não se sentindo com coragem de corrigir o erro, melhor será não o tornar público.

No entanto, quando o segredo lhes é por demais pesado, procuram um coração amigo e seguro com o qual possam desabafar. E suas confidências transformam-se em verdadeiras lágrimas, lágrimas que têm o peso do chumbo e a amargura do fel. Lágrimas que parecem feitas de água do oceano, saturadas de sal, com gosto de tempestade e desolação... E que há, então? O final sangrento da tragédia? Oh! não. O que há, e que as martiriza, é uma grande desilusão, uma vergonha impregnada de remorsos, a sensação de um grande vazio, a evidência por demais clara de que “não é isso”, a certeza torturante de ter perdido muito para o passado, e muito comprometido para futuro. Elas, que muitas vezes foram o Magnificat cantado em noites puras, são agora o Miserere gemido em noites mais ou menos culpadas. Não mais se reconhecem. Ou, por outra, reconhecem-se por demais, à luz de uma consciência que as acusa e faz com que leiam nas paredes da sala onde termina a festa: “Então é você?” Para quem nasceu num palácio, um casebre, é horroroso. Para quem já reinou, a escravidão é a mais das desonras. E, para aquelas que foram felizes com a felicidade proporcionada pelas comunhões piedosas num coração casto e pacífico, a alegria do “flirt” depressa se transforma em aflição, sua mentira traz desespero e as cartas que então se escrevem a modo de consolo são páginas de grande melancolia, com palavras pungentes, como se fossem gritos de desespero...

Quando se está ao serviço do dever e da inocência virtuosa nunca se deixam escapar tais queixas. Ou isso nada significa – mas quem ousará pretendê-lo? – ou então significa que nos “flirts” suspeitos a esperada descoberta da felicidade não se realizou, mas, ao contrário, se descobriu, o que, de antemão, foi dito pela consciência, mas que não era aceito enquanto o coração acobardado não fizesse por si mesmo a dolorosa experiência.

Agora já se sabe. Mas o que se sabe hoje, outras ainda não sabem e negarão até que por sua vez o aprendam chorando, se Deus tal graça lhes conceder.

Admite-se que só as naturezas privilegiadas são capazes de aproveitar da lição, porque só elas avaliam a profundidade do vazio cavado em seu íntimo. Mesmo quando isso acontecer, as naturezas privilegiadas merecerão que se recolham suas confidências e que nelas se reconheça a submissão da lei moral a si mesma, junto daquelas nas quais ela agora se desdobra em remorsos depois de, durante muito tempo, se haver afirmado em altivez tranqüila e radiosa serenidade.

Para as jovens de vinte anos, que, com um sorriso nos lábios, dizem tranquilamente: “O flirt é alegria”, quantas, oh! quantas dizem tristemente, com o olhar vagando no infinito: “Não, não é alegria”. Estas últimas têm razão porque “sua boca diz da abundância de coração” enquanto que outras só falam “do vazio da consciência”...

Dizem: “Mas para que tanto barulho? Não é assim tão trágico! Se o mundo inteiro se incendiasse, não se gritaria tanto...”

Minha jovem, não censure a quem tem por você, do íntimo do coração, um excessivo cuidado que só pode ser tido como prova de afeição. Preferiria você um desinteresse glacial diante do que ameaça maculá-la, diminuí-la e perdê-la?

É verdade, enquanto você ri de si mesma, a Igreja chora. Chora de inquietação a quando de vossas imprudências, para não chorar, depois da ruína, as lágrimas de Raquel diante dos campos de Roma, onde jazem seus filhos mortos.

Mostra-se assustada quando você diz alegremente que “o flirt não é grande coisa”... Não é grande coisa! Ora, o que se passa realmente é o seguinte: o pássaro, ao voar, deixa cair uma a uma suas asas e não mais pode voar... arrasta-se pelo chão, como um verme nojento... Será alegre isso?

A ovelha que seguia, terna e confiante, o pastor filialmente amado, não mais corre agora atrás dele. Foge, receia encontrá-lo, pois bem sabe, ao encontrá-lo, o que ele diria e o que perguntará. Evita os lugares por onde ele passa habitualmente. Se o vê, volta a cabeça para que não lhe faça o sinal temido de regresso ao aprisco, em vez de andar atraída por outros chamados... Será isso também tão alegre?

E ela, a grande mestra da experiência, assiste ao desenrolar do jogo cujas vítimas bem conhece. Talvez seja uma batalha sem fulgor, talvez seja uma morte sem lamentações no meio de perfumes e flores. Mas será preciso que o estertor se faça ouvir para que a morte seja verdadeira? Que as chagas sejam horripilantes para que se considerem mortais? Será mais fácil fazer ressuscitar uma morta que sorri do que uma terrível morta em esgares? E você censura-a por exagerar, por “fazer cara feia” no momento mesmo em que, do seu coração ferido e da sua alma sensível, jorra sangue. A vida espiritual, do mesmo modo, diminui a cada pecado cometido, como também o sangue diminui a cada ferida aberta.

Enquanto você está preocupada com os prazeres suspeitos, que o “flirt” proporciona, lá longe, na subida do Calvário, está ela esperando-a ansiosamente, como as mulheres bretãs esperam seus terra-nova... E isso a enerva... Então você não compreende que, em seu coração maternal, a onda das tristes recordações e dos lutos sentidos está sempre crescendo? Existem tantos perigos nas noites da vida naquelas que saem cantando para uma viagem perigosa! Onde estão agora? E à margem de que eternidade a última onde as atirará, talvez envoltas nos próprios pecados, semelhantes aos naufrágios que o oceano, à noite, joga ao litoral, cadáveres envoltos pela mortalha pegajosa das algas? A Igreja recorda-se e treme. Sua alma maternal voa em volta das próprias recordações. E, semelhante às aves marinhas que alongam suas asas brancas sobre o movediço cemitério do oceano, ela, a Igreja, abrange, com sua ternura e seu sofrimento, os entes queridos que se perderam nas infinitas profundidades da vida! E você ainda ir! Você a chama louca! Você ridiculariza seus soluços! Você a censura por dobrar a rinados quando sua negligência preferiria o toque de clarins!

Como é ingênua! Se fosse bela, seria admirada por ela, Se merecesse confiança, ninguém mais do que ela confiava em você. Mas, justamente porque ela receia, você também deveria temer. Fazendo-lhe a honra de respeitar sua angústia, você se livraria da vergonha tardia de havê-la desprezado e, desprezando-a, de se ter perdido sobrenaturalmente.

E perdido numa morte inglória. Diante de certas vítimas, inclinando-nos com amor. As vítimas do dever e do sacrifício são veneradas. “São envoltas por um último silêncio”. Junto delas, em seu túmulo, coloca-se um pouco da terra sagrada para a qual morreram.

Ficam cercadas de esperança e de paz... Mas com que divina paz cercar aquelas que, quando vítimas, não são senão vítimas voluntárias de suas imprudências voluptuosas? Não podem ser admiradas. Não podem ser citadas com orgulho.

Pelo contrário, são malquistas por sua inútil morte. E é de recear que a oração que se faz por elas não seja atendida porque, por terem rido da grande inquietude que as aguilhoava, talvez não mereçam uma misericórdia que de antemão sua insolência repelia...

“Mas não é tão trágico assim”... dirão vocês. No entanto, vocês mesmas ficam melancólicas diante das árvores sem folhas e diante das folhas que apodrecem nas árvores... E quem sabe quantas jovens dentre as que dizem “não é tão trágico assim”, sofrem secretamente como se, na verdade, o fosse! Sozinhas no meio de tanta desolação olham a seus pés o número lamentável de todos os sentimentos que lhes caíram da alma ao impulso extenuante do “flirt”, Olham e comparam... Compram e lastimam.

Choram “a primavera que se foi”...
E há motivo para isso.

Respeitosamente, deixemo-las entregues a seu pesar.

Apenas não mais digamos que “a Igreja fala muito”. E lembremo-nos de que, com a ternura esclarecida pela sabedoria, seus sofrimentos são sagrados e que seremos bem ingratos se os provocamos, bem imprudentes se alimentamos e, mesmo em companhia de pessoas de bem, somos perfeitamente loucos em desafiá-los...

Conclusão

Em suma, o “flirt” não deve ser classificado entre as “coisas más” e, pois, absolutamente, impiedosamente, universalmente proibidas. Mas deve ser classificado entre as coisas perigosas que, muito depressa, o serão gravemente.

Ora, o princípio da moral cristã determina que as coisas perigosas devem-se fazer o possível por evitá-las e quando a elas nos expomos, deve haver um motivo tão grave quanto o próprio perigo. E tratando-se do “flirt”, quando é que se têm esses motivos? Nunca. Porque, se o grande motivo para “flirtar” deriva de querer divertir-se, quem ousará pretender que seja uma razão que constitua um direito e, em caso de pecado, possa servir de desculpa?

Mas quem determinará a medida do risco a correr? Naturalmente que o perigo não é o mesmo para todos, e nem sempre igual a todos. Certas circunstâncias tornam o perigo mais imediato. O temperamento de cada um, ora modifica o perigo, ora o diminui, ora o agrava.

Do mesmo modo, a experiência pessoal, adquirida por preço elevado, traz consigo lições decisivas. Seria uma desonestidade esquecê-las e ir procurar nos livros uma permissão que nossa consciência, instruída pela própria vida, nos recusa... Quando, apanhando um pedaço de carvão, queimamos as mãos, quem irá dizer que esse carvão estava apagado? Quando nos machucamos num galho, quem dirá que ele não tinha

espinhos? E, quando se fica tonto bebendo um pouco de licor, poder-se-á dizer que é água pura?

No entanto, não é o que muitas fazem? Pecaram flirtando e protestam indignadas contra “os pretensos perigos do flirt”... Feriram-lhes a consciência, deixaram-nas semi-inconscientes às margens do caminho moral, e zangam-se quando se lhes diz que o caminho do “flirt” se assemelha ao mau caminho que descia de Jerusalém a Jericó... Desoladas pela inocência perdida e, assim que ficam um pouco consoladas, ironicamente aos conselhos que lhes dão. Têm o braço inchado e ainda dizem que a serpente não era venenosa... Estão arruinadas e, no entanto, dizem que a aplicação que fizeram do dinheiro foi excelente. Sua lâmpada, ainda cheia, apaga-se e negam que haja vento... Em mar calmo, sua barca naufraga e, presas aos destroços, gabam-se de terem manobrado na perfeição. Limpam como podem a mancha negra no vestido e juram terem rolado na farinha...

Nessas condições, está visto, é inútil falar-lhes, avisá-las, suplicar-lhes que não prossigam. Rir-se-ão. Sabem, melhor que ninguém, o que devem fazer...

Mas as que têm a coragem de ser sinceras e recebem com dolorosa submissão as lições que a vida lhes dá, encontram aí a condenação definitiva do “flirt”. Se as faltas as prejudicam em alguma coisa, pelo menos lhes servem também para alguma coisa, é por meio delas pela misericórdia de Deus, que a derrota se transforma no benefício de servir de obstáculo a não mais pecar.

Adverte o catecismo que, quando pelo exemplo dos outros e pela própria experiência, se compreende para onde leva o “flirt”, o problema prático está resolvido. Não se flirta mais porque se sabe que não se tem o direito de o fazer...

Contra essa doutrina severa e duvidosa, ouço o protesto indignado das jovens que permaneceram puras e, certas do triunfo obtido, reivindicam temerariamente o direito de prosseguir na brincadeira. Mas, também ouço a queixa desolada e o amargo escárnio daquelas que tudo perderam. E a queixa dolorosa tem um som diferente do protesto... Suponho que também você a ouve... Muitas vidas profanadas a fazem ouvir... O estertor dos moribundos, na planície de Wagram, faz correr sobre a relva um pequeno arrepio semelhante ao provocado, num coração cristão, pela queixa de tantas e tantas almas feridas que agonizam no campo da vida.

Essa é uma revelação. É Deus que fala pelo silêncio dessas inocências mortas... É a lei moral que ainda mais se afirma pela ruína dessas consciências desmornadas por não a haverem respeitado...

Mas existem almas que nunca se emendam. Existem outras que querem ter razão apesar de toda a evidência. Serão sinceras? Se o são, compadeçemo-nos delas por serem cegas... Se não o são, compadeçamo-nos por serem tão calmamente desonestas...

Jovens que flirtam, vocês não vêm com que olhar o crucifixo pendurado na parede de seu quarto as olha? Nas encruzilhadas dos caminhos por onde vocês passam, se houver um Cristo, não se envergonham de passar adiante? E na igreja aonde, apesar de tudo, vocês ainda vêm rezar ao domingo, sua consciência não ouve a palavra aflita que Judas ouviu em Gethsemani: “Meu filho, meu amigo, será por tais beijos, em tais noites, que

traís o filho do Homem?” Por tê-la ouvido, muitos se puseram a chorar e suas lágrimas confundiram-se num comum arrependimento... Será pedir muito a vocês para, ao menos, não rir?

O que não se pode fazer, sem vexame, diante de Cristo, é quase sempre o que não deve ser feito. Aquilo que nos envergonha diante do Cristo-Redentor é o que nos envergonhará diante do Cristo-Juiz...

5- VOCÊS E VOSSO FUTURO

Quando ainda pequenas, vocês procuravam, entre suas companheiras, adivinhar o futuro, enquanto desfolhava com os dedos os mal-me-queres.

E assim contavam:

“Eu te amo... um pouco... muito... nada...”

“Irei... para o céu... para o purgatório... para o inferno...”

“Ele (o marido)... será grande... médio... pequeno...”

“Ficarei casada... religiosa... solteirona...”

E sempre contavam de três em três, como as folhas do trevo.

Casada... religiosa... solteirona!

E não há outra escapatória! A menos que você morra cedo (o que não espero que aconteça), será voluntariamente ou a força: ou casada como santa Isabel – com o avental cheio de rosas; ou religiosa como santa Teresa – com o véu, ou solteirona como santa Catarina – com seu chapéu.

Qual é o mais glorioso dos três; o avental? O véu? Ou o chapéu? Esta é a situação a ser resolvida. Antes de tudo, porém, é preciso que você saiba que uma das três você deve escolher e, caso ainda não esteja em condições para fazer essa escolha, por uma delas se deve decidir e resignar-se.

Não existe uma quarta porta por onde entrar para enfrentar a vida. Nem tão pouco um quarto caminho a percorrer na vida. Com a graça de Deus, os três caminhos podem conduzir ao Paraíso e, do mesmo modo, os três caminhos podem levar ao cemitério...

Casada

Existem sinais desta vocação?

Não é necessário que existam, porque é a vocação mais comum, aquela para qual a natureza chama, quando não há outra indicação. Normalmente, é para ela que a vida leva. Deus quer que a humanidade perdure, que as gerações se sucedam até que esteja

completo o número dos eleitos. E, porque o deseja, quer que exista o amor que a ela conduz e o casamento que a realiza.

Se, pois, uma jovem não traz consigo os sinais de uma vocação religiosa; se não possui defeitos físicos ou morais que obriguem a abster-se; se obrigações de família não a convidam, num sacrifício generoso, a renunciar ao seu grande amor humano; se não sente para o matrimônio seus encargos e suas surpresas, uma repugnância difícil de vencer; se, de um modo ou de outro, não tem a certeza de que Deus a chama para praticar a virgindade no mundo por meio das obras sociais; pode-se dizer que esta jovem foi feita para o casamento.

Mas isso não quer dizer que ela deverá casar-se sem mais nem menos, porque, para que haja casamento, é preciso que haja dois. É preciso, pois, que exista um segundo que a queira e a escolha.

De antemão, que pensar do casamento?

1º- É preciso acreditar na sua grandeza

Uma jovem nunca deve rir do próprio casamento nem do casamento de uma de suas companheiras. Nunca deve referir-se a eles de um modo leviano. Nunca deve ridicularizá-lo.

Porque nunca se deve ridicularizar o que é nobre, e o casamento o é.

Jesus Cristo refere-se a ele com respeito. São Paulo refere-se a ele religiosamente e, para a Igreja, é sacramento.

Sem dúvida os que zombam de tudo que existe, também zombam dele. Mas quem são eles? Que valem? Será a essas pessoas que se deve pedir explicações? É de acordo com elas que se deve formar o juízo?

É pelo amor que se realiza o casamento. Ora, o amor, para quem o conhece, é uma sublime realidade. Tanto pior para quem o insulta!

É por meio do casamento que nascem as crianças. Ora o nascimento de uma criança é o nascimento de uma alma imortal, a mais emocionante criação que existe.

É no casamento que as crianças se criam, se educam, que seu futuro se orienta, que se prepara seu destino terrestre e eterno. E, por acaso, isso nada representa? Se não for nada de importante, que será então?

Uma jovem que se refere ao casamento de um modo pouco lisonjeiro dá uma péssima impressão de si mesma. Demonstra o quanto é incapaz e indigna! Se mais tarde, uma vez casada, só encontrar em seu estado civil humilhações e escravidão, e o casamento zombar dela como ela também o fez um dia com ele, quem se espantará? Ela tem o que merece. Foi castigada por seu próprio pecado.

Uma das infelicidades de nossos tempos, digamos melhor, uma das suas tristezas, é a incrível facilidade com que os jovens falam do casamento, como falariam da queda de

uma fruta do seu pomar. Para elas, uma “toilette” é mais importante que um casamento! Um baile tem mais importância! A escolha de um marido é menos grave do que a escolha de um batom que se vai comprar numa perfumaria...

Essas jovens não são cristãs. Como hão de ser tão inconscientes para diminuir a importância de uma coisa tão grandiosa!

2º- É preciso pensar os deveres

Os deveres do casamento são graves

No casamento não se faz o que se quer. Ele não é realizado como bem se entende. Deve ser feito de acordo com a vontade de Deus e realizado conforme Ele prescreveu.

Mas também a natureza tem seus direitos sagrados. Deus tem suas intenções, que é preciso conhecer, para com elas nos conformarmos.

O casamento deve ser mantido pela dignidade moral

Não é um rótulo novo cobrindo uma mercadoria suspeita. Não é o consentimento de tudo fazer, tudo ousar, como se tivesse o poder mágico de transformar o mal em bem. Não é o sacrifício, aceito pela jovem, de sua pureza, de seu pudor, de sua delicadeza íntima. À sombra do sacramento não é a vida de pecado sucedendo à vida intacta. No casamento, a alma deve prosseguir em sua vida nobre; a consciência conserva seus direitos e mantém seu prestígio. Para que, depois do casamento, a jovem esposa não venha a lastimar a moça que era, é preciso que, antes do casamento, a moça não se envergonhe da mulher que será.

O casamento é uma longa prática da fidelidade

A promessa feita diante do altar, no momento da troca das alianças, tem longa duração. Dura enquanto durar a vida do outro cônjuge. Num sentido, dura até a eternidade.

O amor que se inicia nesse dia deve querer ser definitivo. Não é como a folha da primavera que a gente se resigna a ver cair logo no início do outono. É a folha eternamente verde das árvores sempre vivas.

A dizer verdade, é uma fidelidade bem rigorosa! Tão difícil! Tão ameaçada! Tão entregue à sedução dos maus! Tão exposta nos encontros imprudentes da vida mundana! Tão espreitada, nas esquinas, pelo prazer que atrai, pelos amores que se oferecem! Talvez tão esmagadora quando a alma, cansada do próprio esforço, esgotada pelas decepções, percebe que seu amor é incompreendido ou traído, que seu mérito não é reconhecido, que ela sempre dá sem nada receber, que, sozinha, carrega os grilhões de que o outro já se desvencilhou e que agora, tristemente, desoladamente, a fidelidade dos dois se transformou na fidelidade de um só...

O casamento é um dever de sinceridade

Se não se mente ao contratá-lo, não se deverá mentir ao praticá-lo.

Não se trata de salvar as aparências nem de, sob um manto cuidadosamente estendido, encobrir hipocritamente os adultérios do coração. Deus olha. Ele de tudo sabe. Ele sabe se se ama de fato ou se simula um amor que não possui. Ele sabe quando o coração não diz “sim” as confissões dos lábios. Ele sabe para onde se dirigem secretamente os sorrisos, os desejos íntimos, os olhares furtivos, os pensamentos habituais.

A mulher cristã deve a Deus, a seu marido, deve a si mesma a obrigação moral de não brincar com coisa tão séria e, por muito que lhe custe, deve manter-se leal ao seu amor, defendendo-se contra a tentação contrária.

O casamento é uma dedicação que perdura

É uma dedicação porque traduz amor.

Que é amor? Será sorrir? Entregar o lábio para um beijo? Procurar-se? Sentir-se feliz com o encontro? Bastar-se um ao outro? Não, se pára aí. Sim, se lhe adiciona outra coisa.

Outra coisa que é essencial.

Amar alguém é querer vê-lo feliz, legitimamente feliz. É tudo fazer para que assim seja. Tempo, dinheiro, sorrisos, cuidados, cansaço, sono, saúde, alegria, vida, quem ama dá tudo isso para que o outro se sinta feliz.

Praticamente, e, se tratando de amizade, de amor maternal, de amor conjugal, amar é dedicar-se, é ser capaz de se dedicar indefinidamente, variando a medida da dedicação com a medida do amor.

O casamento é uma enorme responsabilidade

No casamento, a mulher, que é esposa, é parcialmente responsável por seu marido.

A ela cabe o cuidado de sua alma. Deus pedir-lhe-á contas dos conselhos que eficazmente ela lhe poderá dar, do exemplo vivo que ela deverá ser para ele.

Para o homem, a vida é difícil. Ele paga caro sua integridade moral. Tem que lutar contra si mesmo, sofrer concorrência em matéria de negócio. Muitas vezes o mutismo em que se encerra é sinal de angústia. Seu mau humor indica preocupações. Existem suores no pão que se come em casa.

Religiosamente falando, pode lhe ser árdua a missão. Absorvido, cansado, arrastado, tem fraquezas de criança, que devem ser protegidas.

À esposa cabe defendê-lo, consolá-lo, ajudá-lo, guiá-lo. Ela deve ser uma alma amante ao lado de sua alma esgotada; uma consciência vigorosa ao lado de sua consciência tentada; um coração puro ao lado de seu coração perturbado. “Alegria repartida, alegria dobrada; dor repartida, dor dividida.”

No casamento, a mulher, quando mãe, é parcialmente responsável por seus filhos.

Crescidos nela, dela nascidos, educados primeiramente e, sobretudo por ela, são sua mais nobre missão. Ela os conserva perto de si, não como um enfeite a acariciar, nem como um quadro a ser admirado, nem como uma suave presença que delicia, nem como uma semelhança de si própria, que encanta, nem como uma planta que cresce e cuja flor se guarda. Ela os tem como uma planta a ser cultivada, a ser regada, a ser guiada, a ser cuidada. Ela os tem como a um mármore a ser esculpido, como a uma frágil alma cuja saúde deve ser vigiada. Tem de ensiná-los a conhecerem a Deus, a receberem a Cristo, enfim, formar-lhes uma consciência e um coração. Tem de criá-los com um longo e doloroso esforço até que, cientes da própria força, não mais tendo tanta necessidade dela, sejam capazes, por sua vez, de viver “sua vida” e de tomar sobre si mesmos as responsabilidades que até então pesavam unicamente sobre ela.

No casamento, a mulher, quando esposa e mãe, é inteiramente responsável por seu lar.

O lar é um recanto de pedra que se deve tornar agradável, acolhedor, fechado aos indiscretos e malfeitores.

Quando chega a noite dos dias laboriosos, é o seguro refúgio dos corações de vinte anos, ardorosos e tristes, e dos corações de quarenta anos, sonhadores e graves.

O lar também é uma alma, um ambiente de ternura, de pureza, de alegria e de paz, a ser criado para que o marido e os filhos se sintam bem vivendo nele. Tudo isso não passa de palavras, dirão vocês!... Não, não são meras palavras, mas sim coisas verdadeiras...

Bem que existe a alma de um lar. A prova está no fato de jovens seres ficarem mortalmente feridos por crescerem em determinadas casas onde reina uma mulher, leviana ou má, e que nela espalha os germes suspeitos.

A alma do lar é obra da esposa. Digamos melhor, a alma do lar é a alma da mulher.

Com quanto orgulho deve pensar nessas coisas!
Quanta honra para ela! Mas, também, quanta angústia!

E é assim.
Que concluir?

As covardes concluirão: “Se o caso se apresenta assim, nunca me casarei”. Mas esquecem-se de que o casamento também tem suas alegrias; que, se se auxilia, também se recebe auxílio; se se ama, também se é amado; se se dá, também se recebe.

Esquecem-se principalmente de que as responsabilidades, que são um encargo, também são um estímulo e, para uma cristã, a grandeza de ser mãe e esposa vale bem o sacrifício de aceitá-las corajosamente e entregar-se a elas com confiança.

As generosas concluirão: “Se é essa a questão, não é um motivo para que não me case, mas um motivo para que, quando me casar, o faça seriamente e, enquanto espero, me preparo para ele.”

Como preparar-se para tal ato?

Primeiramente, é preciso prepara-se.

Algumas; muitas até, não se preparam.

Seguras de si mesmas, um pouco loucas, provavelmente inconscientes, improvisam o casamento do mesmo modo como improvisa seu discurso... Rebaixam o ideal a tal ponto que não pensam ter de subir muito para atingi-lo. Não refletiram nem nos deveres, nem nos riscos, nem nas responsabilidades que surgirão. Ficam, pois, tranqüilas. De qualquer jeito, elas se desembaraçarão!...

Sempre se desembaraçarão!... Infelizmente, sim, mas de outra maneira que consiste em não se desembaraçarem...

Não se improvisa o traje nupcial nem tão pouco o enxoval. Ele é preparado com tanto afã! Com tanta minúcia! É uma coisa verdadeiramente emocionante...

Toda a família dele participa. O pai, a mãe, os irmãos e irmãs, o avô, a avó, a amiga Emília, a vizinha Deltanira, o tio Augusto, a tia Ondina, cada qual tem sua sugestão a apresentar. Ah! este traje! Este enxoval!...

Coisa alguma é improvisada, exceto o próprio casamento, no que ele tem de essencial.

E sabe-se acaso o que é o casamento? O que exige? A que obriga? Quebra-se a cabeça por causa de um botão a mais ou a menos, mas não se quebra por causa de palavras tão importantes como são: “amor, fidelidade, sinceridade, dedicação”... Será por medo de, uma vez quebrada, nada ser encontrado dentro dela?...

Espalham-se pela mesa os presentes oferecidos. Mas, de antemão, não se espalham os temíveis presentes que a vida poderá trazer.

Percorrem-se todas as casas de modas para a compra dos móveis e da roupa... mas não se põe de joelhos num oratório para pensar maduramente no desconhecido que se vai afrontar e perguntar a si mesma, lealmente, se tem a necessária força para lutar contra as ondas da travessia.

Ora, existem coisas que não se improvisam. O casamento é uma delas. Tanto mais grave se apresenta como obrigações, tanto mais vasto como promessas, tanto maiores conseqüências acarreta, menos se tem o direito de improvisá-lo. Também não se improvisa um tratado de paz. Uma guerra também não. O sacerdócio também não, e a eternidade muito menos.

E o casamento também não. A menos que, pensando-se dissolvê-lo ao primeiro incidente, se deixe de respeitar o que foi desonrado por si mesmo.

Mas, então, não se será mais uma cristã.

Não se é mais honesta visto que, sem que o pareça, o anel nupcial já se rachou sutilmente e está ameaçado de uma fácil ruptura...

Sendo o que é, o casamento deve ser preparado.

E como preparar-se para ele?

Por uma reflexão minuciosa

Não se trata de dizer: “Contanto que eu esteja casada, tanto melhor para o resto!” A palavra “casamento” pode, em certos casos, significar tantos sofrimentos com tão poucas alegrias que, decididamente, é mais do que prudente bem considerá-lo antes.

A vida obriga a não exigir demais. O bom senso quer que as pretensões sejam moderadas. O rapaz “perfeito” não se colhe em qualquer jardim... E tão pouco a moça “perfeita”. Mas, entre tudo e nada, há muita coisa, e a cristã, chegada a hora de escolher ou aceitar, deve saber quem a solicita e exigir dele o mínimo que a possa tranquilizar.

Saber quem a solicita! Conhecer a quem ela se entrega! Que vale ele, moral e religiosamente falando? Oferecerá algumas garantias de felicidade? Casando-se com ele, a fé correrá algum risco? A piedade ficará comprometida? É ele honesto ou não? Trabalhador ou não? Sobre que bases se organizará a educação dos futuros filhos? O lar comum terá probabilidades de conservar intacta a fidelidade?

Numa palavra, para onde irá ela na companhia dele?...

Muitas vezes os pais mostram-se indiferentes a tais questões. Já consideraram o peso da carteira do pretendente e chegaram à conclusão de que ele é “um bom partido”. Mas isso não deve bastar à jovem ainda livre. Porque é ela quem se casa, é ela quem será feliz ou infeliz, é ela quem carregará o fardo pesado ou leve, ela quem viverá depois que seus pais morrerem. Poderão eles impor-lhe um fardo que não terão de suportar com ela? O rapaz lhes agrada, está bem. Mas é preciso que ele também agrade à filha... Não poderão, pois, forçar seu consentimento, nem censurar suas reflexões, nem recusar o direito de recusar.

O casamento não é um idílio, nem um romance de uma hora, nem um negócio.

Pelo casamento a jovem se entrega. Cristãmente falando, entrega-se sem compensação. Mesmo que os pais, os interesses, a opinião mundana, seu próprio coração diga “sim”, se sua consciência disser “não”, será “não” o que deve ser dito. Melhor será salvar a alma do que ter um marido. Melhor será entrar como solteirona no Paraíso do que ser atirada, casada, ao Inferno.

Ora acontece que com esse casamento a jovem compromete sua saúde. É um pecado. Quantas o cometem! Quantos pais, os primeiros culpados, por ele responderão!

Pelo aprendizado de virtudes que nele devem ser praticadas

A mulher cristã deve ser trabalhadora

Ela o deve ser antes, porque, depois, poderá não vir a sê-lo. O hábito de nada fazer adquire-se num instante e muito custa perdê-lo. Enquanto está em casa de seus pais, a jovem deve procurar criar-se um temperamento de trabalhadora que fará dela, uma vez

casada, a dona da casa segura, exata, conscienciosa, que aproveita suas folgas em vez de desperdiçá-las.

A mulher cristã deve ser séria

Por acaso torna-se alguém sério somente com a promessa de vir a sê-lo algum dia? A experiência diz que não. Sem dúvida, com o tempo, alguns se modificam. Muitas vezes, a uma juventude leviana sucede uma maturidade sisuda. Mas essa é uma sorte que nem todos têm e não constitui um princípio. Cantando, a cigarra aprende a cantar; dançando, a gazela aprende a dançar. A uma jovem leviana geralmente sucede uma mulher leviana. E porque não? É normal. As conversões repentinas são raras. Fica-se sendo o que se faz anteriormente. Troca-se de nome, mas não se troca de alma. Denomina-se “senhora” aquela que não passa de uma garota.

A mulher cristã deve ser uma amorosa

O que, na prática, significa uma devotada, o contrário de uma egoísta. Tanto os maridos como os filhos terão muitas vezes direito a seus cuidados, algumas vezes a suas fadigas, algumas vezes aos seus enormes sacrifícios, mas sempre à sua vigilante atenção.

Uma jovem que se preocupa (só) consigo, como e quando será a mulher que se preocupa com os outros? Conta-se com o instinto materno que surgirá com o nascimento dos filhos. Atenção! Essa geração espontânea, esse repentino crescimento de dedicação num terreno em que impera o egoísmo, não é nada certo. Será mesmo prudente prevê-lo?

Mas a jovem pode aprender a esquecer-se de si mesma quando lida com seus pais, com seus irmãozinhos, com suas amigas. Se ela não tiver essa coragem hoje, como a terá amanhã? Isso equivaleria a ceifar em sulcos onde nada foi semeado e, com voz falsa, ambicionar o êxito dos artistas da Ópera...

A mulher cristã deve ser fiel

Senão, que será ela?... Respondam.

Fiel! Isso quer dizer que mantém sua promessa, que conserva seu coração para o único, que ele pode confiar nela, pois não ouve os apelos da rua, que caminha pelo seu braço sem voltar a cabeça, que nenhum outro nome que não o seu é lido em seus olhos, que triunfa da monotonia da vida íntima sempre igual, que o cansaço jamais a domina.

Sendo fiel, a jovem torna-se capaz de ser a mulher fiel. Não se diverte com o coração, não multiplica o “flirt”, não muda de amizades, não borboleteia, entre seus quinze e vinte anos, de uma flor para outra, de uma confissão para outra. Assim se mantém durante alguns anos, para ficar certa de que assim se poderá manter por toda a vida.

A mulher cristã deve ser forte

Como mamãe, para os filhos que têm necessidade de que ela o seja, como esposa, para o marido que nem sempre o é.

Em caso de necessidade, ser-lhe-á preciso sem queixar-se, sorrir com olhos enquanto o coração chora. Outras vezes, quando o dever o ordenar, ser-lhe-á necessária a força de resistir à tentação grave, de manter a energia da moral católica, de não se prestar a imperdoáveis compromissos.

Em matéria de educação, ser-lhe-á indispensável a força de querê-la e praticá-la cristãmente. Daí surgirão, talvez, conflitos, cenas, lutas, desacordos. Força delicada da haste que verga sem se quebrar, força real do carvalho que nem chega a vergar-se.

Força de alma nas provações habituais. Uma noite, é a mulher que apóia a cabeça ao ombro do marido. Mas uma outra noite é o marido quem apóia a cabeça ao ombro da mulher.

Fortaleza de Suzana às voltas com os dois velhos. Fortaleza de Felicidade diante dos injuriadores de Deus. Fortaleza de Maria aos pés da Cruz.

A vida, para ser bela, exige tudo isso de uma jovem. À falta desta fortaleza, quantas não se arruinaram e permaneceram impotentes, desencorajadas, cansadas do grande cansaço das vencidas!...

Durante a juventude aprende-se a ser forte. Não faltam ocasiões. E já seria alguma coisa a força unicamente adquirida com a luta contra os caprichos e paixões para manter-se à altura do dever cumprido. Mas a jovem que se entrega, pronta a qualquer covardia, submissa ao jogo da vida, incapaz de uma decisão firme, comprando um doce todas as vezes que passa por uma confeitaria, dançando todas as vezes que houver um baile, aborrecendo-se todas as vezes que surgir uma contrariedade, só sabendo pronunciar “talvez” e “se assim o quer”, que será feito dela, qual folha atirada ao vento, quando, como esposa e mãe, o vento sul abalar a casa ou, mais simplesmente ou menos dificilmente, a tarefa cotidiana lhe impuser uma reserva extraordinária de coragem?

A mulher cristã deve ser uma condutora para Deus

Durante um tempo, ela trará seus filhos em seu seio, mas para sempre trará a alma deles na dela. Sua alma e a alma do pai, que é seu marido.

Ela, exemplo vivo, educadora responsável, não tem esses filhos se não para, à frente deles e levando-os pela mão, conduzi-los a Deus, que os espera. E ela deve querer conduzi-los a tais alturas, sob pena de se diminuir.

É a isso que chamamos “o ser apostólico”, “praticar o bem”. É, simplesmente, ser uma verdadeira cristã.

E existem muitas que assim o façam? A resposta consoladora ou não, em nada modifica o belo dever. Se muitas o fazem, que ela lhes aumente o número. Se existem poucas, que seja ela uma a mais. E, se não existir nem uma, ela que se torne ou a primeira ou a única.

Mas só se pode dar aquilo que se tem. E tem-se o que se recebeu, ganhou ou conquistou. Aquela que, com dezoito anos, se desinteressa da alma de seus pais, se interessa pouco pela ama de seu noivo, se interessará superficialmente pela alma de seus

filhos, com o risco ou a probabilidade de não se interessar de modo algum pela alma de seu marido.

Adquirir para ter. Tornar-se para vir a ser. Preparar-se para estar pronta. Essa é que é a lei. O vestido nupcial e o enxoval são feitos de pano. A fazenda é feita de fios entrelaçados. O fio de linho germinou da terra e o fio de seda não caiu da lua em noite de outono. Tudo tem sua origem longínqua. O que existe foi feito.

A jovem que pensar em tudo isso no momento de vestir seu traje nupcial e de preparar seu enxoval aprenderia uma preciosa lição. Aplicada ao casamento, significa que também ele, como a fazenda do enxoval e do vestido está feito de tudo que se leva e que foi lenta e piedosamente armazenado no bendito cantinho das reservas de valor.

Dentre as mulheres, foram as que teceram para a vida a mais linda vestimenta, o mais rico enxoval, as que, como jovens, no tempo da preparação, fio por fio, praticaram o trabalho, a seriedade, a fidelidade, o amor, a dedicação, o apostolado e, com o cruzamento de todos esses fios, teceram a tela indestrutível do casamento cristão.

Religiosa

Vejo, diz o Apocalipse, uma imensa multidão, difícil de precisar. Toucas de todas as espécies, véus, mantos e cordões de todos os feitios e cores. Uns azuis como pervinca, outros brancos como lírio, outros castanhos, outros cinzentos, e outros ainda negros como o pecado mortal...

Os nomes variam:

As Filhas... de Caridade, da Sabedoria, do Espírito Santo...

As Irmãs de... X, Y, Z...

As senhoras de...

Mas, no fundo, todas elas cantam o mesmo hino em diferentes tons...

Têm o mesmo coração oferecido ao mesmo Jesus Cristo...

É a revoada de Religiosas dispersadas aos quatro ventos da terra...

Benditas sejam elas por causa do sinal de escolhidas que trazem na testa! Quando mortas, todas elas apresentam uma pequenina cruz, sempre igual, tendo em baixo um nome que é o seu nome, mas que também não é seu nome. Não é seu nome perante o mundo, mas é seu nome perante Deus.

Benditas sejam elas! Felizes que são...

O que é uma religiosa?

Pondo de parte qualquer diferença secundária, essencialmente falando, a religiosa é, desde o momento em que formula seus votos, uma jovem que:

Abstendo-se do direito de casar-se; pretende-se, por um determinado tempo ou para sempre, aos votos de pobreza, castidade e obediência; dedica-se ao serviço de Deus, entrega-se a Ele, pertence-Lhe e faz dEle seu único Senhor e o único amor de sua vida.

Ela contrai esses votos oficialmente, perante a Igreja, num determinado grupo de que vem a fazer parte e cujos costumes e obrigações aceita voluntariamente.

Distinguem-se comumente: as Religiosas contemplativas, muitas vezes enclausuradas, e que se dedicam especialmente à oração e à penitência; as que ensinam, que têm por missão principal instruir nas escolas e colégios; as enfermeiras, que se dedicam às obras de caridade nos hospícios, hospitais, clínicas, creches e dispensários; as missionárias, consagradas ao apostolado católico nas suas diferentes formas e até em países estrangeiros...

Que pensar da vida religiosa?

A Igreja a considera como a maneira mais digna de viver. Uma cristã, diante de semelhante problema, deve seguir o julgamento da Igreja.

Mas o mundo, naturalmente, pensa de modo diferente.

Ora declara que a vida religiosa é um refúgio oferecido às jovens feias, pobres e imbecis, e que, não se podendo casar por essas três razões, ficam muito felizes por encontrarem no convento o ninho onde esconder sua incapacidade; ora promulga que ela recorre à vida religiosa como um meio de consolar suas desilusões amorosas, delas tirar proveito e torná-las úteis em alguma coisa, sem o que só encontraria desespero; ora considera-a como o cemitério de jovens prematuramente mortas e que, entrando para “essas casas” suscitam respeito, um vago pesar e uma amarga piedade; ora acusa, dizendo: “A vida religiosa é a covardia dos seres que não têm coragem de enfrentar o mundo, de arcar com suas responsabilidades e que, fugindo dele em vez de desafiá-los, são desertoras que se devem desprezar”; Ora ele se zanga, de modo insolente e mau: “A vida religiosa é uma ladra! Tira do mundo as mulheres a que tem direito! Arrebata ao amor belezas com as quais se teria alegrado. Diminui o número dos lares. Faz com que as mães chorem. Revolta os parentes. Faz com que certos valores fiquem escondidos. Enterra as que vivem. Necessário é que a suprimamos”.

Ora ele dá de ombros... Lamenta essas mulheres que também foram feitas para a felicidade e que inocentemente sacrificam as alegrias certas e imediatas da vida por alegrias tardias de um Paraíso duvidoso; ora admite, vencido pela evidência, o bem praticado pelas Irmãs de Caridade nos hospitais, mas condena ainda mais impiedosamente as religiosas enclausuradas; ora consente em agradecer ao convento a solução do problema dos pais, que ficam embaraçados com uma filha em casa. Tomando-a, livra-os de uma preocupação. Ora, e é a maior concessão que lhe faz, declara que cada um é livre e que, além de tudo, a vida religiosa é uma vida como outra qualquer e que aquelas às quais ela agrada podem vivê-la e, embora sejam originais, é prudente deixá-la em paz.

Tudo isso nada prova que o mundo compreenda a vida religiosa, que ele a aprecie, que a venere, que lhe tenha penetrado o sentido por demais elevado e o raro valor.

A igreja pensa mais ou menos o contrário.

Ela bem sabe de todas as críticas e admoestações mais ou menos fundadas que se podem lançar contra tais e tais Religiosas, de vista estreita, mesquinhas, severas, de alma tacanha... Mas ela não se baseia em casos particulares e, encarando a vida religiosa em seu conjunto, aprova-a e exalta-a.

Ela acha que a vida religiosa representa o caminho mais seguro, mais direto, mais bem protegido para a meta suprema da vida humana, que é o Céu.

Afirma que, quanto mais se ama a Deus, maior será o valor que se tem, e a vida religiosa, libertando o coração, unindo-o cada vez mais a Deus, impedindo as necessárias partilhas da vida comum, permite ao ser humano realizar seu maior valor.

Não hesita em afirmar que as contemplativas têm uma utilidade muito maior para o mundo por meio de suas orações e suas penitências, e sob o ponto de vista cristão, o único verdadeiro, representam, na humanidade, um alto cume, porque são a porção de humanidade mais aproximada de Deus!

Julgam, pois, que, se formos classificar teoricamente as diferentes formas de vida, a vida religiosa estaria em primeiro lugar. Afirmar isso não é desacreditar o casamento nem levar a humanidade a encerrar-se nos conventos. É simplesmente dizer o que é.

Também defende obstinadamente a vida religiosa contra todos os seus detratores. Ela cobre com seu manto maternal e envolve com sua especial estima e seus privilégios a imensa multidão de Irmãs espelhadas por toda a Terra. Condena a todos os que a elas se referem desrespeitosamente.

Aprova, encoraja e felicita a todas que a escolheram. Segundo São Paulo, ensina oficialmente que o chamado a esta vida representa uma graça inestimável que é sinal de um amor especial, e que todas as que a ela foram chamadas devem, sem orgulho e sem pesar, sentir-se felizes, muito felizes, por Deus se haver mostrado tão bom ao tomá-las para Si!

Tal é o pensamento da Igreja.

Esse deve ser o pensamento de uma moça cristã sobre a vida religiosa.

Quais são os sinais indicadores do chamado à vida religiosa?

Como a vida religiosa é uma vida excepcional, são precisas, para se entrar nela, garantias que fazem da entrada para o convento um empreendimento legítimo e prudente.

Como se sabe que se pode?

Como se sabe que se deve?

Problema por demais complexo! Existem tantos atalhos que conduzem ao mosteiro! Tantos e diversos segredos aí se escondem! Cada alma tem sua personalidade. A graça é tão pronta! As naturezas variam tanto! A história de cada um é tão pessoal!

No entanto, existem algumas regras gerais.

O caminho de veludo

Desde que se sentiu o primeiro chamado de Deus não se pensa noutra coisa. Não se sonhou com outra coisa. Tudo leva ao convento. Tudo para ele atrai. Uma espécie de instinto vital, cada ano mais forte e seguro, para ele arrasta... Já se nasceu Religiosa...

Então é coisa simples. A hesitação não é permitida, visto não se levantar nenhum obstáculo impressionante. Chegada a idade conveniente, vai-se!

É a vocação por inclinação e que, em circunstâncias especialmente favoráveis, quando a família encoraja em vez de se opor, passa-se suavemente do lar ao noviciado, sem aparente dificuldade.

O caminho de rochedo

Desta vez não senti a atração. O pensamento do convento ainda não penetrou no íntimo da criatura, como um fermento sempre em ação, nem cruzou o horizonte da vida como um sonho cuja beleza atrai!

Ao contrário, friamente, por um exercício de vontade, a alma em que Deus age é obrigada a refletir.

Apresenta diante de si a vida religiosa como um problema que ela mesma deve resolver, seja num ou noutro sentido. Ela o encara como o melhor caminho para a salvação, como o mais belo emprego de suas forças íntimas.

A natureza não impele, nem mesmo o temperamento. Mas a vontade reina e decide. É um caminho rude, que sobe cheio de pedras, sem árvores que façam sombra. A jovem obriga-se a caminhar, um pouco semelhante às horas secas de piedade, quando se impunha meditar e rezar. E ela o faz sem outra alegria sentida senão a de uma resolução tomada e a de um dever praticado.

O caminho de areia movediça

É o caso das vocações que se iniciam nitidamente, segundo um rumo bem traçado, e que, pouco a pouco, como os caminhos do deserto que se perdem na areia, ficam incertas de si mesmas.

Não se sabe se é sim ou não, para aqui ou para lá. Porque é ora para um lado, ora para outro, e ora para ambos. Um eterno “talvez”. E não se chega a tomar uma decisão única porque, logo que se pensa decidir, a decisão contrária se tornará possível também.

Algumas vezes, nem sempre, falta coragem ao coração, que fica tão incerto. Outras vezes é questão de temperamento e outras ainda depende do modo com que Deus está

agindo. Os santos nem sempre estão seguros do caminho a seguir, quando se trata de sua santidade. E porque, então, quando se trata do seu destino, as jovens não de estar certas do caminho a percorrer?

Mas é um caso bastante doloroso para em geral ser tratado com bondade. As jovens que estão envoltas por essas sombras devem sondar ainda seu íntimo e procurar socorro.

O caminho de Damasco

Brusca parada em pleno caminho. Um divino imprevisto. Saulo ia em perseguição de Cristo e eis que Cristo o chama para fazer dele um apóstolo.

Jovens há que estão felizes e tranqüilas. O mundo não é para elas uma tremenda decepção. O casamento lhes sorri. Nenhuma touca branca lhes aparece em sonhos. Bastam-lhes os dez mandamentos. Pretendem segui-los e é só. E porque não? Desde que Deus não lhes pede mais nada, terão elas de oferecer mais? Deliciosamente, como o monograma no canto do lenço, bordam em sua juventude o monograma do amor. Se lhes disserem que um dia... serão... (oh!) Religiosas! O queixo lhes cairia! Ser-lhes-ia necessária uma hora para fecharem a boca...

E, no entanto... Ele espera. Quem é esse Ele? Deus.

Sem prevenir, igual aos ladrões, invade essa calma, perturba o suave sonho. Elas nada compreendem. Os que as cercam também nada entendem. Mas existe algo. A alma esta aterrada. A terrível pergunta foi feita: “Queres?” E, mal sabendo o que dizer, respondem: “sim”.

A derrota foi rápida e total. Total a vitória de Cristo. Houve como que uma invasão de luz resplandecente.

E aquela que, no inverno passado, dançava nos bailes até tarde, neste inverno não dança mais. Já traz sua pequena touca de postulante. O único que dança é o diabo que, furioso, a convida a vir dançar novamente o tango...

O caminho da batalha

Neste caminho Jacó lutou contra o Anjo e este foi o vencedor.

Mais do que geralmente se acredita, vocações de certas moças iniciam-se como um encontro de patrulhas, como um choque de armas. Deus e elas. Deus que quer e elas que resistem. Deus é um temível jogador, mas certas almas são rudes adversárias! Durante muito tempo, vendo-O vir de longe, têm evitado o encontro. Agora não há mais jeito. Ambos estão em combate. Não seria mais emocionante assistir ao espetáculo de dois lutadores em plena arena antiga. A sorte sorri, ora para um, ora para outro.

E, quando termina a luta, na submissão total da alma, num longo consentimento da vítima, que atira seu “sim” como se estivesse numa lenta agonia, resta uma Religiosa a mais ao serviço de Jesus Cristo.

Mas algumas vezes, como se não pudesse defender-Se, Deus é vencido!

Respeitando a liberdade, querendo para Si uma alma e não uma escrava, pois que ela recusa, Ele desiste, faz-Se de vencido e retira-Se como um ferido...

Uma Religiosa a menos na Terra.

E inaugura-se um futuro cheio de mistério. Infelizmente, tais vitórias são para a alma a pior das vergonhas. A coroa das condenadas muitas vezes é feita desses triunfos.

O caminho de Getsêmani

É o caminho das dores que conduz ao grande Amor. Quem pôde proibir a Deus de escolher Suas eleitas entre as vítimas da vida? E quem é capaz de encontrar defeito no que Deus faz? Quem pôde condená-LO porque recolhe naufragos, adota órfãs, oferece o coração a fugitivas e povoa Sua casa com jovens feridas que Ele uma noite recolheu quando percorria o campo de batalha? Deus penetra pela ferida aberta num jovem coração de vinte anos. Está em Seu direito. Ofereceu-Se para vir substituir alguém que partiu. Será a mamãe que morreu. Será o noivo que partiu bruscamente.

Então, uma vocação religiosa originada de uma desilusão amorosa? E porque não? Tantos artistas há que executam sua obra-prima sob uma amarga decepção! E porque não poderá uma jovem transformar a dor numa vida religiosa? Que mal existe se a tristeza desta jovem, transformada em divino amor, faz a felicidade dos pequeninos de que ela cuidará na creche, dos velhos que ela acariciará no hospital...?

Essas vocações têm direito a um respeito comovente.

Seria preferível que a jovem transformasse sua tristeza em desespero e vergonha? Como é que não se compreende poder o sofrimento, que é luz, revelar também bruscamente um caminho até então desconhecido e projetar da porta fechada do convento uma suave claridade que convinha a vir bater a ela com as lágrimas nos olhos?

Obstáculos e mais obstáculos

Obstáculos erguidos por Deus

É preciso respeitá-los, parar diante deles e, pacientemente, sem revolta, esperar.

Entende-se por obstáculos, assim erguidos no caminho de uma vocação, a tal ou qual circunstância brutal, a certos acontecimentos exteriores que, independentes de nós e representando a vontade divina, exigem que nos inclinemos diante deles como diante de uma força sagrada ou de um direito líquido.

Por exemplo: um cansaço, uma doença, um acidente.

Outros exemplos: a necessidade imperiosa de nossa presença em casa, devido ao pão conquistar, aos doentes a cuidar, aos velhos pais a auxiliar.

Que fazer? Nada. Que tentar? Nada. Permitindo que tudo isso aconteça, Ele diz, ao menos provisoriamente, o que quer. A sabedoria está em ceder. E o verdadeiro amor também.

Obstáculos erguidos por vocês

Esses têm de ser destruídos.

São obras do seu egoísmo, de sua covardia, de seu receio. Quando se construiu um muro em lugar proibido a única coisa a fazer é derrubá-lo e passar adiante.

Parar aqui, para esperar, é, nem mais nem menos, esconder-se na trincheira no momento do ataque para não ter de saltar. Que desonra para semelhante soldado!

Algumas jovens hesitam e essa hesitação não as honra. Falta-lhe a coragem de cortar os fios que as prendem e de pular um muro que não passa de uma nuvem. Podem esperar indefinidamente e será o mesmo que dizer que renunciaram à sua vocação.

Também fez assim o moço rico do Evangelho. Colocou diante de si, amontoados, seu dinheiro e sua felicidade humana. Olhou-os e depois não tentou nem transpô-los, nem pisá-los. Ficou onde estava. Recuou o seu passado. Vida perdida. E Cristo se entristeceu...

Quantas há que, no caminho do convento, ficam sentadas? Levantam-se e tornam a sentar-se. Reiniciam a caminhada e tornam a parar. Desejariam que o Anjo as carregasse pelos cabelos, mas Deus quer que caminhem com seus próprios pés, passo a passo, até atingirem a meta desejada. E elas se desculpam chorando sobre a própria fraqueza. Que seria preciso? Um gesto libertador, um pulo decisivo. Somente a este preço terão direito a ficar em paz.

Obstáculos erguidos pelos outros

Esses devem ser, ora respeitados, ora desprezados.

Quem são os outros? Um pai, a mãe, uma amiga, as pessoas que nos cercam. Cada um deles tem seu ponto de vista, faz suas observações, formula suas críticas, encontra motivos para protestar contra “essa estúpida vocação” e para impedir “essa partida desarrazoada”...

Sua posição provém:

De uma afeição que treme diante da próxima ausência; de uma esperança que teme ser desfeita; de um projeto que desejaria realizar-se; de um interesse mais ou menos puro; de uma viva preocupação de trabalhar para a felicidade desta criança que “faz uma asneira”; de um ciúme despertado contra Deus; de uma amargura que se volta contra a Igreja, pois se considera o caso como um rapto; de um completo desconhecimento do que é a vida religiosa; de uma abusiva autoridade que pretende ser a única a decidir sobre a orientação de uma vida; de um ódio positivo; da vontade de ser um dia avó; do respeito humano que olha com receio para “o que dirá a opinião pública”; do orgulho em querer ser o sogro de tal rapaz estupendo; etc., etc.,... Uma página repleta de “etc.”...

O terrível é que o obstáculo toma forma humana: um pai encolerizado que se levanta pálido; uma mãe que chora ou fica de mau humor; uma tia que se excede em sabedoria e diz “Minha pequena, senta-se aqui, pois tenho que te falar”...; um velho tio, por demais experimentado e que meneia ceticamente a cabeça; um belo adolescente de olhar ardente e triste; uma distinta senhora que toma ares protetores e tem a fisionomia desdenhosa; uma linda boca que sorri; outra que zomba; dois braços febrilmente suplicantes em volta do pescoço; dois olhos espantados que ameaçam...

Em semelhante caso não é fácil saber o que fazer; ceder? retardar? forçar? esperar? É preciso querer o que for melhor. Algumas vezes só desejar o que for possível e ter como diretriz em primeiro lugar, esta palavra de Deus: “Amarás teu pai e tua mãe”; em segundo lugar, esta palavra de Cristo: “Aquele que ama a seu pai e a sua mãe... mais do que a Mim, não é digno de mim”...

Trata-se de conciliar ambos os amores. Muitas horas pungentes passam as jovens querendo resolver essa dificuldade e fazer essa conciliação.

Isso mostra que é útil, senão indispensável, procurar auxílio.

Decidir por si ou consultar?

Se sempre fosse simples reconhecer, decidir e realizar uma vocação religiosa, a interessada poderia sem grande imprudência, empreender e resolver tudo sozinha... Mas...

Mas a experiência diz que não.

Em primeiro lugar, nunca se é um juiz muito exato para o próprio caso.

Depois, devendo a questão ser estudada em toda sua complexidade, a jovem, sem se aconselhar, arrisca-se muito a perder-se nela, a embarçar-se. A não poder concluir nem pró nem contra.

Além disso, durante o exame, pôde ser tentada à deslealdade, ter medo de saber, temer a evidência, complicar ainda mais o assunto para mais facilmente o transferir para as calendas gregas.

Ela bem pode exagerar as dificuldades, supor insuperáveis obstáculos sem importância, tomar uma nuvem por um muro, uma pedra por uma montanha. Pode achar respeitáveis oposições que não se justificam. Pode não ter a coragem de sofrer nem de fazer sofrer quando o dever impõe, quando é bem intuitivo, quer que se seja rigoroso sob pena, não o sendo, de pecar contra Deus.

Pode cercar-se de ilusões, desconhecer as próprias aptidões, tomar suas emoções como pensamentos, seus sonhos como chamados.

Também pode misturar seus puros desejos com outros desejos que não sejam tão belos e, sem perceber, optar pela vida religiosa por um instinto de preguiça e como meio de

fugir a uma humilde dever, humilde, mas penoso, que lhe é imposto aí mesmo onde está.

Também pode conhecer o desânimo, a noite íntima, as horas negras, as oposições exasperantes. Em tais momentos, ficar só é muitas vezes ser fraca e vencida.

Como pretender tomar responsabilidades? Como tomá-las sem se arriscar a, mais tarde, censurar-se por havê-las tomado quando, uma vez no convento, como muitas vezes acontece, surgem as dúvidas, o arrependimento cresce, trazendo consigo o receio de se ter enganado?

Por todas essas razões vê-se claramente que a vocação religiosa é um problema a ser estudado por dois: a jovem e o diretor de consciência!

E também é preciso tratar dele desde o início, para que, lenta e minuciosamente, seja estudado e se chegue à conclusão mais segura.

Aliás, tudo deve ser encarado com perfeita lealdade, num desejo sincero de encontrar solução e a preocupação de, não multiplicando as diversas consultas a vários conselheiros diferentes, complicar ainda mais o caso em vez de simplificá-lo.

O ideal está em procurar, e o dever em encontrar um padre que seja verdadeiramente um homem de Deus, sobrenatural, desinteressado, respeitando as almas sem forçá-las, e capaz de, chegado o dia, tomar a peito suas responsabilidades.

Será preciso preparar-se, e como?

Dizem: “E para quê? O noviciado, que foi feito para isso, remediará a situação. Preparar-se será fazer o noviciado do noviciado... E nunca se acabará!...”

Pretexto vão. Sim, também se deve preparar para a vida religiosa.

Somente praticando, de antemão e livremente, as virtudes de desprendimento, de obediência e de pureza absoluta que um dia deverão ser praticadas por voto. A vida religiosa, para a eleita, começa antes da tomada de hábito, com receio de, se ela só tiver de ser iniciada depois, não ser iniciada nunca...

Naturalmente, de um certo modo. É uma questão de bom senso e de espírito cristão.

Tanto aqui como em outra qualquer parte, a alma é o principal. E é nela que a preparação se faz.

No “toilette”, por exemplo, pelas audácias e excentricidades que evita. O uso dos prazeres, mesmo os permitidos, é moderado... Não mais flirte. Em matéria de leitura, a prudência é rigorosa. A vida cotidiana obedece a um horário fixo. A piedade faz sentir-se mais. Embora não cubra os olhos com o véu, eles são mais reservados, os olhares não são mais provocantes. Um certo espírito de sacrifício se insinua discretamente no íntimo do ser e se exercita em mil ocasiões, que os outros nem sequer suspeitam.

A ternura filial faz-se mais suave, mais delicadamente cuidadosa. É preciso que os pais sintam que, quando há uma separação, sintam pelo menos que são amados com um grande e terno amor! Faz tudo para que a preferência dada a Cristo não seja para eles um peso insuportável.

E salva seu ideal, vigia-o, não o expõe a ficar obscurecido. A vocação é uma pérola que não deve ser atirada aos porcos. É cultivada como uma rara flor. É conservada como um tesouro. Deve ser defendida como se fosse a honra ameaçada. Deve tornar-se cada dia mais digna dela, certificando-se cada vez mais de que não é uma ilusão e que será realizada magnificamente.

Por não se terem preparado para a vida religiosa, muitas nunca chegaram a realizá-la, embora tenham ciumentamente guardado esse sonho. O sonho se desvaneceu.

E, um dia, não mais quiseram...

Houve pecado mortal? Houve risco de condenação? Quem sabe? Em princípio, o chamado de Deus não obriga. A única coisa indispensável é salvar a alma, e pode-se renunciar-se ao convento sem, no entanto, renunciar ao Paraíso.

Mas fica um temível desconhecido. Quem perde a vocação ou a recusa também pode perder a eternidade. Porque casos há em que o único meio de atingir o “essencial” era praticar o “supérfluo”. Para algumas, entrar no caminho dos conselhos era a única segurança de não abandonar o caminho dos preceitos. Então...

Sim, então... A conclusão é bem clara.

Há perigos que os prudentes não correm. Ofertas de salvação que um ser inteligente não despreza.

Ao privilégio de ser a mais amada deve corresponder o desejo de amar ainda mais.

Segue-se a própria vocação. Enquanto se espera, deve-se conservá-la. Para conservá-la, deve-se dar-lhes o justo valor, não a deixar entregue aos perigos, preparar-se para ela e, de antemão, para que o “depois” seja belo, praticar-lhe as nobres virtudes.

Solteirona

É assim que se diz: “solteirona”. Em francês são denominadas “*vielles filles*”. E, no entanto, não são sempre velhas, as “*Vielles filles*”! Elas não nasceram com oitenta anos! Então, porque são chamadas “*Villes filles*”? Porque não sabemos dizer de outro modo. É uma questão de hábito.

Com que idade se começa a ser “solteirona”? A esse respeito a Escritura nada diz. A razão insinua que seja lá pelos sessenta anos, mas a tradição decidiu que é lá “pelos vinte e cinco anos”! Inclinem-nos ante essa resolução, apesar de não estarmos convencidos.

Ou melhor, digamos que se é “solteirona” desde o momento em que, com plena liberdade, se decidiu a ficar assim e que se assenta em que assim se ficará.

Lembre-mos desta definição.

As duas espécies de “solteironas”

Existe a solteirona forçada

Assim o é aquela que quis casar-se, mas não pode; que poderia ter sido Religiosa, mas não quis. Que é que a vida então lhe ofereceu? A medalha das celibatárias...

Digna de respeito; é certo, mas muito pouco apreciada e comumente levada sem grande orgulho.

O casamento falhou. Por quê? Vejamos cada um dos casos.

Ou ninguém a pediu, enquanto ainda jovem; ou, quando foi pedida, ainda não estava preparada e o ônibus partiu sem ela; ou, quando já estava pronta, ninguém mais pensou nela; ou enquanto esperava a ocasião sonhada, deixou passar a ocasião real, e a ocasião sonhada nunca mais se apresentou.

Ainda durante muito tempo espera, com sobressaltos de confiança, ilusões de êxito. Mas, com a idade, a evidência se impõe e o malogro é completo. E, para sempre, fica sendo a solteirona como outras às quais, involuntariamente, falta alguma coisa.

Uma mão impiedosa amarrou os cordões da touca de Santa Catarina ao seu quarto.

Muitas vezes, trágicos acontecimentos multiplicam esses casos em proporções lamentáveis. Terríveis hecatombes, como foi a da última guerra em cada um dos países nela metidos, transformaram esse problema num drama pungente. A esses milhares de jovens mortos, alinhados todos eles debaixo de cruzeiros, deitados em fossas, perdidos em baixo da terra, correspondem milhares de moças que, dentro de suas casas enlutadas, choram desoladamente um sonho desfeito. O número das vítimas foi duplicado. E nem sempre os mortos são os mais lastimáveis.

Existem as solteironas por escolha livre

Ela mesma, com suas próprias mãos, sorriso nos lábios ou lágrimas nos olhos, amarrou os cordões da touca...

Teria podido casar-se, mas não quis. Também não achou que fosse seu dever entrar para o convento.

Por quê? Lá tem suas razões.

Talvez um dia, depois de haver estudado longamente a vida e encarado o amor no coração dos homens, julga ter reconhecido que a fidelidade não existe, que a ternura que eles dão jamais equivale ao chamado que lhe fizeram, que o interesse faz parte dos seus melhores sentimentos, que o egoísmo é a base de tudo, que a deslealdade é coisa comum e o respeito bastante raro. Daí surge a decepção. Esta decepção transforma-se num princípio e elas resolvem: “Não me casarei”.

Um dia, talvez, num esplêndido, mas imprudente impulso, levaram o ideal de amor a alturas inacessíveis. Procuraram entre os viajantes humanos algum que tivesse o coração bastante ritmado, o andar bem enérgico, para, com ela, atingirem tais alturas. E não encontraram. Então sopraram o sonho; ele se apagou como a vela do altar depois da Bênção. E elas abaixaram a cabeça e fecharam os olhos, enquanto diziam ao coração: “Não existe amor para ti, não existe ternura digna da tua...” Não se casarão.

Talvez um dia tenham amado ardentemente e ardentemente tenham sido amadas... Já estavam às portas do casamento. As duas mãos, já unidas, iam colher o fruto da árvore sagrada. E, então, as influências fizeram-se sentir; oposições se ergueram; daqui e dali surgiram recusas, cheias de ameaças, de cólera, de súplicas... Foi horrível. Perturbação, revolta, indignação... E, depois, as duas mãos se afastaram uma da outra, e a jovem deixou cair o braço. E ela partiu, para sempre magoada, para sempre solitária, como o ficam certos seres que renunciam seu sonho, sacrificam sua felicidade, mas impõem-se permanecer sempre fiéis, viver de uma lembrança e, desta forma emocionante, realizar seu amor.

Um dia, talvez, porque os pais estavam doentes ou velhos, porque os irmãozinhos eram numerosos, compreenderam que se lhes impunha um sacrifício. Era preciso uma ajuda à mamãe, uma enfermeira ao papai.

Talvez fosse precisa uma mamãe para aqueles que não mais a tiverem. Assim proposto, o problema não permitia ilusão alguma. Era bem claro o que significava.

Nobres almas tiveram a coragem de encarar a realidade das coisas. Refletiram, rezaram, choraram. Agitaram-se. Mas, escondendo a fraqueza num sorriso, confiando só a Deus seu segredo, vencidas pelo dever e vencedoras de sua fraqueza, disseram, sem pronunciar uma só palavra, que não haveria mais casamento. Com efeito, não se casarão. Deus, que é o único, a saber, do que se passou, somente Ele poderia responder e responderia – na Eternidade Ele responderá – depondo sobre essa jovem fronte pensativa uma coroa do lírio das virgens e da rosa dos mártires.

Um dia, talvez, souberam que ao apostolado cristão faltavam operárias e que ele lançava seu apelo veemente aos quatro ventos... São necessárias professoras para o ensino livre... Onde encontrá-las?... Para tal obra social são necessárias pessoas livres e dedicadas... De onde virão elas?... São necessárias diretoras e auxiliares para os patronatos... Quem serão elas?... É preciso... é preciso... Hoje em dia são tão necessárias certas pessoas que se dedicam a essas piedosas obrigações, a cumprirem certas obrigações cada vez mais complicadas e sempre urgentes, e fazerem para Deus o que nem as Religiosas nem as senhoras casas podem fazer no mundo... Elas leram “Maggy” ou o “Cristo no subúrbio”; aí viram a história verdadeira de jovens heróicas com esse heroísmo. Elas disseram: “Também eu”. Foram criticadas, suspeitadas, ridicularizadas. Delas murmuraram que “era uma louca imprudência”, “um capricho passageiro”, “que isso não era situação que servisse”, “que não se tem direito a proceder assim quando se pode proceder de modo diferente”, que “ser solteirona era a última das ocupações e, para a família, a maior das humilhações...”. Murmuraram-lhes no ouvido que “eram belas... que tal rapaz pensava nelas... que faltam à Igreja mais mães cristãs do que solteironas dedicadas”... que, enfim, “decentemente, não se têm dessas idéias”... etc.,

etc.. Tudo escutaram, viram os prós e os contras. Cercaram suas meditações de muita oração... E depois, lentas, mas enérgicas, seguras de seu ideal, dizem: “Não me casarei”.

É por todas essas razões, e ainda outras existem, - cada uma tem as suas – que se fica solteirona por livre escolha.

Que pensar delas?

Que pensar das que quiseram casar-se e não puderam?

É dever de bom senso não zombar delas, pelo menos maldosamente, com essa crítica que já deixou de ser brincadeira e que se transforma em crueldade!... Porque, enfim, senhorinha, minha jovem senhorinha, você está tão certa assim de encontrar aquele que você procura?...

E ele procurá-la-á?... Na sua idade, também elas esperavam como você, talvez até com maiores razões do que você! Quem lhe afirma que, como elas, não ficará de lado? Você é assim tão irresistivelmente bela, tão fabulosamente rica, tão genialmente inteligente que não possa deixar de “chamar a atenção” de algum jovem entusiasta? Você está mais segura de morrer do que de casar... Talvez a Igreja reserve para você somente o dobrar dos *requiem* em vez dos acordes da marcha nupcial... Espere um pouco... E, depois, se você ainda ousar, zombe à vontade!

E mesmo, você terá esse direito?

Porque, enfim, minhas senhoras, a sorte será sempre uma superioridade? Se são felizes no lar, satisfeitas com o amor, será razão suficiente para desprezar aquelas que, tanto quanto vocês, mereciam a felicidade?

Aliás, essa felicidade e esse sucesso com que dinheiro foram, às vezes, comprados? Tais conquistas serão sempre nobres vitórias? As companheiras que hoje estão sós por terem sido anteriormente por demais pudicas, por demais discretas, por demais reservadas, creio que mereceriam um pouco de respeito!

Deus que julga e compara talvez as julgue de modo diferente...

A justiça quer que se seja indulgente para com elas.

Conhece-se o gênero de vida que possuem, suas manias, seu “tudo o que vocês quiserem”. Os livros dizem-no bastante. As conversas também. Fala-se muito mal delas. São cobertas de todos os ridículos. Nelas se conhecem todos os defeitos. Têm mau gênio!... Têm uma língua muito comprida!... Que é que elas não têm?

E você, senhora casada, você não fala nada? Seu gênio é suave como uma doce melodia? Se perguntássemos a seu marido, que responderia ele? O bigode caído de tal ou tal marido é a prova mais do que eloquente (?). Já se sabe: algumas solteironas resistiram a todos os encantos da serpente, mas algumas senhoras também.

De maneira que, resumindo, pode-se agradecer a Deus determinada solteirona não haver encontrado marido e, do mesmo modo, lamentar determinado marido porque sua mulher não ficou solteirona...

Se, portanto, vemos claramente que as solteironas possuem defeitos que lhes são próprios ou têm os defeitos comuns, mas levados ao mais alto grau, ainda assim deveriam ser julgadas com menos severidade. O doente tem direito a queixar-se. O miserável, quando acusa a vida, blasfema menos do que um outro. O soldado, chafurdando na lama da trincheira, merece muito mais condescendência por suspirar depois da paz assinada.

As solteironas têm suas amarguras: é a solidão da casa em que vivem que lhes faz mal. Preocupam-se demais com os outros: é porque lhes faltam crianças com que se ocuparem. Criticam, espiam, invejam. Certamente, fazem mal. Mas pensem como é natural, lancinante até, para um coração sem amor, a tentação de invejar a felicidade que se não tem! Ver passar na rua jovens mães sorridentes ou então a avó inclinada para um lindo bebê é coisa bem dura para quem não dá carícias nem beijos. As jovens têm seus pais; as senhoras idosas seus filhos. E elas, que não são nem jovens, nem mães, não têm ninguém. A justiça, aliada à compaixão, quer que se perdoe muito àquelas às quais muito falta.

E a caridade exige que sejam ajudadas. Não a fiquem solteironas, pois já o são, mas a sê-lo nobremente, dignamente, sem que nosso ar de habitual desprezo, nosso sorriso quase ultrajante, nosso desagradável vocabulário não as obriguem a considerar-se a escória da vida, as parasitas da sociedade, quase como leprosas. Ora, elas não são isso. São o que são, eis tudo. Se, maldosamente, as consideram inúteis, não lhes podem, contudo, tirar o direito de viver em paz. Se são inúteis, outras há que o são ainda mais do que elas! Porque só o fato de trazer o nome de um homem bastará para tornar uma mulher respeitável? E porque merecerá a solteirona ser enterrada viva só porque conservou durante a vida inteira seu nome de moça?

Que pensar das que escolheram o celibato por livre vontade?

Primeiramente, têm o direito de fazê-lo

É preciso afirmar esse direito bem alto, para que todos o ouçam.

E porque não o teriam? Como provar que uma jovem seja obrigada, ou a casar-se, ou a entrar para o convento? Só se é obrigada a seguir um desses estados se, por um lado, a vocação for clara e, por outro, a evidência se impõe de que será essa a honestidade moral. Fora desses casos, não.

O que é absolutamente obrigatório é salvar a alma, embora se seja obrigada a sacrificar o universo. Ora, também o caminho das solteironas conduz ao Céu, algumas vezes mesmo muito diretamente.

O desejo de ter um marido e filhos, o dever de professar os votos, não pesam obrigatoriamente sobre ninguém em particular. É mais um dever geral que se impõe para o conjunto, com possíveis exceções, sem que se possa obrigar cada uma em particular, a submeter-se a ele sob pena de pecado ou condenação.

Desde que a celibatária possa amar a Deus, conhecê-lo e servi-lo é o suficiente para que ela tenha o direito de ser quem é. Desde que no Paraíso haja uma poltrona para ela, porque não a haverá nas casas de família? Desde que em casa de Deus ela poderá usar o manto real das virgens, porque aqui na terra querem cobri-la com a roupa destinada às loucas ou com os farrapos das doidas?

Se tem esse direito, poderá exercê-lo. Os pais abusam quando o proíbem e a opinião pública calunia quando ela não lhe dá importância.

Merecem respeito tanto quanto as outras

Não fica ao fogareiro zombar do carvão porque, visto por baixo, um é tão negro quanto o outro. Ser casada não é suficiente para merecer respeito; ser solteirona não é suficiente para merecer desprezo ou piedade. Por que se merecerá o respeito? Pela utilidade que se dá à vida. Ora, existem vidas matrimoniais completamente inúteis e também existem vidas celibatárias perfeitamente úteis. Quando as senhoras casadas cumpriram com sua obrigação e as religiosas também, nada mais resta a fazer para a beleza do mundo e sua felicidade? Sim, ainda resta muita coisa. E esse muito, quem o fará? Quem o faz, realmente? Suprimam todas as que não são casadas nem Religiosas e olhem. Fica um imenso campo abandonado e infrutífero. E a humanidade sofre com sua falta.

Os doentes, os pobres, os pequenos, os abandonados, os “abandonados a si mesmos”, poderiam dar testemunho.

Seria uma curiosa estatística a que, abrangendo a vida material, moral e religiosa do mundo, fixasse primeiramente tudo o que as “solteironas” fizessem de bom e, depois, tudo o que, sem elas, não estaria feito!

A igreja o sabe e não receia afirmá-lo. Ela não se acanha de defendê-las. Não tem para elas um sacramento especial nem uma cerimônia de profissão, mas tem para elas sua bênção e seu reconhecimento. A estima que tem para elas vinga-se. Cobre-as com sua aprovação, e isso lhes é suficiente. A confiança da Igreja vale cem vezes mais do que o desprezo do mundo. E, se elas existem unicamente para assegurarem a Cristo algumas aforadoras, à Mesa Eucarística, algumas comungantes, a preencher no Templo quase deserto o vazio de muitas outras ausências, tudo isso não bastaria para que elas existissem? Uma artista se justifica (é justificada pelo mundo) pelo fato de dançar, declarar e cantar! Comungar, rezar, adorar são coisas bem melhores. Quem se ocupa dessas coisas adquire mais um direito do que uma respeitosa tolerância.

Algumas vezes praticam o que de mais nobre existe no mundo

Se todas as escolas, todos os orfanatos, todos os patronatos contassem sua história e se, levantadas de sua cama ou de seu túmulo, as velhas mães dissessem o que sabem, a humanidade ficaria conhecendo o que deve às “solteironas”. O baile com seus “flirts”, as praias com seus escândalos, a moda com suas audácias, não lhes devem grande coisa. Mas, na humanidade, não existem somente os que “flirtam”, os que dançam e gozam férias. Existem os que sofrem, os repelidos, os incuráveis e os contaminados. Existem as feridas supuradas e os cabelos cheios de piolhos. Existe tanta miséria e tanta sujeira! Mulheres há que provêm a essas grandes necessidades, e Religiosas também. Mas

sempre vemos “solteironas” que as acompanham. Porque existem muitas solteironas que o são desde “a idade de vinte anos”, desde que, generosas e heróicas, juraram assim permanecer para melhor se dedicarem.

Esse esplendor moral oculta-se. Em seu lugar exibem-se as ridículas “toilettes” e as ridículas “toilettes” absorvem o olhar do público.

Tanto pior! Já o sabiam de antemão as solteironas e mesmo assim aceitam. Aquele para quem elas trabalham também o sabe. O resto pouco importa. Só dão importância à opinião de Jesus Cristo. Mas algumas vezes, se somos sinceros, surpreendemo-nos a pensar na inapreciável abundância de secreto devotamento... Tremendo, levantamos o véu... olhamos... escutamos... O que então vemos é mais belo do que tudo que se apresenta nos teatros das cidades; o que se ouve faz rir de alegria, porque é o batimento de inúmeros corações devotados ao amor dos infelizes.

Então, não se ousa mais rir das solteironas. Ao contrário, diante delas, sentimo-nos envergonhados de nós mesmos. E esta vergonha é, para elas, a maior homenagem...

Nesta época, em que cada vez mais aumenta a crise de empregadas, tanto para Cristo como para os ricos, é emocionante vermos como Ele encontra nelas servas obedientes e submissas, de tal modo que nem Religiosas nem senhoras do mundo as superam, e, em sua soberana humildade, elas atingem os altos cumes da pura santidade.

Conclusão

Resumindo, trata-se de cada um permanecer em seu lugar, comportar-se bem, cumprir com suas obrigações.

Isso supõe lealdade, generosidade, algumas vezes resignação, e sempre uma presteza em fazer tudo o que Deus ordenar.

Nenhuma das três vocações deve olhar para a outra de maneira desprezível. Nenhuma das três vocações deve envergonhar-se de si mesma.

Todas três têm sua grandeza, suas dificuldades, seus méritos. Todas três têm sua coroa no Céu e, na terra, seus altares construídos pelos que as irão honrar.

Para uma jovem, haveria desonra onde houvesse pecado. E o pecado seria: casada, Religiosa ou solteirona; tomar, diante do apelo positivo, a atitude do jovem covarde que baixa a cabeça e foge; cumprir levemente com as obrigações inerentes a cada um desses estados; realizar frívola e desinteressadamente o ideal que cada um representa.

E, maltratando uma vocação que é bela e deveria embelezar a vida, seria prejudicar a própria vida.

E este crime (pois é crime) ninguém, com vinte ou quarenta anos, tem o direito de cometê-lo.